



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

VASCO EMANUEL MARTINS FIGUEIRINHA

Do Cristo que fala à Igreja que escuta
Estudo exegético-pastoral da trilogia “conhecer”,
“dizer” e “ouvir” em Ap 2-3

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor João Duarte Lourenço

Lisboa
2012

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Abreviaturas e Siglas | 5 |
| 1. Versões da Bíblia | 5 |
| 2. Livros da Sagrada Escritura | 5 |
| 3. Dicionários e Revistas | 6 |
| | |
| Introdução | 8 |
| | |
| CAPÍTULO I – O CONTEXTO DO APOCALIPSE | |
| 1. O contexto da Apocalíptica judaica | 10 |
| 2. Elementos introdutórios ao Apocalipse de João | 13 |
| a) <i>Língua e hermenêutica</i> | 13 |
| b) <i>Gênero literário</i> | 14 |
| c) <i>Autor, destinatários, data e local de composição</i> | 14 |
| d) <i>Elementos para uma estrutura literária</i> | 15 |
| | |
| CAPÍTULO II – O CONTEXTO DAS SETE IGREJAS DA ÁSIA MENOR | |
| 1. O contexto espaço-temporal de cada Igreja | 16 |
| 1.1. <i>Éfeso</i> | 16 |
| 1.2. <i>Esmirna</i> | 17 |
| 1.3. <i>Pérgamo</i> | 18 |
| 1.4. <i>Tiatira</i> | 18 |
| 1.5. <i>Sardes</i> | 19 |
| 1.6. <i>Filadélfia</i> | 19 |
| 1.7. <i>Laodiceia</i> | 20 |
| 2. A mensagem de Cristo a cada uma das Igrejas | 20 |
| 2.1. <i>Éfeso</i> | 21 |
| 2.2. <i>Esmirna</i> | 22 |
| 2.3. <i>Pérgamo</i> | 23 |

| | |
|------------------------------|----|
| 2.4. <i>Tiatira</i> | 25 |
| 2.5. <i>Sardes</i> | 27 |
| 2.6. <i>Filadélfia</i> | 29 |
| 2.7. <i>Laodiceia</i> | 30 |

CAPÍTULO III – A ESTRUTURA LITERÁRIA DAS SETE MENSAGENS

| | |
|--|----|
| 1. Abordagem introdutória | 33 |
| 1.1. <i>O significado e sentido das sete mensagens</i> | 33 |
| 1.2. <i>O gênero literário</i> | 34 |
| 2. A estrutura literária | 36 |
| 2.1. <i>Elementos estruturantes</i> | 45 |
| 2.2. <i>Estrutura</i> | 49 |
| 2.3. <i>As três fórmulas sempre constantes</i> | 51 |

CAPÍTULO IV – “CONHECER”, “DIZER” E “OUVIR” – NÚCLEOS TEMÁTICOS FUNDAMENTAIS EM AP 2-3

| | |
|---|----|
| 1. O verbo «conhecer» ($[dy^{\prime\prime}] / oi\acute{e}a$) | 53 |
| 1.1. $[dy^{\prime\prime}]$ (<i>yādā'</i>) | 54 |
| a) <i>Etimologia e ocorrências</i> | 54 |
| b) <i>Conhecimento do mundo</i> | 54 |
| c) <i>Uso religioso</i> | 56 |
| d) <i>Revelação</i> | 57 |
| 1.2. <i>oiēa</i> (<i>oīda</i>) | 58 |
| 1.3. <i>Sujeito e objecto de oiēa, em Ap 2-3, na fórmula oiēa</i> | 58 |
| 2. O verbo «dizer» ($rma^{\prime} / legw$) | 60 |
| 2.1. rma^{\prime} (<i>'amar</i>) | 61 |
| a) <i>Raiz e uso geral</i> | 61 |
| b) <i>Uso teológico</i> | 62 |
| 2.2. <i>legw</i> (<i>légô</i>) | 64 |
| a) <i>legw / logoj no helenismo</i> | 64 |

| | |
|---|----|
| b) “Palavra” e “falar” no AT | 65 |
| 2.3. Sujeito e objecto de <i>legw</i> , em Ap 2-3, na fórmula <i>tade legei</i> | 68 |
| 2.4. <i>ti to pneu$\acute{\eta}$ legei</i> : um presente durativo | 72 |
| 3. O verbo «ouvir» ([<i>mv'</i> / <i>akouw</i>) | 73 |
| 3.1. [<i>mv'</i> (<i>šāma'</i>) | 73 |
| a) Etimologia | 73 |
| b) Imperativos | 73 |
| c) A Lei de Yahweh | 74 |
| d) Sabedoria | 74 |
| e) LXX | 74 |
| 3.2. <i>akouw</i> (<i>akouô</i>) | 74 |
| a) O ouvir do homem | 75 |
| b) O ouvir de Deus | 76 |
| 3.3. Sujeito e objecto de <i>akouw</i> , em Ap 2-3, na fórmula <i>o' ecwn ouj</i> | 76 |
| Conclusão: <i>oiēa</i> , <i>legw</i> e <i>akouw</i> , como trilogia profética | 77 |

CAPÍTULO V – DO CRISTO QUE FALA À IGREJA QUE ESCUTA

| | |
|---------------------------|-----|
| 1. Cristo conhece | 80 |
| 2. Cristo fala | 84 |
| 3. A Igreja escuta | 86 |
| Conclusão | 91 |
| Bibliografia | 98 |
| Anexos | 102 |

ABREVIATURAS

| | |
|------|-------------------|
| a.C. | antes de Cristo |
| AT | Antigo Testamento |
| cf. | confrontar |
| d.C. | depois de Cristo |
| ed. | edição/editor |
| NT | Novo Testamento |
| séc. | século(s) |
| ss | seguintes |
| v(v) | versículo(s) |

SIGLAS

1. Versões da Bíblia

| | |
|-------------|--|
| LXX | Setenta (Versão Grega do texto do Antigo Testamento) |
| TGNT | <i>The Greek New Testament</i> |

2. Livros da Sagrada Escritura

| | | | |
|-----------------|---|-----------------|--|
| Abd | Abdias | 2 Cr | 2º Livro das Crónicas |
| Act | Actos dos Apóstolos | Dan LXX | Daniel (versão dos LXX) |
| Ag | Ageu | Dan Teod | Daniel (versão de Teodição) |
| Am | Amós | Dt | Deuteronómio |
| Ap | Apocalipse de João | Ecl | Eclesiastes (ou Qohelet) |
| Bar | Baruc | Ef | Carta aos Efésios |
| Bel Teod | História de Bel e do Dragão (versão de Teodição) | Esd | Esdras |
| Cant | Cântico dos Cânticos | 1 Esd | 1º Livro de Esdras (na versão dos LXX. É um apócrifo) |
| Col | Carta aos Colossenses | 2 Esd | 2º Livro de Esdras (na versão dos LXX. Corresponde ao livro de Esdras) |
| 1 Cor | 1ª Carta aos Coríntios | | |
| 1 Cr | 1º Livro das Crónicas | | |

| | | | |
|--------------|---|--------------|--|
| Est | Ester | Ne | Neemias |
| Ex | Êxodo | Nm | Números |
| Ez | Ezequiel | Os | Oseias |
| Gen | Gênesis | Prov | Provérbios |
| Heb | Carta aos Hebreus | 1 Re | 1º Livro dos Reis (na versão dos LXX, a sigla corresponde ao 1º Livro de Samuel) |
| Is | Isaías | 2 Re | 2º Livro dos Reis (na versão dos LXX, a sigla corresponde ao 2º Livro de Samuel) |
| Jer | Jeremias | 3 Re | 3º Livro dos Reis (presente na versão dos LXX. Corresponde ao 1º Livro dos Reis) |
| Jl | Joel | 4 Re | 4º Livro dos Reis (presente na versão dos LXX. Corresponde ao 2º Livro dos Reis) |
| Jn | Jonas | Rom | Carta aos Romanos |
| Jo | Evangelho de S. João | Ru | Rute |
| Job | Job | Sab | Sabedoria |
| Jos | Josué | Sal | Salmos |
| Jud | Judite | 1 Sam | 1º Livro de Samuel |
| Jz | Juízes | 2 Sam | 2º Livro de Samuel |
| Lam | Lamentações | Sir | Eclesiástico (ou Ben Sirá) |
| Lc | Evangelho de S. Lucas | Sof | Sofonias |
| Lv | Levítico | 1 Tes | 1ª Carta aos Tessalonicenses |
| 1 Mac | 1º Livro dos Macabeus | Tob | Tobite |
| 2 Mac | 2º Livro dos Macabeus | Zac | Zacarias |
| 3 Mac | 3º Livro dos Macabeus (na versão dos LXX. É apócrifo) | | |
| 4 Mac | 4º Livro dos Macabeus (na versão dos LXX. É apócrifo) | | |
| Mal | Malaquias | | |
| Mc | Evangelho de S. Marcos | | |
| Miq | Miqueias | | |
| Na | Naum | | |

3. Dicionários e Revistas

TDOT *Theological Dictionary of the Old Testament*, BOTTERWECK, G. J. (ed.); William B. Eerdmans Publishing Company, Cambridge, 2003

- GLNT** *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, MONTAGNINI, F.; et all. (ed.), Paideia, Brescia, 1968
- TABD** *The Anchor Bible Dictionary*, FREEDMAN, D. N. (Ed.), Doubleday, New York, 1992.
- TIDB** *The interpreter's Dictionary of the Bible*, G. A. BUTTRICK (ed.), Abdingdon Press, New York, 1962.
- NTS** *New Testament Studies*

INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos esta dissertação iremos tomar o texto de Ap 2-3, procurando estudar a trilogia verbal “conhecer”, “dizer” e “ouvir” aí presente. Este texto salienta uma relação profunda entre Cristo e a sua Igreja. Através destas sete Cartas, o autor do Apocalipse dirige-se à Igreja no seu todo, mostrando-lhe que Jesus, assumindo uma prerrogativa divina, fala-lhe como seu único Senhor, como Aquele que conhece bem a sua situação concreta, para que ela possa ouvir os seus apelos e converter-se, abandonando a sua situação de pecado¹. O nosso interesse por este estudo consiste nos desafios pastorais que este texto nos oferece, para uma aplicação à vida da Igreja, hoje.

Sendo um dos septenários do Apocalipse, as Cartas, não obstante, assumem uma dimensão profética, diferente do tom geral do livro. Aí, o autor é encarregue de escrever às Igrejas, às quais Cristo se dirige em pessoa, apresentando-se com os títulos da visão inaugural. Confronta as sete comunidades eclesiais da Ásia Menor (Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia) para que estas se possam sentir interpeladas a partir do seu contexto histórico-social e mover-se para uma conversão a Deus, ou para guardar aquilo que tem e que realiza bem.

Por isso, propomo-nos cumprir os seguintes objectivos: *a)* estudar a trilogia e verificar a sua relação teológica, como geradora de uma dinâmica entre Cristo e a sua Igreja; *b)* estudar a sua aplicação na vida da Igreja; *c)* estudar em que medida é que a trilogia, a partir da estrutura das cartas, influencia o ritmo do texto; *d)* estudar a influência que o AT e o NT têm nesta trilogia, nomeadamente, a influência do profetismo bíblico e do agir de Jesus, que nos apresenta o NT; *e)* Estudo da sua aplicação na liturgia.

Ao longo do trabalho teremos sempre presente o texto grego de Ap 2-3, como se pode conferir na bibliografia. Por isso mesmo, não nos vamos restringir à tradução portuguesa da Difusora Bíblica, ainda que seja a partir daí que o estudo vai sendo feito, pois há certos elementos que esta versão não releva como determinantes. Também usaremos o auxílio do Bible Works 7, principalmente na confrontação com as várias passagens veterotestamentárias que sejam necessárias.

¹ Cf. MOLINA, F. C. (Coord.), *Apocalíptica e Milenarismo*, Actualidade Bíblica 10, Difusora Bíblica, Fátima, 2006, 16-17.

Sobressaindo à vista e modelando a estrutura das próprias cartas, os verbos “conhecer”, “dizer” e “ouvir” constituem uma dinâmica que as Igrejas estão chamadas a viver. Apresentamo-los não pela ordem que aparece no texto, mas por uma ordem “cronológica”, uma vez que Cristo conhece o ambiente envolvente das comunidades, bem como a sua conduta, e, porque assim é, dirige-lhes a palavra, para que estas possam escutá-la e obedecer-lhe. No entanto, esta dinâmica não se encerra no tempo e no espaço, mas está aberta a uma actualização, universal e intemporal. Por isso faremos um percurso neste trabalho. Primeiro, antes do tema propriamente dito, estudaremos o contexto do Apocalipse em geral, verificando a sua pertença à literatura apocalíptica, bem como algumas questões introdutórias do livro. Em seguida, veremos o contexto histórico e social das Igrejas da Ásia Menor, tentando perceber como é que João, em nome de Cristo, conseguiu ser incisivo na sua mensagem, partindo da situação concreta das comunidades. Depois, procuraremos perceber como é que, na estrutura literária das Cartas, se salientam estes três verbos e que importância têm nela. A seguir, procuraremos ver como é que a profecia veterotestamentária ecoa na trilogia e em que medida é que esta última se torna o núcleo central das cartas. Por fim, faremos uma actualização da mensagem às Igrejas, verificando em que medida a dinâmica da trilogia continua a ser válida para a Igreja de hoje.

Ao longo do estudo fomos sentindo algumas dificuldades: em primeiro lugar, o obstáculo da incapacidade de perceber algumas línguas, como o Francês e o Alemão, o que restringiu o âmbito da pesquisa bibliográfica; a dificuldade no Inglês apenas atrasou a leitura, mas foi facilmente contornável; outra contrariedade foi a rara bibliografia sobre este tema específico; o estudo da Apocalíptica foi algo que atrasou relativamente o resto da pesquisa, pois foi morosa; um outro obstáculo foi o tempo dispendido na contagem das palavras gregas, a partir das Concordâncias e confronto de algumas passagens bíblicas relevantes; a leitura particularmente morosa do significado de cada verbo da trilogia nos Léxicos do Antigo e Novo Testamentos foi mais uma das dificuldades sentidas; finalmente, deparámo-nos com um obstáculo relacionado com o verbo οἶδα, uma vez que nos apercebemos que a forma como era usado nas Cartas não correspondia à forma como se encontra no profetismo do AT, sendo o verbo γινώσκω o que assumia tal uso.

CAPÍTULO I

O CONTEXTO DO APOCALIPSE

O Apocalipse joanino está inserido num contexto próprio, que é o da literatura apocalíptica judaica. Neste contexto, torna-se oportuno fazer um breve estudo acerca deste fenómeno a fim de melhor se compreender as Cartas às Igrejas que constituem o objecto deste trabalho. Por outro lado, é importante apresentar alguns elementos introdutórios acerca do Apocalipse, para percebermos o enquadramento das Cartas no livro.

1. O contexto da Apocalíptica judaica

Pode dizer-se que esta literatura floresce mais intensamente a seguir à profética uma vez que, com a mudança de cenário da situação do povo hebreu – passagem do domínio persa para o domínio helenista – e o silêncio cada vez maior dos profetas, surge como mensagem de conforto e apelo ao Deus, que é Senhor da história, em contraposição à caducidade dos reinos e poderes deste mundo.

Se pretendermos definir o alcance da literatura apocalíptica deparamo-nos com um problema: esta literatura é tão abrangente e ampla que se torna difícil delimitá-la. Como diz G. A. Pérez, “trata-se de um termo abstracto (...) para designar um fenómeno de tipo literário, religioso, cultural e social que, pela sua amplitude e indefinição de seus contornos, resulta praticamente impossível delimitar”².

A literatura apocalíptica é vasta, variada e surge em contextos diferentes, produzida em diferentes circunstâncias e por diferentes grupos. Deste modo, na opinião de J. Asurmendi, não se deve falar de um “movimento apocalíptico”. Quanto muito falar-se-ia em vários movimentos, de épocas diferentes, não necessariamente conectados entre si³.

As origens da Apocalíptica Judaica permanecem um mistério. Este tema é alvo de vários estudos e de numerosas opiniões, que não serão alvo de estudo agora. Porém, parece certo que a apocalíptica judaica se desenvolve nos finais do séc. III a.C. / inícios do séc. II a.C. até mais ou menos os inícios do séc. II da era cristã. No entanto, alguns profetas utilizam uma

² PÉREZ, G. A., «El Destierro de Babilonia y las raíces de la Apocalíptica» in *Estudios Bíblicos* 56 (1998) 336.

³ LAMADRID, A. G. et al., *Historia, Narrativa, Apocalíptica*, Introducción al Estudio de la Biblia, 3b, Editorial Verbo Divino, 2ª Ed., Navarra, 2003, 527.

linguagem semelhante à da apocalíptica numa época cronologicamente anterior ao séc. III (mas, de maneira geral, com o objectivo de chamar à conversão): “a literatura profética expressa, através da linguagem apocalíptica, realidades transcendentis vividas na história”⁴. Porém, o movimento dito apocalíptico aparece posteriormente. Como pano de fundo temos os começos do domínio helénico que, no contexto do judaísmo, teve bastante impacto, nomeadamente, no domínio selêucida com o governo de Antíoco IV Epifânio (175-164). Sem dúvida que a grande crise do Exílio da Babilónia (587) provocou o aparecimento de textos que já encerram algumas ideias da apocalíptica, especialmente nalguns textos dos profetas (Isaías 24-27; 56-66; Ezequiel e Daniel). Mais, “é na época e na literatura judaica em torno do desterro onde estão as raízes do que se vem chamando «a apocalíptica»”⁵. No entanto, foi a já referida opressão levada a cabo por Antíoco IV Epifânio que deu ocasião ao aparecimento do livro de Daniel, o primeiro e maior de todos os escritos apocalípticos judaicos do Cânon do Antigo Testamento⁶, e proporcionou a proliferação da restante literatura. Discute-se quais terão sido as fontes desta literatura, que bem podem ter sido de origem mesopotâmica ou grega, mas também judaica⁷. De qualquer das formas, surge numa situação de opressão, procurando dar conforto e confiança e dando um sentido à história, que tenderá para a libertação⁸. Neste período, em que a profecia se encontrava praticamente extinta e o povo vivia um novo momento de sofrimento, surge a apocalíptica na qual os “autores inspirados recolheram as aspirações do povo e expressaram-nas através da mesma linguagem apocalíptica já utilizada pelos profetas”⁹.

Porém, embora a apocalíptica tenha semelhanças com a profecia não se identifica com esta. É herdeira da escatologia dos profetas, “de um ramo que se desenvolveu dentro do

⁴ MUÑOZ, M. P., «Apocalíptica no Antigo Testamento» in MOLINA, F. C. (Coord.), *Apocalíptica e Milenarismo*, 37.

⁵ PÉREZ, G. A., «El Destierro...», 353.

⁶ RUSSEL, D.S., *L'apocalittica giudaica*, Paideia Editrice, Brescia, 1991, 34.

⁷ A este respeito veja-se o que diz G. Aranda Pérez: “Um aspecto importante da discussão actual é se a apocalíptica surge em Israel por influxo de ideias religiosas alheias à própria tradição israelita, assumidas na época do desterro ou posteriormente, ou se se trata, melhor, de um desenvolvimento peculiar das antigas tradições de Israel” in PÉREZ, G. A., «El Destierro...», 341.

⁸ Ver LAMADRID, A. G., *Historia*, 528: “A finalidade social dos apocalipses não é preparar os seus adeptos para o confronto concreto, para a resistência activa, militar ou não, mas educá-los e sobretudo informar do final de uma situação de sofrimento e opressão, real ou imaginária. “Consolar”, “dar segurança e garantias”, dar a “chave da inteligência da história” que, à primeira vista, parece absurda e sem sentido desde o ponto de vista da fé do crente. Trata-se de dar forças para se manter e resistir, não para lutar”; RUSSEL, D.S., *L'apocalittica*, 36 e também *The Anchor Bible Dictionary*, FREEDMAN, D.N. (ed.), A-C Doubleday, New York, 1992, 280.

⁹ MUÑOZ, M. P., «Apocalíptica...», 38.

movimento sapiencial”¹⁰. Do mesmo modo, existe uma estreita ligação entre sabedoria e apocalíptica, nomeadamente no que diz respeito a uma concepção determinista da história¹¹.

Como dissemos, a questão das origens da apocalíptica continua em aberto. As suas fontes podem ter sido a escatologia profética, a sabedoria, etc. Porém, não deixa de ser uma literatura nova e com objectivos diferentes, sejam quais forem as suas fontes.

Este tipo de literatura tem características próprias que o distinguem dos demais. É isso mesmo que iremos expor aqui, em jeito de síntese, com base nos vários autores consultados.

- Esoterismo e simbolismo – talvez seja este aspecto que salta mais à vista quando falamos de apocalíptica. A apocalíptica tem uma linguagem esotérica, fechada: há segredos que são revelados (antes confiados a figuras célebres do passado), pois o fim está próximo, e são destinados aos iniciados. Aqueles que estão de fora, os inimigos, os estranhos ao povo eleito, não conseguem compreender essas palavras. Isto está ligado ao aspecto simbólico, já que a utilização de certas imagens, como as cores, os números, a representação mitológica permite a acusação do inimigo¹².
- Pseudonímia – devido a uma necessidade de autoridade, havia o costume de se atribuir certos escritos a figuras célebres do passado. É o que acontece com os livros apocalípticos, cuja finalidade é pôr em manifesto que o plano divino está determinado desde as origens: revelado a determinada figura do passado, é mantido em segredo até ao dia de se manifestar¹³.
- Supranaturalismo – “a literatura apocalíptica interessa-se por um outro mundo, além desta realidade”¹⁴. Há um confronto entre os dois mundos: o actual (numa luta contra o mal) e o vindouro (que vem de Deus e Lhe pertence). Também se verificam viagens celestes.
- Dualismo e pessimismo – há uma visão dualista e pessimista do mundo actual, onde combatem as forças malignas contra as forças de Deus: estas últimas sairão vitoriosas. Neste contexto aparecem os anjos e demónios, cuja luta traz implicações

¹⁰ CARMONA, A. R., «Apocalíptica e Escatologia» in MOLINA, F. C. (Coord.), *Apocalíptica e Milenarismo*, 26.

¹¹ LAMADRID, A. G., *Historia*, 529.

¹² CUVILLIER, E., *Os Apocalipses do Novo Testamento*, Coleção Cadernos Bíblicos, nº102, Difusora Bíblica, Fátima, 2009, 4.

¹³ CUVILLIER, E., *Os Apocalipses*, 4.

¹⁴ CUVILLIER, E., *Os Apocalipses*, 5.

na vida do homem terreno. O mundo caminha a passos largos para o abismo e destruição. Porém, Deus criará um mundo novo¹⁵

- Determinismo – todas as coisas regem-se por um plano já predefinido por Deus desde a origem. Por isso, tudo “está determinado antecipadamente desde as origens e vai inexoravelmente para o seu fim”¹⁶.
- Transcendência / Visão do mal – a consideração de que os grandes impérios são “potências rebeldes a Deus e inimigas de Israel foi o pano de fundo histórico e ideológico no qual se passa a ver a origem do mal numa esfera sobre-humana”¹⁷. Por isso o mal é considerado como uma realidade autónoma, que teve lugar antes do começo da história¹⁸ e que está de tal modo enraizado no mundo que não há outra solução senão a sua transformação radical ou o seu desaparecimento, através de uma nova criação – os novos céus e a nova terra – juntamente com a instauração do Seu Reino¹⁹.
- Ideia de Messias²⁰ – esta figura está relacionada com a instauração do Reino de Deus. As suas funções variam consoante os escritos. Assim, temos várias ideias: um rei guerreiro, que expulsará os gentios de Jerusalém; aquele que, mediante a sua aparição e vitórias inaugurará o reino; outros escritos fazem referência à sua aparição após o reino, ou de maneira gloriosa antes da ressurreição; outros sublinham o papel de juiz; finalmente, há os escritos que não fazem referência a esta figura – o julgamento será feito pelos justos. Esta pluralidade mostra a diversidade de crenças que existiam.

2. Elementos introdutórios ao Apocalipse de João

As sete proclamações às Igrejas, que compõem os textos que vamos analisar, pertencem à própria estrutura do livro do Apocalipse; por isso, vamos fazer uma brevíssima referência às principais questões acerca do livro em si.

¹⁵ CUVILLIER, E., *Os Apocalipses*, 5.

¹⁶ CUVILLIER, E., *Os Apocalipses*, 6.

¹⁷ PÉREZ, G. A., «El Destierro...», 353.

¹⁸ LAMADRID, A. G., *Historia*, 532.

¹⁹ PÉREZ, G. A., «Apocalíptica Judaica fora da Bíblia» in MOLINA, F. C. (Coord.), *Apocalíptica e Milenarismo*, 49.

²⁰ PÉREZ, G. A., «Apocalíptica...», 50-51.

a) Língua e hermenêutica

Os estudiosos afirmam, maioritariamente, que o idioma em que foi escrito o Apocalipse é o grego da *koiné*, ainda que o autor pensasse e se expressasse em hebraico, ou aramaico²¹.

O Apocalipse oferece-nos uma série de elementos que precisam ser tidos em conta, se quisermos interpretá-lo bem. Aí se recorre a uma linguagem cifrada, própria de um ambiente onde predominava a perseguição ao autor, como aos destinatários. Mas também se utiliza uma linguagem simbólica, com imagens tiradas do AT – este tipo de linguagem serviria para universalizar a mensagem, ou seja, torná-la válida para todas as épocas. Usam-se, ainda, outros elementos simbólicos, tais como as cores e os números²².

Outro elemento é o facto de a linguagem do Apocalipse ser evocativa e afectiva, ou seja, apelar às emoções do receptor, produzindo uma reacção nele²³.

b) Género literário

Podemos dizer que o Apocalipse possui um género literário peculiar, uma vez que tem características da literatura apocalíptica (as visões, a linguagem figurada e simbólica, uma visão dualista e negativa do mundo e da história, uma predestinação da história orientada até um final, uma concepção sobrenatural do mundo e uma tensão na espera do final da história), mas também da literatura profética (comunica-se o nome de Deus e exortam-se os cristãos a manter-se firmes na fé). Por isso, pode dizer-se que tem uma forma apocalíptica e uma função e uma mensagem proféticas²⁴.

c) Autor, destinatários, data e local de composição

O autor identifica-se como «João» (cf. Ap 1,4.9). No entanto, e apesar da crença dos primeiros séculos de se tratar de João, o Evangelista, estudos recentes rebatem-na. Trata-se de uma questão aberta: tratar-se-á do pastor das sete comunidades? Ou João Marcos? Ou um João desconhecido? Ou estaremos perante um escrito pseudónimo?²⁵ O que parece ser

²¹ Cf. TUÑI, J.-O., ALEGRE, X., *Escritos Joánicos y Cartas Católicas*, Introducción al estudio de la Biblia 8, Editorial Verbo Divino, 7ª Ed., Estella, 2008, 216-217.

²² Cf. TUÑI, J.-O., *Escritos Joánicos*, 218-223.

²³ Cf. FARMER, W. R. (ed.), *Comentario Bíblico Internacional*, Editorial Verbo Divino, 4ª Ed., Estella, 1999, 1681-1682.

²⁴ Cf. FARMER, W. R. (ed.), *Comentario Bíblico Internacional*, 1680-1681.

²⁵ Cf. «Revelation, Book of» in *The interpreter's Dictionary of the Bible*, BUTTRICK, G. A. (ed.), R-Z, Abingdon Press, New York, 1962, 60.

importante é que o autor se considera um profeta que recebeu revelações da parte de Deus e que está incumbido de as comunicar às suas comunidades, para que se convertam²⁶.

João escreve a sete comunidades concretas da Ásia Menor, ainda que esse número simbólico seja um indicativo de que vai dirigida às comunidades cristãs em geral²⁷.

Quanto à data, também é uma discussão aberta, mas o mais provável é que tenha sido escrito por volta do ano 95 d.C., ou seja, a finais do reinado de Domiciano. O local de composição seria a zona da Ásia Menor, uma vez que o próprio autor aponta para a ilha de Patmos (cf. Ap 1,9) e porque as situações descritas nas cartas, relativamente às sete comunidades, coincidem com a situação política, religiosa, económica e social daquela zona, nos finais do séc. I²⁸.

d) Elementos para uma estrutura literária

Mais do que esboçar uma estrutura para o livro, pretendemos apresentar uma série de elementos que nos ajudam a compreender de que forma o Apocalipse está construído, uma vez que elaborar uma estrutura resultaria supérflua para o trabalho em questão, já que há várias propostas de inúmeros estudiosos.

Um primeiro elemento, que salta à vista, é que o Apocalipse está organizado essencialmente por septenários, alguns dos quais encadeando-se entre si. Este é, aliás, o ponto onde os exegetas estão em unânime concórdia²⁹.

Por outro lado, e seguindo a exposição de Xavier Alegre³⁰, encontramos mais alguns indícios literários – a introdução (Ap 1,1-8) e a conclusão (22,6-21) formam uma inclusão, dando a entender que a obra em si forma uma unidade. Os septenários centrais (dos selos, das trombetas e das taças) estão relacionados entre si e formam um paralelismo e uma progressão. Vão-se repetindo alguns dos motivos teológicos que ajudam a ver a relação entre os septenários. Os septenários estruturam-se em três partes: visão preparatória, núcleo central/mensagem e liturgia celeste.

²⁶ Cf. TUÑI, J.-O., *Escritos Joánicos*, 275.

²⁷ Cf. TUÑI, J.-O., *Escritos Joánicos*, 276.

²⁸ Cf. TUÑI, J.-O., *Escritos Joánicos*, 275 e FARMER, W. R. (ed.), *Comentario Bíblico Internacional*, 1683.

²⁹ Cf. BIANCHI, E., *El Apocalipsis. Comentario exegético-espiritual*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2009, 38.

³⁰ Cf. TUÑI, J.-O., *Escritos Joánicos*, 244-247.

CAPÍTULO II

O CONTEXTO DAS SETE IGREJAS DA ÁSIA MENOR

1. O contexto espaço-temporal de cada Igreja

Sete foram as Igrejas escolhidas pelo autor do Apocalipse (Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia) para dirigir uma mensagem na qual qualquer cristão se pudesse rever³¹. Resulta, deste modo, necessário conhecer o contexto de cada uma delas para que se possa, posteriormente, chegar ao tema em questão – a partir de comunidades concretas em situações diversas, o autor quer traçar o perfil de uma Igreja que, atenta aos apelos do seu Senhor e Salvador, escuta e é convidada a pôr em prática aquilo que ouviu: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2, 7.11.17.29; 3, 6.13.22)³².

1.1. Éfeso

Era uma cidade com bastante influência naquele tempo, a mais ilustre da Ásia Menor³³. Cidade costeira, era o ponto de chegada de todas as viagens marítimas do Mediterrâneo oriental, bem como de uma boa ligação por terra³⁴. Juntamente com Esmirna e Pérgamo formavam as três grandes cidades da província Romana da Ásia. Foi exactamente no período Greco-Romano que a cidade estava no seu apogeu³⁵.

A sua história tem várias fases: foi fundada no ano 900 a.C, como cidade jónica, passando por uma segunda fase a partir da conquista levada a cabo por Croesus, Rei da Lídia em 555. Rapidamente a cidade foi tomada novamente, desta vez pelos persas, em 546. Por fim, passou para cidade Romana, tendo-se tornado “a residência oficial do governador da província Romana da Ásia”, bem como o centro do culto imperial³⁶.

Quanto ao número de habitantes estima-se que tenham chegado a cerca de 250 000 habitantes. Também foi enriquecida com os mais variados monumentos, sendo o templo de Artemisa um dos que merece destaque, já que é uma das sete maravilhas do mundo antigo³⁷.

³¹ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender el Apocalipsis*, vol. I, Desclée de Brouwer, Bilbao, 1993, 74-75.

³² ὁ ἐκων οὐχ ἀκουσάτω τι, τὸ πνεῦμα λέγει ταῖς ἐκκλησίαις, cf. *The Greek New Testament*, ALAND, B., METZGER, B. M. et al. (ed.), Deutsche Bibelgesellschaft, United Bible Societies, 4ª Edição revista, 2001.

³³ Cf. AUNE, D. E., *The World Biblical Commentary*, 52A, Word Books, Publisher; Dallas, Texas, 1997, 154

³⁴ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 77.

³⁵ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 136 e 139.

³⁶ AUNE, D. E., *The World*, 139 e 154.

³⁷ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 78.

O cristianismo teve também ali uma presença bastante forte. Paulo penetrou na cidade no ano 54, formando ali uma comunidade. Posteriormente, a tradição atribuirá a presença de João e Maria em Éfeso. Também S. Inácio de Antioquia escreve, mais tarde, uma carta aos Efésios. O que é certo é que nos inícios do séc. II da era cristã havia algumas variedades de cristianismo que coexistiam em Éfeso: Igreja Paulina; “escola” judaico-cristã; nicolaítas (heresia) e judeo-cristãos de João de Patmos³⁸. Citando Charlier, “a Igreja ali se mostra florescente e desenvolve o seu combate contra o culto de Artemisa, cuja árvore sagrada tinha reputação de dar a vida”³⁹.

1.2. Esmirna

Tal como Éfeso, também Esmirna era uma grande cidade costeira situada a cerca de 40 milhas a norte da primeira. A sua população estimava-se em 100 000 habitantes. Como diz Ruiz, “Esmirna era uma cidade grande e formosa, orgulhosa das suas riquezas e do seu esplendor, que disputava com Éfeso e Pérgamo o título de Primeira da Ásia”⁴⁰. Originalmente, Esmirna era regulada, por volta do ano 1000 a.C., pelos Gregos Eólicos, mas depressa passou para a liga Jónica. Destruída durante o século VI a.C., pensa-se que a cidade foi novamente fundada por Antígono e Lisímaco por volta do ano 290 a.C. Até aí existiu apenas como aldeia. Do ponto de vista religioso, há que assinalar “a inevitável influência do culto de Cibele”⁴¹. No ano 193 erige um templo em honra da deusa Roma e outro ao imperador Augusto no ano 23. Durante o período Romano foi o centro da ciência e medicina, bem como da fama do seu vinho, construções e riquezas. Tendo sofrido dois terramotos, um em 177 e outro em 180, foi reconstruída no tempo do imperador Marco Aurélio⁴².

A nível cristão, é de notar que também se tornou um grande centro cristão a partir do séc. II da era cristã. Foi o local onde S. Inácio de Antioquia escreveu cartas para quatro igrejas vizinhas, a caminho do martírio. Também lhe dirigiu uma carta e outra ao bispo da cidade, Policarpo⁴³.

³⁸ Cf AUNE, D. E., *The World*, 140.

³⁹ CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 77.

⁴⁰ RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan: El libro del testimonio Cristiano*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1987, 91-92.

⁴¹ CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 86.

⁴² Cf. AUNE, D. E., *The World*, 159-160.

⁴³ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 160.

1.3. Pérgamo⁴⁴

Está localizada na região da Mísia. Antes do Período Helenista, não tinha grande importância, tendo-se, posteriormente, tornado independente no reinado de Philetaerus – que fundou a dinastia dos Atálidas. Capital do reino dessa mesma dinastia, tornou-se uma das grandes potências do Oeste da Ásia Menor. Estima-se que possuísse uma população de cerca de 120 000 habitantes⁴⁵. Em 230 a.C., os Atálidas derrotam as tribos celtas, expulsando-as até à região que mais tarde se viria a chamar de Galácia. Comemorando esse evento, erigiu-se o grande altar a Zeus-Salvador. Também erigiu outros templos a outras divindades protectoras, sendo Ateneia-Nikéforos (a que traz a vitória) a oficial. No ano 133 a.C., a cidade foi deixada em testamento ao Império Romano por Átalo III. Pérgamo era, na realidade, um centro importante relativamente ao culto imperial. Como cidade da cultura, da arte e das letras, Pérgamo rivalizava com Alexandria e Antioquia, razão pela qual empreendeu uma caça aos manuscritos que existiam e que lhe estavam disponíveis. Com o bloqueio do comércio de Papiro, Pérgamo inventou o pergaminho (folha do couro de certos animais que servia para escrever e que deriva do seu nome). É provável que a sede de governo do procônsul estivesse em Pérgamo.

1.4. Tiatira⁴⁶

Na época em questão, Tiatira não era nenhuma cidade preponderante. Pertencia ao *conventus*⁴⁷ de Pérgamo até ao tempo de Caracalla (211-217 d.C.), altura em que se tornou líder de um *conventus*. Com um carácter popular, a sua característica era o comércio e as corporações dos múltiplos negócios: fundidores, têxteis, oleiros, sapateiros, etc.

Do ponto de vista religioso, também não havia relevo algum, concernente a monumentos. A comunidade cristã deveria ser reduzida, já que Epifânio, bispo de Salamina, afirma já não haver comunidade cristã no local, a finais do séc. II. É curioso (segundo a

⁴⁴ Secção baseada em: AUNE, D. E., *The World*, 180-181 e CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 91-93.

⁴⁵ Este número vem explícito, segundo a posição do autor, em: AUNE, D. E., *The World*, 194.

⁴⁶ Baseado em: AUNE, D. E., *The World*, 201 e CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 98-99.

⁴⁷ *Conventus juridicus* era um aglomerado de pessoas, nas províncias romanas, para fins jurídicos, nos dias fixados pelo governador, o qual, durante as suas viagens através da província, fazia uma paragem nas grandes cidades em ordem a administrar a justiça – cf. BERGER, A., *Encyclopedic Dictionary of Roman Law*, vol. 43, Part 2, The American Philosophical Society, Philadelphia, 1991, 416 in «conventus juridicus» in www.google.pt, 09/08/2011, 09h45m.

perspectiva de Charlier) que a esta comunidade tão pequena seja dirigida a maior das sete cartas do Apocalipse e, ainda para mais, ocupando uma posição central.

1.5. Sardes⁴⁸

Era uma cidade ilustre, que rivalizava com várias cidades, como Esmirna e Éfeso. Foi capital do reino da Lídia. Era bastante próspera, em parte pelo ouro encontrado e coleccionado pelo rei Croesus (rei da Lídia) no rio Pactolus, que passava no meio da cidade, e em parte por estar situada num lugar de convergência de muitas rotas de comércio, bem como no final do Caminho Real. Considerada inexpugnável foi, não obstante, tomada por Ciro em 547/6 a.C. e também por Antíoco III, no ano 218, sendo refundada pelo rei em 213. Estima-se que possuísse uma população entre 60 000 a 100 000 habitantes.

A nível religioso, “Sardes viu-se enriquecida com novos monumentos: um imenso templo em honra de Artemisa (...) uma basílica romana (...) e também um ginásio”⁴⁹. Também se descobriu uma Sinagoga, que revela a presença de uma comunidade judaica maior e mais poderosa do que se tinha imaginado.

1.6. Filadélfia⁵⁰

Fundada sob o reinado de Átalo II Filadelfo, rei de Pérgamo (159-138 a.C.), Filadélfia não era uma cidade preponderante. Contudo era fértil, devido à sua terra vulcânica. Porém, sofreu dois violentos terremotos: um no ano 17 e outro no ano 23, ambos da era cristã. Tibério ajudou a reconstruir a cidade, dispensando-a de tributo por cinco anos, verificando os estragos e mudando-lhe o nome para Neocesareia. Vespasiano, por sua vez, mudou o nome para Flavia.

No que diz respeito ao aspecto religioso, Filadélfia construiu vários santuários imperiais: a Tibério, Calígula e Vespasiano. Erigiu, igualmente, muitos outros templos, entre os quais se encontra o templo a Jano. Eram veneradas várias divindades, entre as quais Artemisa, Dionísio, Zeus, etc.

⁴⁸ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 218-219, CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 104 e ALVES, H. et al., *Apocalipse, novos céus e nova terra*, Coleção Dinamização Bíblica, nº9, Difusora Bíblica, 1ª Edição, Lisboa, 1988.

⁴⁹ CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 104.

⁵⁰ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 234-235; CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 108-109; ALVES, H., *Apocalipse*, 116-117 e RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis*, 102.

As referências cristãs são poucas, sendo o livro do Apocalipse a fonte mais antiga (Ap 1,11; 3,7). Também possuímos uma carta de S. Inácio aos Filadelfos, bem como a referência de Eusébio de Cesareia a uma tal Ammia de Filadélfia, que era profetiza.

1.7. Laodiceia⁵¹

Fundada por Antíoco II no ano 250 a.C., Laodiceia era vizinha de Hierápolis e Colosso, vindo a substituí-las como pólo de atracção. Ficou sob o domínio de Pérgamo depois de 188 a.C. e sob Roma em 133 a.C. Era uma cidade rica, comercial e agrícola, com uma grande prosperidade, ao ponto de Plínio a chamar de «celeberrima urbs». Conhecida pela sua indústria têxtil, pela sua academia de medicina (que formou oftalmólogos célebres), e pelas suas riquezas, Laodiceia não recorreu a Roma aquando da destruição que sofreu no terramoto do ano 60 da nossa era, recusando a sua ajuda. Também se pode reter que, pelo facto de não possuir nenhuma fonte, tinha que ir buscar água desde muito longe, ao sul da cidade, trazendo-a por meio de um grande aqueduto. O sol acabava por aquecer a água durante o seu percurso, fazendo-a chegar morna. Talvez, como sugere Charlier, a carta a esta cidade, no Apocalipse, tenha feito os cristãos compreenderem muito bem a sua situação de tibieza, evocando esta imagem, que eles identificariam perfeitamente. A comunidade cristã de Laodiceia foi rapidamente conectada com a de Colosso e mencionada cinco vezes na carta aos Colossenses, uma das quais regista a referência de uma carta de S. Paulo aos Laodicenses.

2. A mensagem de Cristo a cada uma das Igrejas⁵²

Ir-se-á abordar, agora, a mensagem que o autor do Apocalipse dirige, em nome de Cristo, a cada uma das sete comunidades eclesiais presentes na Ásia Menor. Jesus conhece profundamente a situação interna de cada uma das Igrejas e, a partir daí, exorta, conforta, repreende (quando necessário) e convida à conversão, à firmeza da fé e à constância, para que possam entrar na Jerusalém celeste, no Reino de Deus, Seu Pai. A partir das palavras de Cristo a cada uma destas comunidades, qualquer um é convidado a rever-se nelas, a escutar e a pôr em prática.

⁵¹ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 114-115, RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis*, 104-105 e AUNE, D. E., *The World*, 249-250.

⁵² O texto bíblico de cada uma das sete cartas toma-se de: *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, 5ª Edição, Fátima, 2008.

2.1. Éfeso (Ap 2, 1-7)

¹Ao anjo da igreja de Éfeso, escreve: «Isto diz o que tem na mão direita as sete estrelas, o que caminha no meio dos sete candelabros de ouro: ²‘Conheço as tuas obras, as tuas fadigas e a tua constância. Sei também que não podes tolerar os malvados e que puseste à prova os que se dizem apóstolos – mas não o são – e os achaste mentirosos; ³tens constância, sofreste por causa de mim e não perdeste a coragem. ⁴No entanto, tenho uma coisa contra ti: abandonaste o teu primitivo amor. ⁵Lembra-te, pois, donde caíste, arrepende-te e torna a proceder como ao princípio. Se não procederes assim e não te arrependeres, Eu virei ter contigo e retirarei o teu candelabro do seu lugar. ⁶Mas tens isto em teu favor: detestas as obras dos nicolaítas, como eu também as detesto.’ ⁷Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao que sair vencedor, dar-lhe-ei a comer da árvore da Vida que está no Paraíso de Deus.»

Já vimos que Éfeso era uma cidade bem influente. Porém, o seu poder não vem de si mesma. Politicamente vem de César; a nível cristão, só Cristo lhe pode dar um lugar de honra, uma vez que é Ele que “caminha no meio dos sete candelabros de ouro” (v.1) e que, por estar activo no meio das comunidades, pode retirar o seu candelabro do lugar (cf. v.5)⁵³. Por isso, Jesus fala como o único Senhor da Igreja⁵⁴; uma vez que esta cidade recebeu o título de “guardião do templo” quatro vezes⁵⁵, Cristo apresenta-se àquela Igreja como Aquele que está no centro do culto⁵⁶, que detém o senhorio absoluto sobre aquela comunidade e sobre toda a Igreja – se alguém deve ser chamado de Senhor, esse alguém é Jesus Cristo.

Há seis aspectos que parecem ter sido decisivos para colocar a Éfeso como a primeira de todas as Igrejas: as suas obras, as suas fadigas, a sua constância, a sua atitude em relação aos malvados, a vigilância relativamente aos falsos apóstolos (v.2) e o ter sofrido (v.3). Em suma, a comunidade de Éfeso aparentava ter todas as condições para ser uma comunidade perfeita. Porém, há um contrapeso na balança: o abandono do seu amor primitivo (v.4), que poderá conduzir, se a comunidade não se converter, à sua exclusão⁵⁷ da comunhão litúrgica⁵⁸, à sua extinção, como aconteceu posteriormente⁵⁹ (v.5). Há, depois, um novo elogio, devido ao facto de Éfeso odiar as obras dos nicolaítas. Por fim, termina com a alusão ao prémio do vencedor: comer da árvore da vida. Isto poderá evocar a árvore sagrada de Artemisa e a

⁵³ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 80.

⁵⁴ Cf. MOLINA, F. C. (Coord.), *Apocalíptica e Milenarismo*, 16.

⁵⁵ Uma em relação ao templo da deusa Artemis e as outras em relação aos templos dos imperadores romanos – cf. AUNE, D. E., *The World*, 138-139.

⁵⁶ O candelabro evoca a dimensão litúrgica do templo – cf. BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 63.

⁵⁷ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 80-82.

⁵⁸ Cf. VANNI, U., *Apocalipsis*, Editorial Verbo Divino, 7ª Ed., Navarra, 1999, 33.

⁵⁹ Cf. HOWARD, F. D., *Layman's Bible Book Commentary, 1, 2 & 3 John, Jude, Revelation*, vol.24, Broadman Press, Nashville, 1982, 60.

imagem da árvore plantada no jardim do Éden. Mas poderá significar, como diz Charlier, uma promessa de provar um dia dos frutos do “lenho” da cruz (a palavra é usada mais à frente com o sentido de “árvore”, desempenhado um papel de alimentação, que evoca a ideia da cruz), onde Cristo revelou um amor maior⁶⁰. Biguzzi, por seu turno, diz que o Apocalipse promete um regresso ao paraíso⁶¹ ou, como diz Ugo Vanni, a plenitude da vida, que se realizará no fim dos tempos e que está figurada no Génesis⁶².

2.2 Esmirna (2, 8-11)

⁸Ao anjo da igreja de Esmirna escreve: «Isto diz o Primeiro e o Último, aquele que estava morto, mas reviveu: ⁹‘Conheço as tuas tribulações e a tua pobreza; no entanto, és rico. Também conheço as calúnias dos que se dizem judeus, mas que não são mais que uma sinagoga de Satanás. ¹⁰Não temas nada do que vais sofrer. Eis que o Diabo vai lançar alguns de vós na prisão para vos provar. Sereis atribulados durante dez dias. Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida.’ ¹¹Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Aquele que vence não será vítima da segunda morte.»

Aqui Jesus apresenta-se como o *Primeiro e o Último, aquele que estava morto, mas reviveu* (v.8). Jesus conhece por dentro a situação da Igreja de Esmirna, que se encontra em tribulação. E quer recordar-lhe que esta experiência de tribulação é um reviver da Sua Paixão, mas com a referência de que Ele é o princípio e o fim da obra redentora⁶³ e, como Ressuscitado pode dar a *coroa da vida* (v.10). A sua pobreza é exterior, pois traduz a situação angustiante que estava a viver. A sua tribulação é causada pelos judeus, que sendo religião protegida pelo império e, aproveitando-se do facto de recusar o cristianismo, acusava os cristãos, cuja fé, fora da alçada do judaísmo, fazia com que estes fossem juridicamente mais vulneráveis⁶⁴. Paradoxalmente, esta pobreza humana é riqueza aos olhos de Deus (v.9)⁶⁵. A atitude dos judeus (que perseguem os cristãos de Esmirna) é classificada como *blasfémia* (aqui traduzida por *calúnia*), que conota uma acção directa contra Deus⁶⁶. Por isso, a carta apresenta-os não como judeus de pleno direito, mas como *aqueles que se dizem judeus*, sendo, mais à frente, denominados como *sinagoga de Satanás* (v.9), pois fecham-se a Jesus, que é

⁶⁰ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 83.

⁶¹ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori di Patmos – Commento breve all’Apocalisse*, Paoline Editoriale Libri, Milano, 2007, 34.

⁶² Cf. VANNI, U., *Apocalipsis*, 34.

⁶³ Cf. GIBLIN, C. H., *The Book of Revelation: The open Book of Prophecy*, The Liturgical Press, Collegeville, 1991, 55.

⁶⁴ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 37.

⁶⁵ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 87.

⁶⁶ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 88.

Messias⁶⁷. Isto dá a entender que os “verdadeiros judeus” são os cristãos, que se abriram à vinda do Messias⁶⁸.

De seguida, Cristo convida os cristãos esmirnenses a não temer os sofrimentos (v.10), referindo, de seguida, que o Diabo (que representa, no Apocalipse, todas as forças hostis a Deus e que combatem contra o seu povo⁶⁹) vai lançar alguns na prisão e por dez dias. Estes “dez dias” indicam uma tribulação indefinida, quiçá longa⁷⁰, mas, ao mesmo tempo, limitada⁷¹. Por isso, há o convite a ser fiel até à morte e quem assim o fizer receberá a *coroa da vida* (v.10), que garante a imortalidade, não sofrendo a “segunda morte”⁷².

2.3 Pérgamo (2, 12-17)

¹²Ao anjo da igreja de Pérgamo escreve: «Isto diz o que tem uma aguda espada de dois gumes: ¹³Sei onde habitas. É onde está o trono de Satanás; e, no entanto, guardas fidelidade ao meu nome e não renegaste a fé em mim, nem sequer nos dias de Antipas, minha testemunha fiel, que foi morto na vossa cidade – que é morada de Satanás. ¹⁴Mas tenho algumas coisas contra ti: tens aí alguns que seguem a doutrina daquele Balaão que ensinou Balac a tentar os israelitas, de modo a comerem as carnes imoladas aos ídolos e a praticarem a imoralidade. ¹⁵Mais ainda, também tens alguns que seguem igualmente a doutrina dos nicolaítas. ¹⁶Converte-te, pois; se não, virei ter contigo brevemente e combaterei contra eles com a espada da minha boca.’ ¹⁷O que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao que sair vencedor, dar-lhe-ei a comer do maná escondido e dar-lhe-ei também uma pedra branca; na pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhece, a não ser o que a recebe.»

Aqui, Cristo apresenta-se como aquele que tem “*uma aguda espada de dois gumes*” (v.12), fazendo claramente referência à Sua Palavra (expressão, aliás, muito usada no Antigo Testamento), como confirma a expressão do v.16 “*espada da minha boca*”. Também é evocado outro simbolismo, com esta expressão – o do combate – pelo que ficamos com um duplo simbolismo (Palavra e combate)⁷³.

Pérgamo está marcada, particularmente, pelos cultos pagãos, como tivemos oportunidade de ver: para além das várias divindades adoradas, construiu um altar a Zeus-salvador. Talvez por isso esta carta faça referência ao “*trono de Satanás*”, que também poderá estar ligado, simultaneamente, ao facto de se encontrar, geograficamente, num ponto mais

⁶⁷ Cf. VANNI, U., *Apocalipsis*, 34.

⁶⁸ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 37.

⁶⁹ Cf. VANNI, U., *Apocalipsis*, 34.

⁷⁰ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 37.

⁷¹ Cf. ROWLAND, C. C., «The Book of Revelation – Introduction, Commentary, and Reflections» in *The New Interpreter's Bible*, KECK, L. E. (ed.) et al., vol. XII, Abingdon Press, Nashville, 1998, 577.

⁷² Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 89.

⁷³ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 93.

elevado⁷⁴. Outra possibilidade desta denominação seria o facto de ali, no ponto mais alto da cidade, estar situado o templo de culto ao imperador divinizado⁷⁵. Apesar da influência pagã, os cristãos de Pérgamo souberam manter-se fiéis no nome de Cristo e não renegaram a fé. E isto é confirmado pela referência ao martírio de Antipas, chamado testemunha fiel (v.13), cujo acontecimento não fez abrandar a fé.

Porém, a Igreja de Pérgamo recebe uma repreensão: face às influências pagãs, alguns seguem essas manifestações, concretamente na polémica com as carnes imoladas aos ídolos (que evoca a situação vivida por S. Paulo na comunidade de Corinto – 1 Cor 8,1)⁷⁶ e na fornicção, associada ao abandono de Deus, para prestar culto a outros deuses⁷⁷. De seguida, faz-se a censura daqueles que seguem a doutrina dos nicolaítas. O autor do Apocalipse remete-nos para as figuras veterotestamentárias de Balac e Balaão, referidas em Nm 22-25 e 31. Balaão era um adivinho que foi convocado pelo rei Balac para amaldiçoar os hebreus; porém, abençoou-os. Mais à frente aparece a induzir os israelitas a prostituírem-se com as jovens moabitãs. No presente contexto de Pérgamo, esta imagem de Balaão refere-se às influências pagãs na comunidade de Pérgamo. Há autores que fazem uma ligação entre a doutrina de Balaão e a doutrina dos nicolaítas, pelo que estes seriam uma espécie de actualização daquele episódio dos Números⁷⁸.

Seguidamente aparece o convite à conversão, sob pena da vinda de Cristo, que lutará com a espada da sua boca (v.16), ou seja, o combate entre a Palavra de Cristo contra uma doutrina pagã⁷⁹.

Ao vencedor ser-lhe-á dado o maná escondido e uma pedra branca. A primeira imagem recorda o texto do Êxodo (Ex 16) acerca do maná no deserto, mas com uma nova significação – o maná da era messiânica, ou seja, a vida eterna, o banquete celeste, a união com Deus⁸⁰. Em Jo 6, no discurso do Pão da Vida, faz-se referência a esta temática, uma vez que quem comer a

⁷⁴ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 39; CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 93; GIBLIN, C. H., *The Book of Revelation*, 57.

⁷⁵ Cf. RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan*, 94 e, também, ROWLAND, C. C., «The Book of Revelation...», 578.

⁷⁶ Cf. ROWLAND, C. C., «The Book of Revelation...», 578.

⁷⁷ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 94.

⁷⁸ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 39; CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 94. Ugo Vanni diz: “quicá os nicolaítas” – VANNI, U., *Apocalipsis*, 35. Ver também AUNE, D. E., *The World*, 185-186 e 188.

⁷⁹ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 94.

⁸⁰ Cf. GIBLIN, C. H., *The Book of Revelation*, 57, CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 95 e ALVES, H. et all., *Apocalipse*, 124.

Carne e beber o Sangue de Cristo terá a vida eterna e há-de ser ressuscitado por Ele no último dia (cf. Jo 6, 54). No seguimento desta exposição, há autores que defendem tratar-se da Eucaristia⁸¹. Quanto à pedra branca, muitas são as opções para uma busca de significado. Aune⁸² apresenta, pelo menos, sete: (1) jóia, na tradição judaica; (2) indica o voto a nível jurídico – o branco seria de “absolvição”; (3) um símbolo de adesão ou reconhecimento; (4) um amuleto com um nome divino escrito; (5) sinal do resgate de gladiadores; (6) alusão à iniciação do culto de Asclépio; (7) material de escrita cuja forma ou cor tinham algum significado. Porém, o que é importante ter em conta é que: a cor branca, no Apocalipse, tem uma ligação com a Ressurreição de Cristo, com o mundo de Deus; por sua vez, o nome novo faz referência ao baptismo e à nova condição daí resultante – a união a Cristo Ressuscitado; sendo assim, a pedra branca fará referência à aquisição de uma personalidade renovada, operada por Cristo, que coloca quem a recebe numa relação estreita com o Senhor⁸³.

2.4. Tiatira (2, 18-29)

¹⁸Ao anjo da igreja de Tiatira escreve: «Isto diz o Filho de Deus, aquele cujos olhos são como chama de fogo e cujos pés são semelhantes ao bronze: ¹⁹‘Conheço as tuas obras, a tua caridade, a tua fé, a tua dedicação, a tua constância e as tuas últimas obras, mais numerosas que ao princípio. ²⁰Mas tenho uma coisa contra ti: toleras que Jezabel, essa mulher que a si mesma se chama profetiza, ensine e engane os meus servos, levando-os à imoralidade e a participar em banquetes idolátricos. ²¹Concedi-lhe um prazo para que se arrependesse da sua imoralidade, mas ela não quer arrepender-se. ²²Então, vou prostrá-la num leito de dor, e sobre os seus amantes vou lançar uma grande tribulação, a menos que se arrependam das obras que praticaram com ela. ²³Vou destruir pela morte os filhos que ela gerou. Deste modo, saberão todas as igrejas que sou Eu quem conhece profundamente os pensamentos e os corações e que retribuirei a cada um de vós conforme as vossas obras. ²⁴Agora, dirijo-me a vós, aos restantes de Tiatira, a todos quantos não professam essa tal doutrina nem conhecem, como eles dizem, as profundidades de Satanás: não vos imponho outra carga; ²⁵no entanto, o que tendes, guardai-o bem, até que Eu venha. ²⁶Ao que vencer, cumprindo até ao fim as minhas obras, darei poder sobre os povos, ²⁷o mesmo que Eu recebi de meu Pai, os quais Ele governará com ceptro de ferro e quebrará como quem parte vasos de barro; ²⁸e dar-lhe-ei a estrela da manhã.’ ²⁹O que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.»

A esta Igreja, Cristo apresenta-se com o título de Filho de Deus (título que só aparece aqui, nesta carta, em todo o livro do Apocalipse⁸⁴), tendo olhos como chama de fogo (no v.23 diz que “conhece profundamente os pensamentos e os corações”) e pés semelhantes ao bronze

⁸¹ Cf. RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan*, 95 e VANNI, U., *Apocalipsis*, 35.

⁸² Cf. AUNE, D. E., *The World*, 190.

⁸³ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 40 e VANNI, U., *Apocalipsis*, 35.

⁸⁴ Cf. ROWLAND, C. C., «The Book of Revelation...», 581.

(evocando uma autoridade estável), numa linguagem que evoca um julgamento real⁸⁵ – em suma, Cristo apresenta-se como Juiz, ligado ao facto de ser Filho de Deus e, como aparece no v.27, possuir o mesmo poder que Seu Pai.

Tal como aconteceu com as Igrejas anteriores, Tiatira também é louvada pelas suas obras, pelo amor, fé, serviço⁸⁶, constância e pelas últimas obras, que têm vindo a crescer (cf. v.19). Porém, a Igreja é censurada por tolerar Jezabel. O nome desta personagem (que poderia ser a referência a uma profetisa, a uma heterodoxia, ou comunidade heterodoxa – talvez a dos nicolaítas, pois os problemas são os mesmos: imoralidade e o acto de comer a carne sacrificada aos ídolos) evoca a Jezabel do Antigo Testamento, idólatra de Baal, mulher do rei Acab, que exterminava os profetas de Deus (cf. 1 Re 16, 31; 19,2; 2 Re 9, 22)⁸⁷. Esta “Jezabel” ensinava e enganava⁸⁸ na falsa doutrina alguns cristãos de Tiatira. Foi-lhe dado um prazo para se arrepender, que denota aqui a clemência de Deus; porém, como tal não aconteceu, vai ser agora lançada num leito de dor (de inactividade) – o castigo também se estende aos seus seguidores e aos seus filhos (àqueles que foram gerados para propagar os oráculos), o que servirá de exemplo às outras Igrejas, que verão a esterilidade da doutrina pagã⁸⁹.

Cristo dirige-se, de seguida, aos restantes cristãos de Tiatira, que não seguiram “Jezabel”. Usa-se uma expressão interessante, colocada na boca dos que seguiram a doutrina heterodoxa: “profundidades de Satanás”. Trata-se de um trocadilho, em que se substituiu a palavra “Deus” por “Satanás”, já que esta afirmação é de tipo gnóstico. Esta heterodoxia, em concreto, devia apregoar que conhecia “as profundidades de Deus”, mas na realidade conhecia era as “profundidades de Satanás”, pelo que os cristãos de Tiatira não se devem deixar enganar⁹⁰. Não se lhes exige mais nada a não ser guardar bem o que têm, ou seja, a sua vitalidade actual (v.19), até à meta escatológica⁹¹.

Ao vencedor é-lhe oferecido o poder sobre os povos, igual ao de Cristo, e a estrela da manhã. Acerca do primeiro prémio, é interessante notar o paralelismo entre a passagem de Ap

⁸⁵ Cf. GIBLIN, C. H., *The Book of Revelation*, 59.

⁸⁶ *thn diakonian* (= “serviço”), cf. *TGNT* – no texto bíblico da Difusora Bíblica é traduzido por dedicação.

⁸⁷ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 99.

⁸⁸ *pl anaʿ* do verbo *pl anaʷ*, que significa “desencaminhar”, “enganar” (v.20), cf. *TGNT*. Note-se que esta é a actividade de Satanás (12,9) e da besta (13,14) – cf. ROWLAND, C. C., «The Book of Revelation...», 581.

⁸⁹ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 100.

⁹⁰ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 99-100 e RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan*, 98.

⁹¹ Cf. VANNI, U., *Apocalipsis*, 35.

2, 26b-27 – “darei poder sobre os povos, o mesmo que Eu recebi de meu Pai, os quais Ele governará com ceptro de ferro e quebrará como quem parte vasos de barro” – e a linguagem bélica do Salmo 2, 8-9 – “Pede-me e Eu te darei povos como herança e os confins da terra por domínio. Hás-de governá-los com ceptro de ferro e destruí-los como um vaso de barro”⁹². Seguindo a exposição de Biguzzi, este poder refere-se à vitória sobre a idolatria, conseguida pela verdade do Evangelho⁹³; não se trata, pois, de um poder mundano, cruel ou de domínio. Quanto ao segundo, a estrela da manhã, percebe-se uma referência ao planeta Vénus, que brilha antes do Sol nascer. Símbolo de vitória⁹⁴ e, também, do messianismo⁹⁵ (usado no judaísmo), a estrela da manhã refere-se, aqui, ao próprio Cristo Glorioso, luz verdadeira, que fará o vencedor participante da Sua Ressurreição⁹⁶.

2.5. Sardes (3,1-6)

¹Ao anjo da igreja de Sardes, escreve: «Isto diz o que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas: ‘Conheço as tuas obras; tens fama de estar vivo, mas estás morto. ²Sê vigilante e fortifica aquilo que está a morrer, pois não encontrei perfeitas as tuas obras, diante do meu Deus. ³Recorda, portanto, o que recebeste e ouviste. Guarda-o e arrepende-te. Pois se não estiveres vigilante, virei como um ladrão, sem que saibas a que hora virei ter contigo. ⁴No entanto, tens em Sardes algumas pessoas que não mancharam as suas vestes; esses caminharão comigo, vestidos de branco, pois são dignos disso. ⁵Assim, o que vencer andarão vestido com vestes brancas e não apagarei o seu nome do livro da Vida, mas o darei a conhecer diante de meu Pai e dos seus anjos.’ ⁶Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.»

Cristo apresenta-se à Igreja de Sardes como Aquele que tem “os sete espíritos de Deus e as sete estrelas” (3, 1), ou seja, possui a plenitude do Espírito (pelo simbolismo dos sete espíritos) e tem poder sobre a Sua Igreja (simbolizado pelas sete estrelas) e tem na sua mão o seu destino. Aqui refere-se não só ao que está para trás – saudação de João (1,4) a visão inaugural (1, 16.20), a carta a Éfeso (2,1) –, mas também ao que está adiante – a visão do Cordeiro (5,6)⁹⁷.

⁹² Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 43 e AUNE, D. E., *The World*, 209.

⁹³ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 43.

⁹⁴ Cf. GIBLIN, C. H., *The Book of Revelation*, 59; BARR, D. L., *Tales of the End – A Narrative Commentary on the Book of Revelation*, Polebridge Press, California, 1998, 58.

⁹⁵ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 213.

⁹⁶ Cf. RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan*, 99; BARR, D. L., *Tales of the End*, 58; CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 101; BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 43.

⁹⁷ Cf. VANNI, U., *Apocalipsis*, 36, GIBLIN, C. H., *The Book of Revelation*, 61 e CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 104-105.

Sardes tem fama de estar viva⁹⁸ mas, na realidade, está morta. A sua situação contrasta com a realidade de Cristo, que morreu e voltou à vida⁹⁹. Esta situação é paradoxal, já que estes cristãos vivem numa cidade famosa e rica. É necessário que voltem à vida, que despertem e se mantenham atentos e vigilantes, não vá o “ladrão” vir à hora em que menos esperam. Por isso, a Igreja de Sardes tem que vivificar e fortificar aquilo que está a ponto de morrer, pois as suas obras estão ocas. Esta chamada de atenção pode ter encontrado eco na memória dos habitantes de Sardes, que sabiam bem o que tinha custado não estar atentos, confiando na sua fama de cidade inexpugnável¹⁰⁰. A solução é acordar, manter-se vigilante e colocar em prática aquilo que recebeu e conservou até ao momento, ou seja, o Evangelho¹⁰¹. É voltar a memória na direcção do início, do momento do primeiro anúncio e acolhimento¹⁰². A ameaça de Cristo faz eco do texto de Mt 24, 43-44, no qual se faz apelo à vigilância¹⁰³.

No entanto, há “alguns nomes”¹⁰⁴ (=algumas pessoas) que “não mancharam as suas vestes” (v.4) e que serão identificados com o Cordeiro. A veste é um símbolo da pessoa e da sua dignidade¹⁰⁵ daí que estar vestido seja algo positivo, enquanto que o estar nu é encarado como algo negativo¹⁰⁶. O branco, que no Apocalipse está ligado à Ressurreição de Cristo e à união com Deus, sendo a cor da veste dessas pessoas, pode evocar o baptismo (no qual se usava a veste branca)¹⁰⁷; como tal, enquanto criaturas novas, revestidas de Cristo, são associados à glória e à acção do Senhor¹⁰⁸, pois vivem num estilo de vida sem mancha¹⁰⁹, ou seja, não macularam o seu baptismo. De resto, é isso que se promete ao vencedor: a participação na glória de Cristo, a vida eterna¹¹⁰ (o nome no Livro da Vida) e a defesa da parte de Cristo diante do Pai. Ora, os nomes dos crentes estão escritos no livro da Vida, mas estes nomes podem ser apagados, na medida em que não ajam como eleitos¹¹¹.

⁹⁸ Lit. “tens um nome que (diz que) vives” (onoma ecej otj zhj). O “nome” pode entender-se como “fama”, “reputação” – cf. AUNE, D. E., *The World*, 215 (nota 1.b.).

⁹⁹ Cf. ROWLAND, C. C., «The Book of Revelation...», 583.

¹⁰⁰ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 105.

¹⁰¹ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 105.

¹⁰² Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 45.

¹⁰³ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 45.

¹⁰⁴ ol iga onomata, cf. *TGNT*.

¹⁰⁵ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 105.

¹⁰⁶ Cf. RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan*, 101.

¹⁰⁷ Cf. RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan*, 101.

¹⁰⁸ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 105-106.

¹⁰⁹ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 45.

¹¹⁰ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 227.

¹¹¹ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 106.

2.6. Filadélfia (3, 7-13)

⁷Ao anjo da igreja de Filadélfia escreve: «Isto diz o Santo, o Verdadeiro, o que tem a chave de David, o que abre e ninguém fecha e fecha e ninguém abre: ⁸«Conheço as tuas obras. Vê, coloquei diante de ti uma porta aberta, que ninguém pode fechar. Tens pouca força, mas guardaste a minha palavra e não renegaste o meu nome. ⁹Farei que alguns da sinagoga de Satanás – esses que se dizem judeus sem o serem, pois mentem – venham prostrar-se a teus pés. E saberão que Eu te amei. ¹⁰Porque guardaste a minha palavra com perseverança, também Eu te guardarei na hora da provação que vai vir sobre todo o mundo, para provar os habitantes da terra. ¹¹Venho em breve: guarda o que tens, para que ninguém te arrebathe a tua coroa.» ¹²Ao que vencer, fá-lo-ei coluna no templo do meu Deus. Entrará e não mais sairá dele. E gravarei nele o meu nome novo, o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu de junto do meu Deus. ¹³Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.»

Tal como Esmirna, também aqui o Senhor não acusa a Igreja de Filadélfia, mas louva-a e encoraja-a perante a tribulação iminente. Apresenta-se com os títulos “Santo”, “Verdadeiro” e “o que tem a chave de David”. O primeiro é um atributo de Deus, que nos remete para o vínculo existente entre Cristo e Deus; o segundo evoca a autenticidade, garantia e estabilidade da mensagem proferida pelo Senhor; o terceiro remete-nos para a Jerusalém Celeste, cujas chaves possui Cristo¹¹². Evocando a casa de David, o autor do Apocalipse pretende apresentar Jesus como plenitude da História de Salvação e, portanto, dotado de plenos poderes no que se refere à salvação¹¹³. Numa alusão ao texto de Isaías 22, 22, a chave de David designa o poder que Cristo tem sobre o Reino de Deus¹¹⁴ e sobre a admissão das pessoas ao mesmo¹¹⁵.

Apesar da sua pouca força (talvez por ser uma Igreja pouco numerosa e pouco influente¹¹⁶) a Igreja de Filadélfia conseguiu “guardar” (isto é, “obedecer”) a palavra, não renegando o nome de Jesus (ou seja, mantendo-se fiel, não renegando a fé)¹¹⁷. Cristo colocou uma “porta aberta” diante daquela Igreja, metáfora que poderá ter uma dupla conotação: a abertura de uma oportunidade missionária (de acordo com a mesma conotação que aparece nas duas cartas paulinas aos Coríntios: 1 Cor 16,9 e 2 Cor 2,12) ou a abertura da Jerusalém celeste, como resultado do seu ardor crente e missionário¹¹⁸.

¹¹² Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 110.

¹¹³ Cf. VANNI, U., *Apocalipsis*, 36.

¹¹⁴ Cf. RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan*, 102.

¹¹⁵ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 244.

¹¹⁶ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 111.

¹¹⁷ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 237.

¹¹⁸ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 110 e AUNE, D. E., *The World*, 244.

Aqui volta a aparecer o termo “sinagoga de Satanás” que, à semelhança da mensagem a Esmirna, também designa aqueles judeus que recusam a mensagem de Cristo, perseguindo os seus seguidores – verifica-se, deste modo, uma forte hostilidade entre cristãos e judeus –; por isso, embora se arroguem a ser judeus, não passam de uma sinagoga de Satanás, porque blasfemam contra Deus, que se revelou em Cristo, perseguindo os cristãos¹¹⁹.

Em consequência à sua fidelidade à palavra de Cristo, Ele promete guardar a comunidade na hora da provação, dando conforto àquela e a certeza de que não irá sucumbir¹²⁰. Essa provação, embora não tenha uma duração definida, é breve¹²¹. Por isso, é necessário que os cristãos de Filadélfia guardem o que já possuem – a perseverança na palavra e no nome de Jesus. Deste modo, ninguém conseguirá tirar-lhe a coroa que, tal como em 2,10, se refere ao prémio da vida eterna.

Ao vencedor é-lhe prometido ser coluna do Templo de Deus e ser-lhe inscrito três nomes: de Deus, de Cristo e da Nova Jerusalém. O mesmo é dizer que o vencedor estará sempre em Deus e em Cristo, que são o Templo da Nova Cidade da Jerusalém Celeste (como se refere em Ap 21,22), sendo o tríplice nome a garantia da realização plena da salvação messiânica: pertencendo a Deus para sempre, será participante da novidade de Cristo e será cidadão eterno da Jerusalém celeste¹²².

2.7. Laodiceia (3, 14-22)

¹⁴Ao anjo da igreja de Laodiceia, escreve: «Isto diz o Ámen, a Testemunha fiel e verdadeira, o Princípio da Criação de Deus: ¹⁵Conheço as tuas obras: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente. ¹⁶Assim, porque és morno - e não és frio nem quente - vou vomitar-te da minha boca. ¹⁷Porque dizes: ‘Sou rico, enriqueci e nada me falta’ – e não te dás conta de que és um infeliz, um miserável, um pobre, um cego, um nu – ¹⁸aconselho-te a que me compres ouro purificado no fogo, para enriqueceres, vestes brancas para te vestires, a fim de não aparecer a vergonha da tua nudez e, finalmente, o colírio para ungir os teus olhos e recobrares a vista. ¹⁹Aos que amo, eu os repreendo e castigo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te. ²⁰Olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo.’ ²¹Ao que vencer, farei que se sente comigo no meu trono, assim como Eu venci e estou sentado com meu Pai, no seu trono. ²²Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.»

¹¹⁹ Cf. ROWLAND, C. C., «The Book of Revelation...», 585.

¹²⁰ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 111.

¹²¹ Cf. BARR, D. L., *Tales of the End*, 59 e BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 47.

¹²² Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 48, VANNI, U., *Apocalipsis*, 36-37 e CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 111.

À Igreja de Laodiceia, Cristo tece a sua apresentação com os títulos de «Amen», «Testemunha fiel e verdadeira» e «o Princípio da Criação de Deus». O primeiro título poderá evocar o texto de Is 65,16 (no qual aparece a expressão “Deus fiel”), significando a veracidade de algo que é dito¹²³, mas também uma adesão firme a Deus e à Sua Palavra, sendo Cristo a personificação desta adesão plena¹²⁴. O título seguinte – «Testemunha fiel e verdadeira» – tem paralelo com Ap 1,5 e 22,20, estando em consonância com o anterior, clarificando-o e definindo o seu real significado, uma vez que o «Amen» hebraico pode significar, simultaneamente, fiel e verdadeiro¹²⁵. Assim, Cristo é o «Amen», ou seja, esta adesão a Deus que se concretiza na Cruz, esta testemunha fiel (firme) e verdadeira (cuja “prova” se encontra na sua doação até à morte) de Deus¹²⁶. O terceiro título evoca o hino de Col 1, 15-20 (já que Colosso e Laodiceia eram cidades adjacentes), no qual se apresenta Cristo como «o primogénito de toda a criatura» – a cristologia joanina do prólogo (Jo 1, 1-5) – em que Cristo é a fonte da criação, pondo em realce a ligação e continuidade com a tradição sapiencial de Prov 8, 22, na qual se refere a Sabedoria como a primeira criatura de Deus¹²⁷. Talvez se queira salientar com este título que a Ressurreição de Cristo marcou o início de uma nova era, da Nova Criação¹²⁸, não excluindo o significado de Cristo como fonte e origem de todas as criaturas.

Paradoxalmente, diante da firmeza do «Amen», que é Jesus, aparece a frouxidão e tibieza de uma Igreja que não é “fria nem quente”, mas “morna” (cf. v.15). Aqui evoca-se a imagem da água tépida que chegava de Hierápolis e que provocava náuseas a quem a bebesse¹²⁹. Tal seria a situação desta Igreja: para além da sua tibieza¹³⁰, que se traduzia por uma não tomada de posição, por um viver na mediocridade e na auto-satisfação, ainda se arrogava a enaltecer-se com a sua situação de riqueza, ao ponto de prescindir dos outros (cf.

¹²³ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 255 e GIBLIN, C. H., *The Book of Revelation*, 66.

¹²⁴ CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 115.

¹²⁵ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 255.

¹²⁶ Cf. BARR, D. L., *Tales of the End*, 60.

¹²⁷ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 256, ROWLAND, C. C. «The Book of Revelation...», 586-587, CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 116, GIBLIN, C. H., *The Book of Revelation*, 66 e RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan*, 105-106.

¹²⁸ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 49 e BARR, D. L., *Tales of the End*, 60.

¹²⁹ Cf. GIBLIN, C. H., *The Book of Revelation*, 65.

¹³⁰ RUIZ sugere que esta tibieza se poderia traduzir por uma convivência com a idolatria circundante; por conseguinte, a opção de Laodiceia por Cristo ficava afectada – cf. RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan*, 106.

v.17). Por isso, o Senhor está a ponto¹³¹ de “vomitar” aquela Igreja da sua boca, ou seja, de a rejeitar completamente¹³². A esta Igreja, Jesus apenas profere a censura; não há o habitual louvor às obras. Diante da sua suposta grandeza, o Senhor faz-lhe ver a sua verdadeira e real situação: apesar de rica materialmente, é pobre; apesar da sua fama ao nível da medicina oftalmológica, é cega; apesar da ostentação das suas vestes, encontra-se nua, desprovida da sua dignidade cristã. Por isso tem que comprar a Deus aquilo que, na realidade não tem: ouro puro, que se refere à glória de Deus, vestes brancas, enquanto vestes da nova criatura, e o colírio, que lhe irá permitir ver segundo a perspectiva de Deus¹³³.

Toda esta repreensão, por parte do Senhor, expressa o seu amor por aquela Igreja, pois “*aos que amo eu os repreendo e castigo*” (v.19). Além do mais, tem como objectivo fazer reviver a vida espiritual e o fervor daquela Igreja, bem como levar ao arrependimento¹³⁴.

De seguida, aparece a imagem de Cristo que bate à porta (cf. v.20), que pode ter várias procedências e explicações: (1) poderá ser uma alusão a Cant 5,2, em que o amado está à porta e chama pela amada; (2) ou então uma evocação da parábola daquele que bate à porta de Lc 12, 35-38 (e paralelos), com a imagem do banquete escatológico e o convite à vigília; (3) ou uma referência a tradições greco-romanas; (4) poder-se-á considerar, ainda, uma referência à Última Ceia de Jesus¹³⁵. No entanto, o que é importante salientar é que Cristo não força a sua presença àquela Igreja, embora seja insistente no chamamento¹³⁶.

Ao vencedor Cristo promete o lugar no Seu Trono, imagem que expressa a realeza, o lugar do juízo e a intimidade com Cristo e com Deus¹³⁷.

Em todas as cartas ressoa a mesma frase: “*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas*” – imperativo a escutar uma mensagem concreta: a mensagem de Cristo à sua Igreja. Esta frase constitui como que um eixo do pensamento de todas as Cartas e é a partir dele que a mensagem assume e ganha relevância.

¹³¹ me| lw – “estou a ponto de”; cf. *BibleWorks*, Version 7.0.012g, 2006.

¹³² Cf. AUNE, D. E., *The World*, 258.

¹³³ Cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 116.

¹³⁴ Cf. VANNI, U., *Apocalipsis*, 37.

¹³⁵ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 250-254.

¹³⁶ Cf. VANNI, U., *Apocalipsis*, 37 e CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 117.

¹³⁷ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 52 e CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 117.

CAPÍTULO III

A ESTRUTURA LITERÁRIA DAS SETE MENSAGENS

1. Abordagem introdutória

Após um primeiro percurso pelo contexto social das sete comunidades, juntamente com a mensagem que é dirigida a cada uma delas, é necessário, agora, abordar a estrutura literária deste septenário. Ao vermos os elementos divergentes e comuns de cada uma das “cartas” estaremos aptos para aprofundar, no próximo capítulo, aqueles verbos que, ao aparecerem sempre em cada uma delas e da mesma maneira, traduzem a intenção do autor: que o leitor “ouça o que o Espírito diz às Igrejas”.

Antes de entrarmos no tema central deste capítulo, convém apresentar o significado e sentido das sete proclamações, bem como a discussão acerca do seu género literário.

1.1. O significado e sentido das sete mensagens

Porque é que o autor do Apocalipse escreve a sete comunidades? Porque é que são sete e não outro número? Qual a intenção do autor?

Em primeiro lugar convém referir que estas “sete cartas”, segundo alguns autores, não são cartas no sentido próprio do termo, devendo ser entendidas como uma proclamação profética dirigida à Igreja presente na Ásia Menor¹³⁸.

Em segundo lugar, ao escrever a sete comunidades diferentes, cujos contextos são tão variados, o autor do Apocalipse deixa entrever a sua intenção de se dirigir à Igreja da Ásia no seu todo; e isto vê-se, não só, pelo facto de se dirigir a sete Igrejas diversas (com toda a simbólica do número – plenitude), mas também pela repetição constante, no final de cada mensagem, da exortação à escuta do que diz o Espírito. Em consequência, também sugere, juntamente com a própria estrutura, que as sete mensagens devem ser lidas como um todo e por cada uma das comunidades. Em última análise, a mensagem de João dirige-se a toda a Igreja Universal, em todos os tempos e lugares¹³⁹.

¹³⁸ FIORENZA, E. S., *Apocalipsis: Visión de un mundo justo*, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 1997, 71-72 e 80-81.

¹³⁹ Cf. ALVES, H. et al., *Apocalipse*, 133-134.

1.2. O género literário

Outra questão que se coloca é a do género literário: apesar da ordem concreta dada a João para que escreva e envie¹⁴⁰ o que vê às sete Igrejas, as sete mensagens não são cartas verdadeiras. Para além de lhes faltar uma estrutura epistolar verdadeira¹⁴¹, as sete mensagens possuem fórmulas (“isto diz”, “conheço...”, “aquele que tem ouvido ouça...”) que se repetem no seu decurso e que as fazem ser entendidas como um corpo único e, portanto, com a finalidade de serem lidas como um todo¹⁴².

David Aune sugere que estas proclamações constituem um *género misto*, criado pelo autor, a partir de alguns géneros existentes na época, nomeadamente, o *Édito Imperial* e o *Oráculo de Julgamento-Salvação*¹⁴³. O objectivo do autor do Apocalipse seria o de apresentar Cristo como o único e verdadeiro soberano, em contraposição ao imperador, que não seria mais do que um instrumento de Satanás¹⁴⁴. Opinião semelhante possui Elisabeth Schüssler Fiorenza ao dizer que João usa material variado na elaboração destas proclamações como *tradições profético-apocalípticas*, tanto judaicas como cristãs, para reafirmar a sua autoridade profética e a do seu livro¹⁴⁵; refere igualmente que a fórmula “isto diz” (usada tanto pelos profetas hebraicos, como pelos éditos reais da corte persa e dos imperadores ou magistrados provinciais romanos) leva a *conceber as sete mensagens como éditos reais ou oráculos divinos em forma de carta*¹⁴⁶.

¹⁴⁰ grayon e pemyon, respectivamente. Estão ambos no imperativo do aoristo, o que indica uma ordem concreta. Cf. *BibleWorks 7* e SWETNAM, J.; *Gramática do Grego do Novo Testamento – Parte I: Morfologia, Volume I: Lições*, Paulus, 2ª Ed., 2004, 117 – James Swetnam, a propósito do imperativo do aoristo activo diz: “(...) o aoristo do modo imperativo normalmente veicula a ideia de uma ordem para um caso específico, isto é, uma norma de conduta a ser seguida em certa situação”.

¹⁴¹ Falta, por exemplo, a *saudação*, que se encontra, não obstante, em Ap 1,4, no início do livro, bem como a *fórmula de despedida*, que é substituída pela exortação à escuta do Espírito. Stanley Stowers, na entrada «Greek and Latin Letters» de *TABD*, refere três características da natureza de uma carta: a sua ocasionalidade, a sua ficção por uma presença pessoal e a habilidade de absorver outros géneros literários; refere, ainda, que as pessoas com um nível de alfabetização muito modesto ditavam a mensagem, que queriam enviar, a um amigo mais letrado, ou a um escriba profissional. A carta, geralmente, iniciava com o nome do remetente, o destinatário e a saudação, podendo seguir-se um desejo de saúde ou, menos frequentemente, uma acção de graças ou um acto ou culto à divindade; finalizava com uma fórmula de despedida e, por vezes, com uma lista de saudações para outras pessoas, a seguir à do destinatário – cf. «Greek and Latin Letters» in *TABD*, K-N, 290-293.

¹⁴² Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 92.

¹⁴³ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 119.

¹⁴⁴ Cf. BIGUZZI, G. *Gli splendori*, 93.

¹⁴⁵ Cf. FIORENZA, E. S., *Apocalipsis*, 76.

¹⁴⁶ Cf. FIORENZA, E. S., *Apocalipsis*, 72.

Deste modo, tendo João uma diversidade de modelos literários à escolha, não se prendeu de maneira rígida a nenhum deles, preferindo fazer uma combinação¹⁴⁷. Por isso, Aune apresenta três formas literárias que poderão ter servido de base à combinação realizada por João; para cada uma delas, o autor parte da fórmula *tade legei*:

a) Cartas “proféticas”¹⁴⁸ – o autor começa por apresentar a tradição epistolar helenística, cujas cartas iniciavam com a fórmula arcaica *tade legei*. Depois, apresenta o arquivo real do antigo reino de Mari e o aviso enviado pelos profetas ao rei, que usam a mesma fórmula; refere, ainda, cinco textos semelhantes do Egipto Helénico. Por fim, Aune menciona as cartas dos profetas Elias e Jeremias (2 Cr 21, 12-15; Jer 29) e a Epístola de Enoch. Diz ele que estes oráculos proféticos, que apresentam uma forma epistolar, são introduzidos com fórmulas proféticas, ao invés das epistolares. Relativamente a Ap 2-3, o autor termina dizendo que embora manifeste esta semelhança com as cartas proféticas (também inicia com o *tade legei* de sabor profético), não é influenciado directamente por nenhum destes fenómenos literários paralelos.

b) Discurso profético¹⁴⁹ – refere, citando F. Hahn e U. B. Müller, que o uso da mesma fórmula *tade legei* é idêntico ao uso que se dá nas profecias do Antigo Testamento – trata-se de uma fórmula do mensageiro profético. Deste modo, o autor identifica um tipo de oráculos presentes nos cap. 2-3 do Apocalipse: *os oráculos parenéticos de salvação–julgamento*, que apresentam um forte ênfase de exortação moral. A conduta de cada igreja é sancionada negativamente, com julgamento e exclusão, ou positivamente, com promessas de salvação e recompensa.

c) Éditos imperiais¹⁵⁰ – mais uma vez, o autor parte da já citada fórmula, dizendo que esta também incorporava a estrutura dos éditos imperiais e dos decretos dos reis Persas¹⁵¹. Continua, dizendo que estes éditos eram, inevitavelmente, uma *composição mista*. Eram formais e públicos, valendo apenas para a região e para as pessoas para as quais eram promulgados. Quanto à sua forma, possuíam uma introdução – a *praescriptio* – que, após

¹⁴⁷ Cf. AUNE, D. E., «The form and function of the proclamations to the seven churches (Revelation 2-3)» in *New Testament Studies* 36 (1990) 195.

¹⁴⁸ Cf. AUNE, D. E., «The form and function...», 194-197.

¹⁴⁹ Cf. AUNE, D. E., «The form and function...», 197-198.

¹⁵⁰ Cf. AUNE, D. E., «The form and function...», 198-203.

¹⁵¹ Cf. 2 Cr 36,23; Esd 1,2.

indicar o nome e os títulos do magistrado, seguia com um verbo de declaração – *legei*¹⁵² ou *legousi*¹⁵³. Seguidamente, o magistrado falava em 1ª pessoa e dirigia-se aos destinatários, nomeando-os em 2ª pessoa do plural. A seguir à *praescriptio* seguia-se o Corpo do Édito, que continha: a) o *prooemium* (prefácio, onde se captava a benevolência do destinatário), b) a *promulgatio* (proclamação), c) a *narratio* (breve descrição do assunto), d) a *dispositio* (na qual se manifestava a decisão) e, finalmente, e) a *sanctio/corroboratio* (com a finalidade de se cumprir o documento). Após esta explicação, o autor segue comparando com as sete mensagens do Apocalipse: diz que as sete proclamações têm um *praescriptio* semelhante ao dos éditos imperiais embora, nestes últimos, o nome e títulos do magistrado venham antes do verbo de declaração, enquanto que nas sete proclamações a ordem é inversa; refere, também, que a *narratio* tem uma função muito semelhante às frases que, no Ap 2-3, são introduzidas pela expressão οἴδα, sendo introduzida por verbos com um domínio semântico muito próximo do οἴδα (*akouw*, *ginwskw*, *epiginwskw* e *punqanomai*); menciona que a *dispositio* está presente uniformemente em cada proclamação, excepto a que não é introduzida por um verbo com significado de ordem; por fim, alude à semelhança entre a *sanctio/corroboratio* e a promessa ao vencedor.

Ao fazer referência a estes três estilos literários, David Aune defende que João, ao usar um género misto que os engloba a todos, tem a intenção de apresentar Cristo como o verdadeiro Rei, em oposição ao Imperador que é, ao mesmo tempo, um clone e um instrumento de Satanás¹⁵⁴. No entanto, também poderá ser uma forma de reforçar o carácter profético de todo o Apocalipse, uma vez que João faz intenção de o referir no início (1,3) e no fim (22,10.18.19). Disso trataremos mais à frente.

2. A estrutura literária

Vamos, agora, debruçar-nos sobre a estrutura literária das sete proclamações do Apocalipse, salientando os aspectos comuns (a negrito) e divergentes em cada uma das mensagens.

¹⁵² 3ª pessoa do singular do presente do indicativo activo de *legw*.

¹⁵³ 3ª pessoa do plural do presente do indicativo activo do mesmo verbo.

¹⁵⁴ Cf. AUNE, D. E., «The form and function...», 204.

| | | | | | | |
|--|--|--|---|---|---|---|
| <p>Ao anjo da igreja de Éfeso, escreve:</p> <p>«Isto diz o que tem na mão direita as sete estrelas, o que caminha no meio dos sete candelabros de ouro:</p> <p>‘Conheço as tuas obras, as tuas fadigas e a tua constância. Sei também que não podes tolerar os malvados e que puseste à prova</p> | <p>Ao anjo da igreja de Esmirna escreve:</p> <p>«Isto diz o Primeiro e o Último, aquele que estava morto, mas reviveu:</p> <p>‘Conheço as tuas tribulações e a tua pobreza; a tua pobreza; no entanto, és rico. Também conheço as calúnias dos que se dizem judeus,</p> | <p>Ao anjo da igreja de Pérgamo escreve:</p> <p>«Isto diz o que tem uma aguda espada de dois gumes:</p> <p>‘Sei onde habitas. É onde está o trono de Satanás; e, no entanto, guardas fidelidade ao meu nome e não negaste a fé em</p> | <p>Ao anjo da igreja de Tiatira escreve:</p> <p>«Isto diz o Filho de Deus, aquele cujos olhos são como chama de fogo e cujos pés são semelhantes ao bronze:</p> <p>‘Conheço as tuas obras, a tua caridade, a tua fé, a tua dedicação, a tua constância e as tuas últimas obras, mais nu-</p> | <p>Ao anjo da igreja de Sardes, escreve:</p> <p>«Isto diz o que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas:</p> <p>‘Conheço as tuas obras;</p> | <p>Ao anjo da igreja de Filadélfia escreve:</p> <p>«Isto diz o Santo, o Verdadeiro, o que tem a chave de David, o que abre e ninguém fecha e fecha e ninguém abre:</p> <p>‘Conheço as tuas obras. Vê, coloquei diante de ti uma porta aberta, que ninguém pode fechar. Tens pouca força, mas guar-</p> | <p>Ao anjo da igreja de Laodiceia, escreve:</p> <p>«Isto diz o Ámen, a Testemunha fiel e verdadeira, o Princípio da Criação de Deus:</p> <p>Conheço as tuas obras:</p> |
|--|--|--|---|---|---|---|

| | | | | | | |
|--|--|---|----------------------------------|--|--|--|
| <p>os que se dizem apóstolos – mas não o são – e os achaste mentirosos; tens constância, sofreste por causa de mim e não perdeste a coragem.</p> | <p>mas que não são mais que uma sinagoga de Satanás.</p> | <p>mim, nem sequer nos dias de Antipas, minha testemunha fiel, que foi morto na vossa cidade – que é morada de Satanás.</p> | <p>merasas que ao princípio.</p> | | <p>daste a minha palavra e não renegaste o meu nome. Farei que alguns da sinagoga de Satanás – esses que se dizem judeus sem o serem, pois mentem – venham prostrar-se a teus pés. E saberão que Eu te amei. Porque guardaste a minha palavra com perseverança, também Eu te guardarei na hora da provação que vai</p> | |
|--|--|---|----------------------------------|--|--|--|

| | | | | | | |
|--|--|---|--|--|--|--|
| <p>No entanto, tenho uma coisa contra ti: abandonaste o teu primitivo amor.</p> | | <p>Mas tenho algumas coisas contra ti: tens aí alguns que seguem a doutrina daquele Balaão que ensinou Balac a tentar os israelitas, de modo a comerem as carnes imoladas aos ídolos e a praticarem a imoralidade. Mais ainda, também tens</p> | <p>Mas tenho uma coisa contra ti: toleras que Jezebel, essa mulher que a si mesma se chama profetiza, ensine e engane os meus servos, levando-os à imoralidade e a participar em banquetes idólatricos. Concedi-lhe um prazo para que se arrependesse</p> | <p>tens fama de estar vivo, mas estás morto.</p> | <p>vir sobre todo o mundo, para provar os habitantes da terra.</p> | <p>não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente. Assim, porque és morno – e não és frio nem quente – vou vomitar-te da minha boca. Porque dizes: ‘Sou rico, enriqueci e nada me falta’ – e não te dás conta de que és um infeliz, um miserável,</p> |
|--|--|---|--|--|--|--|

| | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|
| | | alguns que se- guem igualmen- te a doutrina dos nicolaítas. | da sua imorali- dade, mas ela não quer arre- pender-se. Então, vou pró- trá-la num leito de dor, e sobre os seus amantes vou lançar uma grande tribula- ção, a menos que se arren- dam das obras que praticaram com ela. Vou destruir pela morte os filhos que ela gerou. Deste modo, sa- berão todas as igrejas que sou | | | um pobre, um cego, um nu – aconselho-te a que me compres ouro purificado no fogo, para enriqueceres, vestes brancas para te vestires, a fim de não aparecer a ver- gonha da tua nudez e, final- mente, o colírio para ungir os teus olhos e re- cobreres a vista. Aos que amo, eu os repreendo e castigo. |
|--|--|--|--|--|--|--|

| | | | | | | |
|--|--|----------------------------------|--|---|--|---|
| <p>Lembra-te, pois, donde caístes, arrepende-te e torna a proceder como ao princípio.</p> | <p>Não temas nada do que vais sofrer. Eis que o Diabo vai lançar alguns de vós na prisão para vos provar. Sereis atribulados durante dez dias. Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida.’</p> | <p>Converte-te, pois;</p> | <p>Eu quem conhece profundamente os pensamentos e os corações e que retribuirei a cada um de vós conforme as vossas obras.</p> <p>Agora, dirijo-me a vós, aos restantes de Tiatira, a todos quantos não professam essa tal doutrina nem conhecem, como eles dizem, as profundidades de Satanás: não vos imponho outra car-</p> | <p>Sê vigilante e fortifica aquilo que está a morrer, pois não encontrei perfeitas as tuas obras, diante do meu Deus. Recorda, portanto, o que recebeste e ouviste. Guarda-o e arrepende-te.</p> | <p>Venho em breve: guarda o que tens,</p> | <p>Sê, pois, zeloso e arrepende-te. Olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo.’</p> |
|--|--|----------------------------------|--|---|--|---|

| | | | | | | |
|--|--|--|--|---|--|--|
| <p>Se não procederes assim e não te arrependeres, Eu virei ter contigo e retirarei o teu candelabro do seu lugar.</p> <p>Mas tens isto em teu favor: detestas as obras dos nicolaítas, como eu também as detesto.’</p> | | <p>se não, virei ter contigo brevemente e combatarei contra eles com a espada da minha boca.’</p> | <p>ga; no entanto, o que tendes, guardai-o bem, até que Eu venha.</p> | <p>Pois se não estiveres vigilante, virei como um ladrão, sem que saibas a que hora virei ter contigo.</p> <p>No entanto, tens em Sardes algumas pessoas que não mancharam as suas vestes; esses caminha-</p> | <p>para que ninguém te arrebate a tua coroa.’</p> | |
|--|--|--|--|---|--|--|

| | | | | | | |
|--|---|---|--|---|---|---|
| <p>Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.</p> | <p>Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.</p> | <p>O que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.</p> | | <p>rão comigo, vestidos de branco, pois são dignos disso.</p> | | |
| <p>Ao que sair vencedor, dar-lhe-ei a comer da árvore da Vida que está no Paraíso de Deus.»</p> | <p>Aquele que vence não será vítima da segunda morte.»</p> | <p>Ao que sair vencedor, dar-lhe-ei a comer do maná escondido e dar-lhe-ei também uma pedra branca; na pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhe-</p> | <p>Ao que vencer, cumprindo até ao fim as minhas obras, darei poder sobre os povos, o mesmo que Eu recebi de meu Pai, os quais Ele governará com ceptro de ferro e que-</p> | <p>Assim, o que vencer andará vestido com vestes brancas e não apagarei o seu nome do livro da Vida, mas o darei a conhecer diante de meu Pai e dos seus anjos.’</p> | <p>Ao que vencer, fá-lo-ei coluna no templo do meu Deus. Entrará e não mais sairá dele. E gravarei nele o meu nome novo, o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu</p> | <p>Ao que vencer, farei que se sente comigo no meu trono, assim como Eu venci e estou sentado com meu Pai, no seu trono.</p> |

| | | | | | | |
|--|--|--------------------------------|---|---|---|---|
| | | ce, a não ser o que a recebe.» | brará como quem parte vasos de barro; e dar-lhe-ei a estrela da manhã.’ | | Deus, a nova Jerusalém que desce do céu de junto do meu Deus. | |
| | | | O que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.» | Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.» | Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.» | Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.» |

Tabela 1: Sinopse¹⁵⁵ das sete mensagens de Ap 2-3.

¹⁵⁵ Poder-se-á ver, no Anexo 2, uma sinopse do texto original grego – *TGNT*. O texto em português é tomado de *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica.

2.1. Elementos estruturantes

Desta tabela sinóptica das sete mensagens, saltam à vista uma série de elementos comuns (a negrito). É o que iremos enunciar, seguidamente, tendo presente a mesma tabela, com o texto em grego, presente no Anexo 2:

a) (kai) tw| aggelw| en))) ekklhsiaj grayon – aparece em todas as mensagens. É a primeira a aparecer, sendo introduzida por kai, excepto na primeira;

b) tade legei o – aparece imediatamente a seguir à anterior e introduz os títulos cristológicos, que se seguem. Também está presente em todas as proclamações.

c) oiða – aparece em todas as mensagens, mas com variações nas três primeiras: na de Éfeso – oiða ta erga sou; na de Esmirna – oiða sou thn ql i/yin; na de Pérgamo – oiða poul. Nas quatro seguintes aparece sempre da mesma maneira: oiða sou ta erga. Nas cartas a Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira e Filadélfia introduz o que Cristo nomeia de positivo nas Igrejas. Nas cartas a Sardes e Laodiceia introduz aquilo que há de negativo.

d) al| la. ecw kata. sou/ aparece desta maneira nas cartas a Éfeso e Tiatira, mas modificada na carta a Pérgamo – al| l' ecw kata. sou/ ol| iga. Introduz aquilo que é censurável; nas mensagens a Sardes e a Laodiceia, este aspecto é introduzido por ol| i, imediatamente a seguir à fórmula oiða sou ta erga.

e) Uso da fórmula imperativa metanoyson – é usado nas cartas ímpares (Éfeso, Pérgamo, Sardes e Laodiceia), manifestando uma ordem concreta à conversão. Nas cartas a Éfeso, Sardes e Laodiceia, juntamente com outros imperativos; na carta a Pérgamo, aparece isolado.

f) Uso da fórmula imperativa nas cartas pares: ginou pistoj (na carta a Esmirna), krathate (Tiatira) e kraitei (Filadélfia), manifestando uma ordem a que as Igrejas se mantenham no caminho que, até agora, seguiram.

g) Uso do condicional – nas cartas ímpares de Éfeso (eiv de. mh, e ean mh. metanoysij na prótase¹⁵⁶), Pérgamo (eiv de. mh na prótase) e Sardes (ean oua mh. grhgorhshj na prótase), expressando as consequências que poderão advir, caso as Igrejas permaneçam na atitude, pela qual são repreendidas. Com o mesmo objectivo, aparece o uso da oração final iha mhdeij na carta a Filadélfia.

¹⁵⁶ Nas orações condicionais, denominam-se *prótase* a frase que contém a condição e *apódose* a frase que contém a conclusão, cf. GOODWIN, W. W., *Greek Grammar*, St Martin's Press, 1987, 294, §1381.

h) αλλ̄α. \$\$\$)%) ecej aparece somente nas cartas a Éfeso (αλλ̄α. touto ecej) e a Sardes (αλλ̄α. ecej ol̄iga onomata).

i) ο̄ ecwn ouj̄ akousatw̄ ti, to pneūma legeī taij̄ ekkl̄hsiaij̄ – aparece inalterável em todas as cartas. Nas três primeiras, aparece antes da fórmula do vencedor, nas seguintes, aparece depois da dita fórmula.

j) tw̄/̄nikwhti / ο̄ nikwh̄ – inicia a fórmula do vencedor, aparecendo com variações ao longo das sete cartas: nas de Éfeso e Pérgamo – tw̄/̄nikwhti – e nas restantes – ο̄ nikwh̄.

É interessante expôr, agora, a proposta de Xabier Pikazza¹⁵⁷ no concernente ao agrupamento das sete mensagens. Este autor apresenta uma divisão das proclamações em três grupos:

a) A referência: que fica no centro – é a mensagem dirigida a Tiatira.

b) As cartas pares do centro: cujo veredicto é positivo, mantendo-se fiéis a Cristo a partir da sua pobreza e carência de poder – são as mensagens a Esmirna e Filadélfia.

c) As cartas ímpares: cujo veredicto é sempre negativo – daqui, temos as cartas cujo veredicto negativo é mais suave (Éfeso e Pérgamo) e aquelas que o têm mais forte (Sardes e Laodiceia).

Esta exposição encontra fundamento na própria imagem apresentada pelo vidente de Patmos – a dos sete candelabros de ouro. Quando João se volta para ver quem lhe fala, é esta imagem que ele vê em primeiro lugar (cf. Ap 1,12), ou seja, “a *menorah* hebraica, o candelabro de sete braços, sinal da liturgia, da oração, do culto, da vida eclesial, aquele candelabro que estava no templo diante do Santo dos santos como sinal da vida religiosa de Israel, diante do Senhor”¹⁵⁸. Sendo assim, a cada um dos sete braços da *menorah* poderíamos fazer corresponder cada uma das sete Igrejas da Ásia Menor, como o faz John W. Bowman, ao dizer que se imaginássemos a *menorah* erguida sobre a ilha de Patmos, incidindo nela uma forte luz do Sudoeste, a sombra das sete lâmpadas iria coincidir com as sete cidades¹⁵⁹. E continua, dizendo que, Éfeso e Laodiceia estão ligadas pelo braço exterior do candelabro, sendo duas Igrejas “más”; Esmirna e Filadélfia estão ligadas pelo braço intermédio, sendo

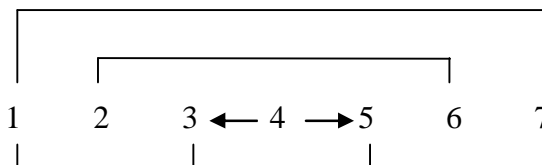
¹⁵⁷ Cf. «Cartas. Apocalipsis» in *Diccionario de la Biblia, historia y Palabra*, PIKAZA, X., Editorial Verbo Divino, Navarra, 2007, 176.

¹⁵⁸ BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 63.

¹⁵⁹ Cf. BOWMAN, J. W., «Revelation, Book of» in *TIDB*, R-Z, 68-69.

duas Igrejas “boas”; as três restantes – Pérgamo, Tiatira e Sardes – representam uma progressão desde a tolerância, através do compromisso, para a morte em coligação com o pecado¹⁶⁰.

Face a tudo isto, apresentamos uma estrutura das cartas que Xavier Alegre¹⁶¹ questiona se não será adequada:



Cada número corresponde a uma das sete comunidades da Ásia Menor, havendo, como já foi referido, uma alusão ao paralelo das cartas: as ímpares, como aquelas censuradas (1 e 3 são menos; 5 e 7 são mais); as pares 2 e 6, como as comunidades que não recebem censura; as do meio (3, 4 e 5) como as comunidades do centro da *menorah*, sendo a 4 a comunidade que recebe a maior das cartas.

Também podemos salientar elementos díspares presentes nas sete proclamações às Igrejas:

a) Começando logo pelo endereço, embora a fórmula seja a mesma, muda o nome da Igreja à qual é dirigida a mensagem, especificando-se, assim, o destinatário.

b) A seguir à fórmula *taðe legei*, aparece a apresentação da pessoa de Cristo, diferente em cada uma das cartas. Cada uma delas está ligada à visão inaugural de Ap 1, 9-20, à exceção da de Laodiceia (3, 14). Assim, a apresentação de Cristo a Éfeso está conforme 1, 13.16, a Esmirna cf. 1, 17-18, a Pérgamo cf. 1, 16, a Tiatira cf. 1, 14-15, a Sardes cf. 1, 4.16, a Filadélfia cf. 1, 18 e a Laodiceia cf. 1, 5¹⁶².

c) Depois da fórmula *oiða*, aparece uma breve narração, diferente em todas as proclamações, fornecendo um resumo da situação de cada Igreja¹⁶³. Deste modo, Éfeso possui constância, pondo à prova os falsos apóstolos, embora seja censurada por ter abandonado o seu amor primitivo. Esmirna vive em tribulações, especialmente as que são causadas pela sinagoga de Satanás (não é censurada). Pérgamo, que apesar de ter guardado fidelidade ao

¹⁶⁰ Cf. BOWMAN, J. W., «Revelation, Book of», 69.

¹⁶¹ Cf. TUÑI, J.-O., *Escritos Joánicos*, 255.

¹⁶² Cf. AUNE, D. E., *The World*, 121.

¹⁶³ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 121.

nome de Cristo, é censurada por ter alguns elementos que seguem a doutrina de Balaão (a questão das carnes imoladas e da imoralidade) e a dos nicolaítas. Tiatira (segundo alguns estudiosos, a comunidade modelo), é elogiada pela caridade, fé, dedicação, constância e pelas últimas e numerosas obras; porém, é censurada por tolerar Jezabel, falsa profetiza, que engana alguns dos servos de Cristo. Sardes, que não possui nenhum elogio, é censurada por estar morta, apesar do seu nome aparentar vitalidade. Filadélfia, apesar da pouca força, guardou a Palavra de Cristo e não renegou o Seu Nome (à semelhança de Esmirna, também não é censurada). Laodiceia (que à semelhança de Sardes, não possui elogio), é reprovada por ser morna, escondendo-se atrás da sua capa social.

d) O uso do imperativo¹⁶⁴ é diferente em cada uma das cartas, não só pela diversidade de verbos usados, mas também pela alternância entre o imperativo do aoristo e o imperativo do presente. Na “carta” a Éfeso, temos os verbos *mnh̄moneue* (imperativo presente, que indica uma ordem que se prolonga no tempo – “lembra-te e continua a lembrar-te”), *metanōh̄son* e *poīh̄son* (ambos no impv. aoristo, o que indica uma ordem para uma acção concreta, aquela que foi descrita – “arrepende-te” e “faz; procede assim”). Na de Esmirna, temos *gīnou pīstoj* (impv. pres. – “torna-te crente e continua a sê-lo”). Na de Pérgamo, *metanōh̄son* (impv. aor. – “converte-te”). Na de Tiatira, *krath̄sate* (impv. aor. – “guardai-o bem”), depois de se dirigir especificamente aos “restantes de Tiatira”. Na de Sardes, *gīnou gr̄hgorwh* (impv. pres. – “torna-te vigilante e continua a sê-lo”), *sth̄rison* (impv. aor. – “fortifica”), *mnh̄moneue* (impv. pres. – “recorda-te e continua a recordar”), *th̄rei* (impv. pres. - “guarda-o e continua a guardá-lo”) e *metanōh̄son* (impv. aor. – “arrepende-te”).

e) A fórmula *eiv̄ de, mh̄* (“se não”) só aparece nas “cartas” a Éfeso e Pérgamo. Nas de Sardes e Filadélfia aparecem outras formulações semelhantes: *ean̄ oūn mh̄* (“pois se não”) e *īha mh̄deij* (“para que ninguém”), respectivamente.

f) Após estas fórmulas aparecem, apenas nas proclamações a Éfeso e a Sardes, as expressões *al̄ l̄a. toutō eceij* (“mas tens isto”) e *al̄ l̄a. eceij ol̄ igā onomata* (“mas tens alguns nomes”).

¹⁶⁴ Iremos fundamentar-nos na explicação que James Swetnam fornece acerca do imperativo do presente: “(...) o presente do modo imperativo geralmente veicula a ideia de um preceito geral, isto é, uma regra de conduta a ser seguida em mais de uma situação” – cf. SWETNAM, J., *Gramática do Grego*, 78. Relativamente ao imperativo do aoristo, já referimos a sua explicação atrás.

g) A fórmula $\omega \epsilon \omega \nu \nu \omega \dot{\iota}$... aparece antes da fórmula do vencedor nas três primeiras “cartas” e depois nas três últimas.

h) A promessa ao vencedor é diferente em cada uma das “cartas”: em Éfeso, é prometido o comer da árvore da Vida; em Esmirna, o não ser vítima da segunda morte; em Pérgamo, o maná escondido e a pedra branca; em Tiatira, o poder sobre os povos e a estrela da manhã; em Sardes, a veste branca e o não ser apagado do livro da Vida; em Filadélfia, o tornar-se coluna do templo de Deus e a gravação do nome novo; em Laodiceia, o sentar-se no trono com Jesus.

2.2. Estrutura

As sete proclamações do Apocalipse apresentam, como já vimos, elementos comuns e díspares entre si, o que leva os vários autores a considerá-las como possuindo uma estrutura mais ou menos semelhante entre si. Apresentaremos, seguidamente, as versões de alguns autores, que se complementam, uma vez que, de maneira geral, existe uma certa concordância quanto à estrutura das cartas.

Segundo Läßple¹⁶⁵, todas as mensagens apresentam a seguinte estrutura:

- a) Endereço do destinatário
- b) Nome do remetente
- c) Referência à fidelidade primitiva a Cristo e o grande “mas”
- d) Apelo à conversão e ameaça de castigo
- e) Promessas confortadoras

Aune¹⁶⁶, por sua vez, considera 8 itens:

1. A *Adscriptio* (que é o destinatário)

- a) Vem antes da *superscriptio* (remetente). Ocorre com o emprego do dativo.
- b) O autor varia da 2ª pessoa do singular para a 2ª e 3ª do plural.
- c) Há uma redução do emprego do $\kappa\alpha\iota$, no começo das frases (9 vezes, em 44 frases). Por outro lado, o emprego de $\delta\epsilon$, 3 vezes (2, 5.16.24) e de $\alpha\iota\lambda\lambda\alpha$, 8 vezes (2, 4.6.9 [2x].14.20; 3, 4.9), tendo em conta que no Apocalipse aparecem, respectivamente, 7 e

¹⁶⁵ Cf. LÄPPLE, A., *A mensagem do Apocalipse para o nosso tempo*, Edições Paulinas, São Paulo, 1971, 78.

¹⁶⁶ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 119-124.

30 vezes, pode dar a entender que o autor quis usar um estilo mais cuidado nas cartas, ou então, tratar-se-ia de uma adição tardia.

2. O *mandato para escrever* (grayon) – está entre a *adscriptio* e a fórmula *tade legei*. Aparece como parte da fórmula “*escreve e envia*” (presente em Ap 1,1). Toda a mensagem, introduzida pela fórmula *tade legei*, funciona como complemento directo de *grayon*.

3. A fórmula *Tade legei* – tem duas associações para quem lê o Apocalipse: a) traz à memória a fórmula profética “isto diz YHWH” (*hw̄hy rma hk*) e b) faz lembrar a fórmula de proclamação usada pelas cartas e éditos reais persas. O uso da 3ª pessoa justifica o uso da 1ª, que lhe segue.

4. As *predicações de Cristo* – caracterizam aquele que fala, que é Cristo Ressuscitado, estando ligadas com a visão inaugural de Ap 1, 9-20. O efeito que provoca é unificar as sete proclamações como algo que é pronunciado pelo Cristo Ressuscitado, que mandou João escrever, em 1, 9-20. Embora não o diga explicitamente, este item corresponde à *superscriptio*.

5. A *Narratio* – introduzida pela fórmula *oiēa*, aparece diversificada ao longo das sete proclamações. Consiste numa breve narração da situação de cada comunidade, fazendo um diagnóstico positivo ou negativo do seu comportamento e servindo de base para a *dispositio* que, imediatamente, lhe segue. Usa verbos finitos, limitados à forma do passado e do presente, no indicativo, cujo conteúdo é governado pelo significado de *oiēa* (“conheço”). O autor continua, dizendo que existem duas frases comuns que ocorrem nas *narrationes* de algumas proclamações: a) a frase *sou ta. erga* (cujas variações já fizemos referência atrás, não sendo necessário referir o que é apresentado pelo autor) e b) a frase *al la. ecw kata. sou/* (cujas variações também já foram referidas).

6. A *Dispositio* – que funciona como a secção central de cada uma das proclamações. Está intimamente ligada à *narratio*, já que esta serve de base às afirmações que se fazem na *dispositio*. Está marcada pelo uso de verbos no imperativo e no futuro do indicativo. Podem encontrar-se nas secções seguintes: (a) 2, 5-6; (b) 2,10; (c) 2,16; (d) 2,22-25; (e) 3, 2-4; (f) 3, 9-11 e (g) 3, 16-20. Em (a), (b), (c) e (e) são introduzidas por imperativos, enquanto que em (d), (f) e (g) são introduzidas pelo futuro do indicativo, ou pelo presente do indicativo com valor de futuro do indicativo. O autor finaliza fazendo referência ao imperativo *metanoḥson* (que, como vimos, aparece quatro vezes), que aparece ligado duas vezes ao imperativo

mnhmoneue e três ao uso do condicional (como também se encontra atrás referido), manifestando os aspectos negativos da Parusía, caso as Igrejas continuem no mesmo estado.

7. A *Fórmula Proclamatória*: ὁ πνεῦμα λέγει ταῖς ἐκκλησίαις (que já foi referida atrás), ao mesmo tempo que finaliza uma mensagem introduz a seguinte. Funciona como fórmula *proclamatória*, ou seja, uma ordem formal para que determinada audiência preste muita atenção à mensagem que a acompanha. O autor refere, ainda, que, quando este tipo de fórmula conclui um oráculo, a sua função será a de uma espécie de “assinatura” profética. Contudo, o imperativo aoristo ἀκούσατε é usado *transitivamente* numa frase que começa com o pronome interrogativo τί, que funciona como complemento directo do verbo. E continua dizendo que a fórmula, com as suas variantes, além de fazer alusão a repetidos ditos de Jesus, também está firmemente enraizada na liturgia das comunidades cristãs primitivas da província romana da Ásia. Além disso, o seu uso poderia autenticar o encontro de João com Cristo Ressuscitado. A fórmula aparece na 3ª pessoa, introduzindo um novo locutor – o Espírito. Isto leva a considerar que a intenção do autor possa ser associar o Espírito a Cristo Ressuscitado. Aune termina este item referindo que todas as fórmulas usam o verbo λέγει como verbo de declaração, delimitando cada proclamação.

8. A *Fórmula da Promessa ao Vencedor* – o autor faz referência ao facto de esta fórmula possuir variações e de estar colocada *depois* da fórmula proclamatória, nas três primeiras proclamações, e *antes*, nas quatro últimas (como já vimos atrás), o que pode sugerir que as duas fórmulas estão intimamente ligadas. Finaliza dizendo que o autor do Apocalipse usa três construções sintácticas muito diferentes: (a) em 2, 7.17, na frase τῷ νικῶντι δώσω αὐτῷ (“ao vencedor dar-lhe-ei”), τῷ νικῶντι funciona como um dativo de respeito, sendo αὐτῷ o complemento indirecto; (b) em 2, 11 e 3, 5, ὁ νικῶν funciona como sujeito do verbo; (c) em 2, 26; 3, 12.21, ὁ νικῶν é um nominativo pendente, sendo uma construção funcionalmente paralela a (a).

2.3. As três fórmulas sempre constantes

Finalmente, findando este capítulo, será conveniente fazer referência às três fórmulas que se destacam no texto pela sua constância, o que nos levará ao estudo mais pormenorizado dos verbos aí contidos. São elas a) ταδε λέγει, b) οἱ εἰς e c) ὁ πνεῦμα λέγει ἀκούσατε. Embora o

mandato para escrever, o uso do imperativo (*dispositio*) e a fórmula do vencedor também sejam constantes, ir-nos-emos debruçar, a partir de agora, nos verbos $\epsilon\gamma\omega$, $\omicron\iota\epsilon\acute{\alpha}$ e $\alpha\kappa\omicron\upsilon\omega$, como uma trilogia profética, querida por João, para expressar um apelo à Igreja daquele tempo, que se encontrava numa situação de perigo para a sua fé.

CAPÍTULO IV

“CONHECER”, “DIZER” E “OUVIR”

NÚCLEOS TEMÁTICOS FUNDAMENTAIS EM AP 2-3

Em complemento ao capítulo anterior, neste vamos debruçar-nos sobre o significado concreto de cada verbo, procurando compreender e enquadrar o seu significado no contexto bíblico. Para esse efeito, valemo-nos da ajuda de alguns instrumentos de trabalho, em concreto, de dois dicionários¹⁶⁷, fazendo uma breve síntese dos principais conteúdos, no concernente a cada um dos verbos, procurando enquadrá-los no contexto das sete cartas do Apocalipse. Pretendemos que este apanhado nos ajude a compreender o seu significado e a sua ocorrência tanto no Antigo como no Novo Testamento, o que nos conduzirá à verificação da sua importância na Sagrada Escritura e à observação da forma como o autor do Apocalipse usou a fonte da literatura profética na construção das suas mensagens. Depois, é necessário estudar o sujeito e o objecto de cada verbo (relativamente às sete proclamações às Igrejas), para ajudar a perceber como é que esta trilogia é um elemento fundamental das Cartas e como é que isso pode ter implicações para a Igreja, hoje (que será objecto de estudo do IV Capítulo). Também se fará uma pequena referência ao presente durativo, usado na fórmula de audição (ὁ ἐκων οὐ̅ ακουσα̅τω...) e, por fim, apresentar-se-á uma breve fundamentação bíblica da trilogia, que se encontra nos profetas do AT.

1. O verbo «conhecer» ([dy" / oiða)

No AT, o verbo em questão está ligado à percepção do mundo. O conhecimento que daí advém é sensível e não propriamente racional: está, pois, implicado o que se vê e o que se ouve. A relação entre Deus e o seu povo também é expressa por este verbo, uma vez que Deus conhece o seu povo, perscrutando o seu íntimo, embora o povo nem sempre reconheça Yahweh, apesar das suas manifestações. No NT, oiða é usado, muitas vezes como sinónimo do verbo ginwskw, embora, quando aplicado ao conhecimento que Jesus tem do Pai, isso se traduza na sua conduta e não, meramente, de um conhecimento intelectual. Nas cartas, oiða,

¹⁶⁷ *Theological Dictionary of the Old Testament*, BOTTERWECK, G. J. (ed.), William B., Eerdmans Publishing Company, Cambridge, 2003 e *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, MONTAGNINI, F. et al. (ed.), Paideia, Brescia, 1968.

retomando a semântica veterotestamentária (concretamente a profética) tem como sujeito Cristo e como objecto do seu conhecimento as obras de cada Igreja.

1.1. *[dy(yāḏāʿ)]*¹⁶⁸

a) *Etimologia e ocorrências*

Normalmente a raiz *ydʿ* exprime, nas várias línguas semíticas, a ideia de «conhecer».

Aparece, juntamente com os derivados, 1058 vezes no AT hebraico. É especialmente comum em Ezequiel (99 vezes), Salmos (93), Jeremias (77), Isaías (75) e Job (70). Ocorre 174 vezes no Pentateuco e 181 na História Deuteronomista, aparecendo apenas 38 vezes na História do Cronista. Aparece 35 vezes cada em Provérbios e Eclesiastes e 2 no Cântico dos Cânticos.

Nos LXX, para verter *yāḏāʿ* usam-se 22 verbos, 3 substantivos e 8 adjectivos, encontrando-se *gignwskēin* e *eidenai* (que é o que nos interessa) e seus respectivos compostos.

b) *Conhecimento do mundo*

O conhecimento externo, ou recognição (*yāḏāʿ*), é colocado em paralelo, frequentemente, com a percepção sensório-visual (*rāʾā*). Por sua vez, *yāḏāʿ* é precedido por um processo auditivo (*šāmaʿ*). Estes dois elementos – ver (*rāʾā*) e ouvir (*šāmaʿ*) – fazem parte de um único processo: ver – ouvir – conhecer. *yāḏāʿ* funciona como termo superior, que resume a percepção sensorial e a processa a nível intelectual. Por vezes, não há distinção entre o sensorial e o intelectual: trata-se da totalidade do conhecimento humano. Ao nível de Ap 2-3, podemos vislumbrar esta dinâmica no conhecimento que Cristo tem das Igrejas – Ele vê as obras das Igrejas¹⁶⁹; a sua audição está implícita¹⁷⁰.

O sujeito do acto de conhecer deve possuir determinadas habilidades físicas para o fazer: olhos, ouvidos, coração, os quais devem estar abertos, como forma de captar e apreender o que vem de fora. Por sua vez, o coração, na mentalidade semita e veterotestamentária, funciona como órgão de percepção e conhecimento – é ele que sustenta o entendimento e o

¹⁶⁸ Temos como texto de base o *TDOT*, vol. V, 448-479.

¹⁶⁹ “sou Eu quem sonda os rins e os corações” – Ap 2,23, em ligação com o título “cujos olhos parecem chamas de fogo” – Ap 2,18.

¹⁷⁰ “os que se dizem apóstolos” – Ap 2,2; “Também conheço as calúnias” – Ap 2,9; “Porque dizes: ‘Sou rico (...)’” – Ap 3,17, etc. Tudo isto pressupõe o ouvir de Cristo.

acto de decidir (relativamente à percepção exterior), bem como tudo o que está na base do juízo e da responsabilidade (no âmbito da memória). Assim, vemos como Cristo entra em relação com a sua Igreja, captando a sua situação e estando atento. Por outro lado, a Igreja é convidada a conhecer o que Cristo quer para ela, expressa pela fórmula de audição¹⁷¹.

O conhecimento específico é algo que exige esforço: tem que ser procurado através de empenho, tentativa, experiência e juízo. O seu objecto deve ser fundamentalmente perceptível, ou seja, deve estar no domínio daquele que conhece. Só Yahweh conhece de longe¹⁷². Não admira que, segundo a mesma linha semântica, o vidente de Patmos coloque o conhecimento de Cristo ao mesmo nível de Deus¹⁷³.

O conhecimento do bem e do mal, ou seja, a capacidade de distinguir entre ambos, está para além das capacidades da criança imatura, uma vez que ela não consegue, ainda, ver o alcance das consequências. Este conhecimento só está disponível para os adultos. No episódio de Gen 2,9-17, o conhecimento divino obtido através do fruto da “árvore do conhecimento do bem e do mal” poderá ser visto numa dimensão moral de discernimento entre um e outro. Por outro lado, a pretensão de ser igual a Deus leva ao questionamento da Sua autoridade. Nesta linha, a Igreja de Laodiceia é como uma criança, que não conhece¹⁷⁴ a sua verdadeira situação de miserabilidade, em contraste com o conhecimento omnisciente de Cristo¹⁷⁵.

No AT, *da‘at* (“conhecimento”) e *hokmâ* (“sabedoria”) são usados, frequentemente, de modo alternado. O “conhecimento” é o que caracteriza o justo, o prudente e todos aqueles que têm entendimento¹⁷⁶. Nada é dito acerca da sua fonte. O coração e os ouvidos procuram o conhecimento¹⁷⁷. É através da sabedoria e do conhecimento de Yahweh que os céus e a terra foram fundados e desenvolvidos¹⁷⁸. O conhecimento não é dado ao ser humano pela sua própria natureza, mas é Yahweh e a Sabedoria que cooperam para o produzir¹⁷⁹. Daí que, na

¹⁷¹ Como já vimos, a audição e a visão fazem parte do acto de conhecer – cf. *TDOT*, vol. V, 462.

¹⁷² Cf. Sal 138,6; 139,2.

¹⁷³ Em alusão a Jer 17,10, a expressão “sou Eu quem sonda os rins e os corações” (Ap 2,23) ilustra que o Ressuscitado possui a mesma omnisciência de Yahweh – cf. AUNE, D. E., *The World*, 206.

¹⁷⁴ *ouk oidej*.

¹⁷⁵ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 259

¹⁷⁶ Prov 10,14; 11,9; 13,16; 18,15.

¹⁷⁷ Prov 15,14; 18,15.

¹⁷⁸ Prov 3,19. O Ressuscitado é “o Princípio da Criação de Deus” (Ap 3,14).

¹⁷⁹ Cf. *TDOT*, vol. V, 466.

carta a Tiatira, Cristo critica as “vãs pretensões de penetrar o que é Deus, que produzem desvios para o laxismo moral”¹⁸⁰.

c) Uso Religioso

Nalgumas passagens bíblicas¹⁸¹, a raiz *yd'* indica uma relação especial entre Yahweh e o seu povo Israel: uma relação de selecção, eleição e chamamento, que se observa em Abraão, Moisés, David, etc. Aparece, igualmente (mas raramente), como expressão do cuidado e protecção de Yahweh¹⁸². Por outro lado, Yahweh conhece, testa e julga: neste contexto *yd'* significa “conhecer bem”, “pôr à prova”, “ponderar”, “julgar”. E é nesta actividade de Deus que o devoto vê a ocasião da intervenção divina¹⁸³. Agora, o novo Povo é a Igreja, alvo da atenção, eleição e chamamento de Cristo. Ele conhece a sua situação, mostrando a sua proximidade dela e convidando-a ao arrependimento/conversão, ou à perseverança/constância, pois Ele ama a sua Igreja e por isso a corrige¹⁸⁴.

Paralelamente, “conhecer Yahweh” refere-se a uma relação prática, religiosa e ética, ou seja, só quem é justo de coração e está preparado para se abster da idolatria e do pecado conhece verdadeiramente a Deus, uma vez que os seus caminhos são rectos.

A ignorância de Deus é a atitude oposta. “Não conhecer a Deus” aparece em paralelo com a “apostasia” e o declínio ético-religioso. Há uma série de atitudes e expressões que manifestam o não conhecimento de Deus: pecar contra Deus, ser ímpio, blasfemo, mentiroso, assassino, ladrão e adúltero¹⁸⁵. Por isso, os Gentios não conhecem a Deus. Também por isso, Israel é admoestado a não conhecer outros deuses, ou seja, abster-se de qualquer tipo de relação com os deuses das outras nações. Nesta sequência, poderemos ser levados a pensar que esta seja uma das razões pela qual João faz uma dura crítica àquele grupo de seguidores de Jezabel, que diziam conhecer a Deus, na carta a Tiatira, mas que esse dito conhecimento não é mais do que das «profundezas de Satanás»¹⁸⁶.

¹⁸⁰ Nota a) da Bíblia de Jerusalém, em Ap 2,24. O verbo aí usado é o *ginwskw*.

¹⁸¹ Como Am 3,2, por exemplo.

¹⁸² Na 1,7.

¹⁸³ Dt 13,4. Como se vê na carta a Esmirna – “Eis que o Diabo vai lançar alguns de vós na prisão para vos provar” (Ap 2,10).

¹⁸⁴ “Aos que amo, eu os repreendo e castigo” (Ap 3,19), na carta a Laodiceia.

¹⁸⁵ Cf. Os 4,1-2.

¹⁸⁶ Enzo Bianchi, na nota 8, refere que talvez João quisesse desautorizar a pretensão dos gnósticos de se proclamarem conhecedores das revelações profundas dos arcanos – cf. BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 81.

d) Revelação

A noção de revelação é expressa por muitas raízes, entre as quais está *yd'* na conjugação *hifil*¹⁸⁷ (“tornar conhecido”). Tendo Deus aparecido aos Patriarcas, não lhes deu a conhecer o seu nome; já assim não foi com Moisés, ao qual se deu a conhecer com a expressão *'a nî YHWH*¹⁸⁸. A revelação entra em jogo quando Deus dá a conhecer o seu nome em demonstrações históricas de poder¹⁸⁹. Normalmente, a revelação de Yahweh traz consigo uma informação histórica específica: a revelação do novo rei a Samuel¹⁹⁰, ou a duração da dinastia davídica a Natan¹⁹¹, por exemplo. Algo semelhante acontece no remetente das cartas. Cristo apresenta-se com uma série de títulos, em alusão ao seu poder, conseqüente da sua morte e ressurreição¹⁹².

A expressão *yd' kî' 'a nî YHWH*, que significa “sabereis que Eu sou Yahweh”, encontra-se, geralmente, nos discursos proféticos e após uma afirmação da acção divina. Nos oráculos proféticos de auto-demonstração divina, esta afirmação constitui o seu fim e o propósito. Ocasionalmente, segue-se uma conclusão sumária¹⁹³. Ela é especialmente clara nas tradições do êxodo e das pragas¹⁹⁴, mas também em todos os restantes prodígios que acompanham Israel até à entrada na Terra Prometida. As acções de Yahweh causam reconhecimento, confissão e gratidão. A estranheza dos seus sinais e maravilhas e o seu aparecimento inesperado na vida quotidiana são a causa do reconhecimento imediato.

yādhū' kî' 'a nî YHWH é especialmente comum nas declarações proféticas, constituindo o seu clímax. Normalmente é precedida por uma afirmação acerca dos actos de Deus¹⁹⁵.

O “conhecimento de Deus” (*da'at 'elōhîm*) aparece, especialmente em Oseias e Jeremias, preferencialmente nos oráculos de julgamento. Os profetas, ao atacarem a ausência ou rejeição deste conhecimento, usam expressões paralelas: esquecimento, apostasia, rebelião, adultério, iniquidade, engano, infidelidade.

¹⁸⁷ As conjugações verbais no hebraico expressam-se de maneira diferente. Os verbos expressam-se por acções diversas (simples, intensiva e causativa) e por vozes (activa, passiva, reflexiva). Deste modo, a conjugação *hifil* é a voz activa de uma acção causativa – cf. FARFÁN N., E., *Gramática elemental del Hebreo Bíblico*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2003, 50-51.

¹⁸⁸ Ex 6,2ss.

¹⁸⁹ Cf. Sal 76,2ss; Is 64,1-2.

¹⁹⁰ Cf. 1 Sam 16,3.

¹⁹¹ Cf. 2 Sam 7,21.

¹⁹² Cf. Ap 2,1.8.12.18; 3,1.7.14.

¹⁹³ Cf. *TDOT*, vol. V, 471.

¹⁹⁴ Cf. Ex 7,17; 8,6.18; 9,29; 11,7; etc.

¹⁹⁵ Ez 25,5; Is 45,3.6; Is 49,23.26.

Na carta a Tiatira aparece uma espécie de demonstração profética. Cristo enuncia uma série de prodígios que irá realizar contra Jezabel e os seus seguidores. Deste modo, os cristãos de Tiatira saberão (gnw̄sontai) que Ele É o que examina os rins e os corações, sendo usada a expressão egw̄/eimi, ao invés do tetragrama divino¹⁹⁶.

1.2. *oīda* (oīda)¹⁹⁷

Com forma de perfeito, oīda é usado sempre com valor de presente. Muitas vezes substitui o perfeito egnw̄ka (“ter sabido” = “saber, conhecer”). Também pode ocorrer como sinónimo do verbo ginw̄skw e quando os dois verbos são usados na forma absoluta¹⁹⁸ no grego da *koiné*, geralmente não diferem no significado. Aparece 318 vezes¹⁹⁹ no NT, quase sempre com o sentido de “saber” e raramente com o de “conhecer”. Também aparece com o sentido de “apreciar, reconhecer”. Expressa, ainda, a ideia do conhecimento/não conhecimento de Deus, evocando o pensamento veterotestamentário da ignorância culpável de Deus. Em Mc 1,24.34 e Lc 4,34.41 os demónios “conhecem” Jesus – sabem qual o propósito da sua vinda e proclamam a sua natureza, quando ameaçados na sua existência. No quarto Evangelho pode ver-se uma certa penetração do uso linguístico gnóstico de eīdenai – o verbo indica que Jesus conhece Deus: mas este conhecimento não se limita a ser abstracto, incorporando-se na missão de Jesus e concretizando-se na obediência à palavra e vontade do Pai. João põe ainda em evidência que os Judeus não reconheceram a filiação divina de Jesus porque «são deste mundo» (Jo 8,23). É curioso constatar que este é o verbo usado para expressar o conhecimento que Cristo tem das Igrejas, uma vez que, nos LXX, a preferência era dada ao verbo gignw̄skw, que traduzia mais vezes o hebraico *yāda*²⁰⁰.

1.3. *Sujeito e objecto de oīda, em Ap 2-3, na fórmula oīda*

Na fórmula «conheço», presente em todas as cartas, Cristo, depois de ser apresentado com os seus diversos títulos, introduz o discurso a cada uma das Igrejas. É a partir desta

¹⁹⁶ É provável que a fórmula onde aparece a forma verbal gnw̄sontai, seja correspondente à expressão hebraica *yādu’ kī ’anī YHWH* (“sabereis que Eu Sou YHWH”) – cf. Ap 2,23 – “Deste modo, saberão todas as igrejas que Eu sou (...)”.

¹⁹⁷ *GLNT*, vol.VIII, 329-338.

¹⁹⁸ *GLNT*, vol.VIII, 329.

¹⁹⁹ Ver Anexo 4.

²⁰⁰ Cf. *BibleWorks* 7.

fórmula que Cristo passa a dirigir-se-lhes (até lá, Cristo está a dirigir-se a João, dando-lhe a ordem a que escreva aos Anjos das sete Igrejas), assumindo protagonismo do que vai ser dito. Sendo o sujeito do verbo *oída*, Cristo toma a palavra, falando em primeira pessoa, em discurso directo. Deste modo, Cristo conhece, igualmente, em primeira pessoa.

O complemento directo deste verbo varia consoante as cartas. Na primeira e nas quatro últimas cartas o objecto coincide em parte (se retirarmos a especificação que se lhe segue) – *ta erga* (sou), na de Éfeso, (sou) *ta erga*, nas quatro últimas. Assim, ir-se-á concretizar o objecto deste verbo.

a) Na missiva a Éfeso, Cristo conhece “as tuas obras e a tua fadiga e perseverança e que não podes suportar malvados, e que pusestes à prova os que se dizem apóstolos mas não são e os descobristes mentirosos, e tens perseverança e suportaste por causa do meu nome e não te afadigaste”. A fadiga e a perseverança são dois aspectos das “obras” e é curioso ver como o verbo *bastazw* é usado com o mesmo significado, ainda que em paralelismo antitético: os efésios não conseguem suportar os malvados, mas suportam/sofrem por causa do nome de Jesus²⁰¹. Cristo conhece, pois toda esta situação presente em Éfeso e é a partir daí que avança no discurso, acusando aquela Igreja de ter abandonado o seu primitivo amor.

b) Em Esmirna, Cristo “conhece” *thn qliyin*, *thn ptwceian* e *thn blasfhmian*, quer dizer, a tribulação e a pobreza daquela comunidade e as calúnias dos que se dizem judeus. Perante o conhecimento desta situação, Cristo conforta a Igreja, dizendo-lhe para não temer o que está a ponto de sofrer e a ser crente até à morte.

c) Na mensagem a Pérgamo, o Ressuscitado conhece *pou/katoikeyj*, “onde habitas” e também que aquela comunidade segura firme²⁰² o Seu Nome e não renegou a fé de Cristo. Daí parte para a repreensão daqueles que seguem as doutrinas de Balaão e dos Nicolaítas.

d) De Tiatira, Cristo conhece as obras (*ta erga*), que depois especifica: o amor (*thn agaphn*), a fé (*thn pistin*), o serviço (*thn diakonian*), a perseverança (*thn upomonhn*) e as últimas obras, mais numerosas que as primeiras. Embora tudo isto apareça ligado por sucessivos *kai*, o que acontece é que o termo geral “obras” é definido pelos que se lhe seguem, dando ênfase a vários aspectos do comportamento dos Cristãos²⁰³. Depois de mostrar o

²⁰¹ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 143.

²⁰² A forma verbal é *krateij*.

²⁰³ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 202.

conhecimento interno da Igreja, Cristo segue denunciando o flagelo provocado pela falsa profetiza Jezabel.

e) Na missiva a Sardes, a fórmula é à mesma “conheço as tuas obras”, sendo *ta. erga*, mais uma vez, o objecto do verbo. Mas as obras da comunidade de Sardes são especificadas pelo *oñti*: Sardes tem um nome que aparentemente revela vitalidade, mas está morta, pelo que é preciso adquirir uma atitude de vigilância e arrependimento.

f) Mais uma vez, na carta a Filadélfia, Cristo conhece as obras – *oiēa sou ta. erga*. Uma vez que aquela comunidade tem pouca força, mas guardou a palavra de Jesus e não renegou o Seu Nome (essas são as obras da Igreja de Filadélfia), o Senhor coloca-lhe uma porta aberta, que ninguém pode fechar, e que contrasta com a pouca força daquela Igreja²⁰⁴, mas também fará que os da sinagoga de Satanás se prostrem a seus pés. De igual modo, como guardou a palavra de Jesus, será guardada da hora da tribulação (v.10).

g) Da Igreja de Laodiceia, o Senhor conhece, tal como nas outras cartas, as obras, que depois especifica através da conjunção *oñti*, dizendo que não é fria nem quente, mas morna, classificando, deste modo, a tibieza e auto-suficiência daquela comunidade e exortando-a à mudança.

2. O verbo «dizer» (*ῥμα' / legw*)

No AT, o uso deste verbo exprime, essencialmente, uma relação de comunicação entre duas pessoas: a que fala e a que escuta. Nomeadamente, usa-se para expressar a comunicação entre Deus e o seu povo, principalmente nos oráculos proféticos, onde Deus lhe dirige a palavra e o exorta à conversão, à mudança de vida, ou à esperança. No NT, o verbo grego tem uma herança helenística por detrás, que manifesta uma dimensão mais racional, ligada ao cálculo e ao discurso. Aplica-se, essencialmente, àquilo que Jesus diz, adquirindo, em vários contextos, o sentido de anúncio. Por isso, a Boa Notícia é proclamada pelos Apóstolos, sendo identificada com o próprio Jesus e Este, por sua vez, com a Palavra.

Nas sete proclamações às Igrejas, quem fala é Cristo, na multiplicidade dos seus títulos. O que Ele diz é a própria mensagem em si, que se segue à expressão «isto diz». E a mensagem transmitida às Igrejas reveste-se de uma carga intemporal (devido ao uso do

²⁰⁴ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 236.

presente durativo), uma vez que aquilo que é dito vale para toda a Igreja e para todos os tempos: não se cinge aos limites históricos.

2.1. *ʾmr*(*'amar*)²⁰⁵

a) *Raiz e uso geral*

'mr é uma raiz semita comum que pode significar “ser claro”, “ser visível”, “ver” ou “comunicar”. No hebraico e no aramaico bíblico, o significado original recua inteiramente, dando caminho ao conceito “dizer” no sentido de transmitir informação. No AT a forma verbal de *'mr* aparece cerca de 5300 vezes, quase sempre na conjugação *qal*²⁰⁶. *'amar* é usado, de entre outras maneiras, para indicar que as palavras do locutor se seguem imediatamente, onde *'amar* aparece a seguir a verbos como *qārā*, “chamar”, *'ānāh*, “responder”, *nāghadh*, “proclamar”, *shā'al*, “perguntar”, *tsivvāh*, “ordenar”, etc, e, também, a seguir a expressões como *hayah dabhar 'el*, “a palavra veio até”²⁰⁷.

'amar tem um grande leque de significados. No entanto, aponta sempre para afirmações razoáveis, proferidas por um sujeito que pode ser ouvido e entendido por outros. A sua função é chamar a atenção para aquilo que vai ser dito, aparecendo, desta feita, numa relação sujeito-objecto e trazendo consigo, muitas vezes, dois objectos – o complemento directo, indicando o que é dito, e o destinatário a quem é dito. Nas passagens onde o discurso é introduzido por *'amar*, indicando que as palavras daquele que fala se seguem imediatamente, esse mesmo discurso forma o objecto do verbo. Expressa sempre uma relação pessoal, qualquer que seja ela – da vida social, das relações humanas entre si, ou com a natureza, e, também, entre Deus e o homem e este e Deus. Tanto o sujeito como os objectos de *'amar* têm âmbitos muito diversos: o sujeito poderá ser não só pessoas, mas também, terras, cidades, animais, plantas, partes do corpo, elementos da natureza, fenómenos climáticos, monstros míticos, etc.; o objecto possui, igualmente, um âmbito alargado, uma vez que quem fala, pode fazê-lo acerca de qualquer coisa.

Sendo usado num contexto em que existe comunicação entre duas pessoas ou, pelo menos, entre entidades que são consideradas como pessoas, tem como objectivo a escuta, de

²⁰⁵ *TDOT*, vol. I, 328-345.

²⁰⁶ É a voz activa da acção simples – cf. FARFÁN N., E., *Gramática elemental*, 51.

²⁰⁷ Como aparece em Jer 1,4 – cf. *TDOT*, vol. I, 329.

modo que uma pessoa possa ouvir, entender e responder; é, pois, usado em diálogos. O sujeito é especificado. A comunicação ocorre a partir da resposta (que também é expressa pelo mesmo verbo). Por outro lado, quando alguém se abstém de falar, quando se cala, manifesta o final consciente dessa relação pessoal.

É usado no AT em ligação com o dar o significado/nome a algo, podendo ter o sentido de “mostrar/revelar”, ou para designar um objecto, um fenómeno ou uma entidade pessoal.

Também se usa, consideravelmente, num sentido de imputação. Merece destacar, aqui, a dimensão do mandato, da ordem. Embora a palavra usual para “ordenar/mandar” seja *tsivvāh*, por vezes é *'amar* que assume esse significado. Esta parece ser uma das “nuances” presentes na fórmula *taḏe legei* das cartas, uma vez que está conectada com a expressão “*aquele que tem ouvido ouça (...)*”. Como vimos no II capítulo, a fórmula “*isto diz*”, presente nos profetas e nos éditos imperiais, adquire o tom de ordem, em ligação com a função parenética da fórmula de audição, como veremos adiante.

b) Uso teológico

No Antigo Testamento, é frequente que Deus seja o sujeito de *'amar* – «Deus disse», «Deus fala», «Deus irá falar». Expressões como estas implicam que Deus possa ser ouvido no âmbito da natureza e da história, onde o homem existe, experimenta e entende. Esta raiz, por conseguinte, é um termo de revelação – Deus tem poder para falar, ao mesmo tempo que pode ser entendido. Quando Ele fala, revela-Se aos seus destinatários. As fórmulas, nas quais Deus se identifica, são a expressão mais clara desta função de *'amar*. Ao falar, Deus revela-se mediante expressões como «Eu sou o Deus do teu pai», «Eu sou Yahweh», «Eu sou Yahweh teu Deus»²⁰⁸, proclamando o seu nome. Deste modo, manifesta-Se presente na palavra como Aquele que age, como Aquele que está presente no seu agir. Aplicado às sete mensagens, o facto de Jesus Cristo se auto-apresentar com os títulos, fá-lo presente e actuante nas comunidades às quais se dirige²⁰⁹.

A criação, no contexto do primeiro relato (Gen 1), é descrita como um evento-palavra, uma vez que o acto de falar é o seu motor e fio condutor. No começo de cada acto individual

²⁰⁸ Cf. Ex 3,6.14, Ez 20,5, respectivamente.

²⁰⁹ Basta para isso, recordar um dos primeiros títulos cristológicos – “o que caminha no meio dos sete candelabros de ouro” (Ap 2,1). Se a *Menorah* judaica significava, no Templo, a presença de Deus no meio do seu povo, agora Deus faz-se presente, por meio de Cristo, na Igreja – cf. BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 63 e AUNE, D. E., *The World*, 142.

da criação está a expressão *vayyo'mer 'elohim* ('e Deus disse'), que manifesta um tom imperativo – é uma ordem. Segue-se o efeito: Deus diz e assim acontece. A vontade criadora de Deus tem a capacidade de ser dita; por sua vez, a palavra criadora realiza aquilo que diz. Por isso, a palavra é a acção que é dita e realizada. Isto estende-se a outros contextos (compromissos, promessa divina, oráculos e bênçãos ou maldições divinas). Nas sete proclamações, o evento-palavra de Cristo traduz-se em promessas e ameaças. Como palavra divina, a palavra de Jesus tende a realizar-se, uma vez que é necessário que se cumpram determinadas condições.

'amar é, ainda, usado como introdução à revelação da Lei²¹⁰. Por isso, pode expressar uma ordem, quer juntamente com *tsivvah*, quer por si só. Os “mandamentos de Deus” podem, sendo assim, ser expressos por *'amar*. Neste sentido, na fórmula proclamatória das cartas transpareceria que o que se segue deveria ser entendido como uma ordem a ser cumprida²¹¹.

O vocábulo em questão pode possuir um carácter atributivo ou imputativo, que é expresso pela promessa realizada por Deus. Por especial concessão divina, o homem transmite a bênção divina, colocando o nome de Deus sobre aqueles que são abençoados. O conteúdo da bênção/promessa/compromisso vem depois da expressão *vayyo'mer* ou *le'mor*, no discurso directo, sendo atribuível a alguém, de acordo com o ponto de vista do narrador. Nem sempre estas acções foram entendidas como declarações directas de Deus, sendo representadas, por vezes, como palavra mediada – exemplos disso são os oráculos proféticos²¹² e os oráculos sacerdotais de salvação²¹³.

Os oráculos proféticos manifestam mais eloquentemente a mediação humana da revelação divina. *'amar* é usado em três âmbitos: a missão do mensageiro, a fórmula de mensageiro e o oráculo de mensageiro, os quais se inserem num contexto de transmissão de mensagem, usada uniformemente no Próximo Oriente antigo. Originalmente, uma mensagem era transmitida de forma oral, passando, posteriormente, a sê-lo em forma de carta. Tendo-se constituído num género literário, amplamente usado, encontramos esta forma de transmissão no AT, inclusive fora da literatura profética, como em Gen 32,4-6. Fazendo um esquema das

²¹⁰ Como em Ex 20,1.22; 34,1-10; Lv 17,1 e em Dt 1,5-6; 5,1.

²¹¹ Como, aliás, observamos pelo uso dos vários imperativos como “converte-te” ou “arrepende-te”, que reforçam a ideia de que a fórmula *taqe legei* introduz algo que deve ser obedecido.

²¹² O autor apresenta, como exemplos, Is 7 e Jer 45.

²¹³ Quanto a estes, o autor exemplifica com Is 41, 8-13; Lam 3, 57 e Sal 35, 3.

partes constitutivas do envio de uma mensagem temos: a) o remetente; b) o envio do mensageiro; c) o destinatário; d) o lugar aonde é enviada a mensagem; e) a missão do mensageiro: «assim deves falar a...» (*koh tho'mar 'el*); f) a fórmula do mensageiro: «assim falou...» (*koh 'amar*) e g) o oráculo do mensageiro (em discurso directo). Esta estrutura não é rígida, podendo variar nos seus elementos. Relativamente às cartas, basta ver a sua própria estrutura para compreendermos que uma das possíveis fontes foi os oráculos proféticos. O profetismo do AT deve ser entendido exclusivamente como transmissão de uma mensagem, que não é do profeta, mas sim de Deus, que é anunciado através da fórmula do mensageiro. Do mesmo modo, a mensagem que João transmite às Igrejas não é dele, mas de Cristo, que é anunciado pelos seus vários títulos.

2.2. *Iegw (légô)*²¹⁴

a) *Iegw/Iogoj no helenismo*

No helenismo podemos encontrar quatro significados básicos para este vocábulo: recolher, contar, enumerar e narrar/dizer.

O substantivo *Iogoj* acaba por adquirir um leque de significados: é o primeiro passo essencial para a realização do mais alto conhecimento; é a expressão verbal do pensamento/inteligência (*diánoia*); é a enumeração ordenada dos elementos do objecto em questão; é a determinação da característica específica; exprime o conteúdo racional do discurso; exprime o significado de algo/enuncia algo, dizendo o que é ou não. Se *Iogoj* e *rhma* (que se refere simplesmente ao “dito” em si) diferem, no helenismo, quanto ao significado, tal não acontece no AT (LXX), onde são equivalentes.

Posteriormente, *Iogoj* sofre uma evolução, adquirindo um contorno metafísico, tornando-se um conceito filosófico e teológico fixo – toma um valor cosmológico, manifesta a ordem criadora do mundo, ou seja, uma lei que opera nas coisas, no mundo e no seu curso. O mesmo *Iogoj* irá expressar, também, a ideia de uma “ponte”, de um princípio que possibilita a relação (entre o homem e o mundo, o homem e Deus e o mundo e o transcendente). Sob o significado de “cálculo”, *Iogoj* traduz a capacidade racional de discorrer, falar e pensar.

²¹⁴ *GLNT*, vol.VI, 201-380.

Embora a compreensão do *logoj* como uma “razão” presente nas coisas seja helenista (e também da concepção da literatura sapiencial do AT), não deixa de ser interessante aplicá-la às sete cartas do Apocalipse, uma vez que as sete comunidades da Ásia Menor estavam inseridas num mundo helénico. Assim (e acrescentando a novidade neotestamentária), Jesus, o *logoj tou qeou*, é o mediador entre Deus e as Igrejas – por isso, fala e conhece, porque é a “razão” que está em todas as coisas e pela qual todas foram criadas²¹⁵.

b) “Palavra” e “falar” no NT

Os termos *legw* e *logoj* têm uma importância capital no NT. São usados em todos os significados e níveis, desde o quotidiano ao mais cuidado. *Logoj* designa, geralmente, um discurso, uma notícia, uma fama, uma narração escrita²¹⁶. Tudo o que se diz é *logoj*. Na expressão *egw legw umih* («eu digo-vos») expressa-se a autoridade da palavra de Jesus (devido à frequência com que aparece). Esta manifesta-se no conteúdo superior do discurso de Jesus em relação à autoridade tradicional. Em continuidade, a fórmula *tade legei*, de inspiração profética, tem como objectivo evocar a autoridade do Ressuscitado, que se dirige às sete comunidades da Ásia Menor, no Apocalipse.

A palavra de Jesus tem um carácter de autoridade. Os seus adversários procuram um meio para o apanhar nalguma coisa que Ele diga, na sua própria palavra. Mas esta causa espanto, que nasce da autoridade da mesma. Ela é diferente daquela que é dita pelos escribas. Está ligada com a acção; não está separada dela. A própria palavra é activa, pelo que se emancipa o imperativo em acreditar n’Ele, o enviado de Deus. Por isso, nas sete proclamações do Apocalipse, a fé no Ressuscitado é o pressuposto para as *Igrejas* obedecerem à sua palavra, que tem autoridade (como evocam os títulos). Quanto aos milagres, é a palavra que coloca em acto a sua potência sanante. A palavra de Jesus e a sua autoridade não se movimentam apenas na dimensão espiritual, mas também na corpórea – Ele é soberano de toda a criação. O acreditar em Jesus acontece por causa da sua palavra; esta pode ser aceite, ou não; pode ser guardada, ou não; nela se permanece; ela entra no homem; quem a recusa expõe-se ao juízo de Deus; quem a acolhe e guarda é puro, tem a vida eterna e não experimentará a segunda morte. Em Ap 2-3, Cristo coloca as Igrejas perante um dilema: obedecer-Lhe e entrar em

²¹⁵ Ver o título de Cristo na carta a Laodiceia: «O princípio da Criação de Deus» (Ap 3,14).

²¹⁶ Cf. Act 2,41, Act 11,22, Lc 5,15 e Act 1,1, respectivamente.

comunhão com Ele, ou desobedecer-Lhe e ser alvo de exclusão. Toda esta valorização da palavra de Jesus mostra o seguinte: que Jesus é Filho de Deus Pai. Por isso, as suas palavras são «de vida eterna» e são «espírito e vida»²¹⁷. A importância da palavra de Jesus é tal que esta é comparada com a Escritura. Fora do âmbito dos Evangelhos, o discurso de Jesus está ligado, em primeiro lugar, às suas obras, em segundo, à dimensão da cruz e da ressurreição e, em terceiro, à actividade do Cristo celeste, elevado ao céu, e ao seu Espírito. Por isso, Aquele que fala, em Ap 2-3, é Aquele que age na sua Igreja, que morreu e ressuscitou e está no céu; estas dimensões estão espelhadas nos títulos. O Espírito também é evocado, uma vez que é a ele que a Igreja é convidada a escutar.

A “palavra” identifica-se com a mensagem de Cristo. É palavra da cruz, da reconciliação, da salvação, da graça, de vida, da verdade. Em relação a este último aspecto, diz-se que é da verdade, porque quem a profere é o próprio Deus. A eficácia da palavra depende do seu autor, sendo garantia da vontade do mesmo. Cresce em virtude da sua própria força, é “potência de Deus”²¹⁸; não pode ser retida. Está em relação recíproca com a oração. É importante salientar que a palavra não é eficaz por si mesma, como se fosse mágica; é-o porque é Deus quem a pronuncia e a torna eficaz, tal como evoca a imagem da “espada de dois gumes”²¹⁹ – trata-se de uma eficácia absolutamente concreta. A “palavra” não só indica a graça, a salvação e a vida, mas também as produz, porque se identifica com elas.

No Apocalipse de S. João, a expressão *oi logoi* é usada muitas vezes, especialmente no início e no fim, onde se classificam “as palavras” do livro como “da profecia” (cf. Ap 1,3; 22,19). É de notar que, neste contexto, não se usa a expressão “palavra de Deus”. Esta última é usada, ao invés, duas vezes e no plural – *oi logoi tou/ qeou* – em Ap 17,17 e 19,9. As “palavras de Deus” são, pois, as promessas feitas por meio dos profetas. O uso da mesma expressão, mas no singular (*o logoj tou/ qeou*), é limitado a um grupo de expressões, em relação com *marturia* (“testemunho”). Assim, a “palavra de Deus” aparece ligada ao “testemunho de Jesus” (cujos genitivos devem ser entendidos como subjectivos, ou seja, quer o testemunho, quer a palavra, procedem de Jesus e de Deus, respectivamente). Na carta a Filadélfia faz-se a referência ao guardar a palavra de Cristo (ver Ap 3,8.10) – esta é dada à

²¹⁷ Jo 6,68 e Jo 6,63, respectivamente.

²¹⁸ 1 Cor 1,18.

²¹⁹ Heb 4,12.

comunidade para que a guarde. Surge, por fim, a questão sobre se as expressões “palavra de Deus” e “testemunho de Jesus Cristo” se tratam de realidades diversas, ou da mesma – somos remetidos, no léxico, para a visão do combate escatológico, onde aparece Cristo, simbolizado pela figura do cavaleiro montado num cavalo branco (cf. Ap 19,11ss) e onde é chamado de “palavra de Deus” (cf. Ap 19,13).

A convicção de que Jesus Cristo é a “palavra de Deus” é algo presente no cristianismo primitivo – a pregação realizada por Cristo é a pregação da “palavra”. Na carta a Laodiceia encontramos o seguinte: «Isto diz o Amen, a Testemunha fiel e verdadeira, o Princípio da criação de Deus» (Ap 3,14). Ainda que o genitivo “de Deus” se refira a “da criação”, não deixa de estar em relação com “Amen”, “Testemunha” e “Princípio”, uma vez que Deus é que pronuncia este “Amen” e Ele é testemunhado por Cristo. A expressão *logoj tou qeou* que possui todo um pano de fundo veterotestamentário, adquire uma nova dimensão no NT, sem anular a do AT. Os conceitos veterotestamentários “criação”, “mandamento”, “aliança”, sem perder o seu valor, encontram o seu cumprimento no evento “Cristo”, sendo contrapostos pelos conceitos de “nova criação”, “novo mandamento” e “nova aliança”. O mesmo acontece com a expressão “palavra de Deus” que, sem aniquilar a sua compreensão veterotestamentária, encontra o seu cumprimento em Cristo, uma vez que Deus pronunciou de uma vez por todas esta “palavra”. Cristo não traz somente a palavra, mas é a “palavra”, enquanto a incorpora na sua pessoa, no seu falar e agir, na sua presença e na sua vida. Regressando à visão do Apocalipse, em que aparece o cavaleiro montado no cavalo branco (Ap 19,11ss), são fixos dois aspectos: a) o reconhecimento do mistério que ninguém pode exprimir e do nome que ninguém conhece e b) o conhecimento seguro d’Aquele que é manifesto, do nome com que é chamado, que é “palavra de Deus”. A imagem da espada que sai da boca do cavaleiro também expressa a “palavra” – esta exerce um poder soberano sobre os adversários, uma vez que é “rei dos reis e senhor dos senhores” (v.16). É, exactamente, a nomeação do cavaleiro como “palavra de Deus” que permite identificá-lo com Cristo. Uma vez que a “palavra de Deus” está ligada com o “testemunho de Cristo” (como já foi observado), Jesus é testemunha e dá testemunho, enquanto Palavra de Deus.

Na I Carta de S. João, a “Palavra da vida” é a que o apóstolo ouviu, viu, contemplou, apalpou. Não só ouviu a Palavra como a viu; não só a percebeu com os ouvidos, uma vez que

se trata do próprio evento de Cristo e não, somente, do que Jesus disse e ensinou. A missão do apóstolo resulta, pois, em transmitir aquilo que ouviu e viu.

Duas ideias estão presentes e bem vincadas no Prólogo do Evangelho segundo S. João: a pré-existência do *logoj* e a sua encarnação, ou manifestação histórica. Aí, Jesus é chamado de “Palavra”. Após o Prólogo, já não mais é chamado assim. Ele é a Palavra e, a partir de agora, a Palavra chama-se Jesus. Deste modo, o apelativo *logoj* é evitado, uma vez que poderia dar azo a más interpretações. O evangelista sabe que a “Palavra fez-se carne” porque ele viu nessa mesma carne a “glória”, ou seja, aquela luz que emana da eternidade.

O Prólogo joanino evoca o primeiro relato da criação, de Gen 1. Toda a criação surge em virtude da palavra de Deus: «Deus disse». Por isso se diz que «tudo foi feito por meio dela (da Palavra)» (Jo 1,3) e, também, que ela é a vida (v.4), já que sem a palavra de Deus («Deus disse»: ao longo de Gen 1) não se pode dar vida às criaturas. A “Palavra” está voltada para Deus (*proj ton qeon*), é uma entidade pessoal, manifesta em Jesus. Por fim, existe um paralelismo entre “Palavra” e Torah. Também a Lei encontra em Cristo o cumprimento – a nova Lei.

2.3. Sujeito e objecto de *legw*, em Ap2-3, na fórmula *tade legei*

De uma forma constante, encontramos o verbo *legw* na fórmula *tade legei* (embora se encontre noutras passagens das sete Cartas, nomeadamente, na fórmula *o` ecwn ouj*). Aqui, o sujeito é Jesus Cristo, que é nomeado com vários títulos, consoante as Igrejas às quais se dirige. Porém, será importante referir a ligação entre o *legei* desta primeira fórmula com o *legei* da fórmula *o` ecwn ouj*, uma vez que aquilo que Cristo diz a cada uma das Igrejas é o mesmo que cada Igreja é convidada a escutar. Ainda que o sujeito deste segundo *legei* seja *to pneuma* (em todas as cartas), não podemos esquecer a ligação que existe entre o Espírito e Cristo e que reside, talvez, na sua coincidência, ou no facto de Cristo falar a cada uma das Igrejas através do seu Espírito, ou seja, o Espírito de profecia²²⁰.

a) Na carta a Éfeso (Ap 2,1-7) encontramos, no v.2, dois nominativos que se referem a *legei*: *o` kratwh* (“aquele que agarra”) e *o` peripatwh* (“aquele que caminha/circula”). Estes estão em relação com a visão de Cristo, imediatamente anterior às sete Cartas (cf. Ap

²²⁰ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 151.

1,13.16.20). “Aquele que agarra as sete estrelas na sua mão direita” e “aquele que caminha no meio dos sete candelabros de ouro” é o que diz à Igreja de Éfeso para se lembrar onde caiu (v.5), pois ela abandonou o seu primeiro amor (v.4). Este título de Cristo, em estreita conexão com o conteúdo da carta, expressa “o seu senhorio sobre a igreja toda, sobre o seu conjunto e sobre cada uma das igrejas locais”²²¹. Por isso, o Senhor ameaça retirar o candelabro (que representa aquela igreja) do seu lugar (v.5), uma vez que esta não vive enraizada no amor.

b) Na carta a Esmirna (Ap 2,8-11), o sujeito de *legw* é traduzido pelos nominativos *o prwtōj*, *o escatoj* e *o j* (v.8). Jesus, que fala à Igreja de Esmirna, é apresentado como o Primeiro e o Último, Aquele que esteve morto e voltou à vida. A expressão “o Primeiro e o Último” aparece mais duas vezes no Apocalipse: em 1,17 (na visão inaugural) e em 22,13 (no Epílogo) e, juntamente com a de 2,8, sempre em relação a Cristo, aludindo aos títulos divinos em Is 41,4; 44,6 e 48,12 (que estão em ligação, nos textos, ao poder e grandeza de Deus, que realizou tantas obras)²²². Jesus é apresentado como garantia de vitória perante a situação difícil pela qual a comunidade de Esmirna está a passar. Por isso, Ele, que esteve morto e voltou à vida (aludindo à sua morte na cruz e ressurreição), pode dirigir-se àquela comunidade e dizer-lhe que conhece perfeitamente a sua tribulação e pobreza (v.9), uma vez que já as experimentou. Também é um convite à fidelidade até à morte, para que possa receber a coroa da vida (v.10), ou seja, a salvação eterna²²³.

c) Na mensagem a Pérgamo (Ap 2,12-17), o nominativo referente a *legei* é *o ecwn*. Cristo apresenta-se como “Aquele que tem a espada afiada de dois gumes”, em alusão, não só, à visão inaugural (em 1,16), na qual a espada sai da boca de Cristo Ressuscitado (e que é repetido mais à frente, em 2,16 e em 19,15.21), mas também à mesma imagem presente no livro da Sabedoria (Sab 18,15) e nas cartas aos Efésios (Ef 6,17) e Hebreus (Heb 4,12), aplicada à Palavra de Deus. Esta imagem também se encontra em Is 49,2, mas desta vez aplicada à boca do profeta²²⁴. «Tendo firme» (é usado o verbo *kratew* – Ap 2,13) o nome de Cristo, aquela comunidade tem outras pessoas que também «têm firmes» (é o mesmo verbo – Ap 2,14.15) as doutrinas de Balaão e dos Nicolaítas. Por isso, quem fala à Igreja de Pérgamo

²²¹ BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 71.

²²² Cf. AUNE, D. E., *The World*, 161.

²²³ Cf. BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 72-75.

²²⁴ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 182. Ver também a sinopse de Ugo Vanni – VANNI, U., *Apocalisse e Antico Testamento – Una Sinossi*, Editrice Pontificio Instituto Biblico, Roma, 2000, 19.

é “Aquele que tem a espada afiada de dois gumes”, que é a Palavra de Deus, e que não hesita em combater contra tais doutrinas, caso a comunidade não se converta (v.16), uma vez que é a Palavra de Deus que separa dos ídolos, pois corta e purifica²²⁵

d) À Igreja de Tiatira (Ap 2,18-29) fala ο υιοj tou/ qeou(ο ecwn touj ofqal mouj autou/ wj floga puroj kai. oi` podej autou/ ofnoioi calkol ibanw| (“o Filho de Deus, Aquele que tem os seus olhos como chama de fogo e os seus pés semelhantes a bronze”). O primeiro título cristológico (Filho de Deus) aparece 46 vezes no NT, das quais uma única no livro do Apocalipse, justamente aqui. Em poucas passagens do NT é usado relativamente a Jesus exaltado (tal como aqui)²²⁶, ou seja, referindo-se ao Senhor glorificado²²⁷. E, tal como algumas dessas passagens citam o Salmo 2, onde aparece a expressão “Tu és meu filho, eu hoje te gerei”, também aqui, na Carta a Tiatira, o Salmo é citado, mas mais à frente, quando se fala do poder sobre as nações, ligando a filiação divina a esse poder. Deste modo, Cristo é apresentado, não só como Filho de Deus, mas também como “Aquele que tem os seus olhos como chama de fogo e os seus pés semelhantes a bronze”, evocando a sua dimensão de juiz, que perscruta rins e corações (v.23). Para além destas duas imagens aparecerem na visão inicial (1,14.15), também são retomadas no cap.19, na visão do cavaleiro sobre o cavalo branco. Aí, o cavaleiro “julga e combate com justiça” (v.11), “os seus olhos são chama de fogo” (v. 12) e “apascentará com ceptro de ferro” (v.15). O uso destes títulos tem tudo a ver com a situação que aquela comunidade estava a passar – o perigo de mundanização, personificado na personagem chamada Jezabel, ligada às práticas idolátricas e imorais. Assim, a promessa messiânica do Salmo 2, aplicada a Cristo, é estendida ao vencedor, que recebe o mesmo poder para governar: “o vencedor terá autoridade sobre os pagãos e, depois de ter estado oprimido durante a tribulação, será ele quem os julgará”²²⁸. Perante toda esta situação, Aquele que é o Filho de Deus, cujos olhos sondam os afectos e os sentimentos e que tem poder sobre as nações, fala à comunidade de Tiatira, encorajando-a e instigando-a a que não se deixe mundanizar, mas que guarde bem aquilo que possui.

²²⁵ Cf. BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 75-76.

²²⁶ Aparece desta maneira em Act 13,33; Rom 1,4; Col 1,13; 1 Tes 1,9-10 e Heb 1,5; 5,5 – cf. AUNE, D. E., *The World*, 201.

²²⁷ Cf. BIANCHI, E., *El Apocalipsis*. 79.

²²⁸ BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 82.

e) À Igreja de Sardes (Ap 3,1-6) o Senhor dirige-se como “Aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas”, aparentemente retomando o endereço (1,4) e a visão inicial (1,16.20). Se há autores que consideram que ambos os títulos se referem aos Anjos das sete Igrejas²²⁹, baseado no simbolismo das estrelas em Ap 1,20, outros consideram que o primeiro título se trata de uma alusão “à plenitude do Espírito septiforme que possui o Messias”, talvez antecipando a referência aos sete olhos do Cordeiro (Ap 5,6)²³⁰. Por isso, diante de uma comunidade que está, de uma maneira geral, morta (3,1) o Senhor dirige-se como Aquele que agarra as sete estrelas e possui a plenitude do Espírito, pois só Ele poderá vivificar aquilo que está a ponto de morrer – só o Espírito do Messias poderá dar vida aos ossos ressequidos (cf. Ez 37,9)²³¹.

f) O sujeito de Igei, na carta a Filadélfia (Ap 3,7-13), é “o Santo, o Verdadeiro, Aquele que tem a chave de David, Aquele que abre e ninguém fecha e que fecha e ninguém abre”. Em separado, os títulos “Santo” e “Verdadeiro” são, no AT, atributos de Deus. No NT, são usados ocasionalmente em relação a Jesus. No próprio Apocalipse, os títulos encontram correspondência em 19,11, onde se descreve o Cavaleiro como “Justo e Verdadeiro”. O título “Aquele que tem a chave de David” alude a Is 22,22, onde se faz a promessa da recepção da chave da casa de David a Eliaquim²³². Mas também repete a ideia já expressa em Ap 1,18, onde Cristo se apresenta a João como Aquele que tem as chaves da morte e do abismo²³³. Por isso, perante uma Igreja aparentemente frágil (cf. 3,8), o Senhor dirige-se-lhe como alguém que tem poder, que é Verdadeiro (ao contrário dos que se dizem judeus, porque mentem – cf. 3,9) e Santo, exaltando a capacidade de ser fiel e guardar a palavra de Jesus.

g) Por fim, Jesus dirige-se à Igreja de Laodiceia (Ap 3,14-22) como “o Amen, a Testemunha Fiel e Verdadeira, o Princípio da Criação de Deus”. Uma vez que esta Igreja se apresenta tibia, Cristo contrapõe-lhe a sua condição de ser o “Amen” definitivo do Pai (também poderá existir uma ligação com Is 65,16), a “Testemunha Fiel e Verdadeira” (ligada à visão e carta anteriores e à visão do cavaleiro – 1,5; 3,7 e 19,11), que deu testemunho com a sua própria vida. O próprio vocábulo “Amen” pode significar “fiel” e “verdadeiro”. O último

²²⁹ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 219.

²³⁰ Cf. MUÑOZ L., D., *Apocalipsis*, Desclée de Brouwer, Henao, 2007, 56 e BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 85.

²³¹ Cf. BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 85.

²³² Cf. AUNE, D. E., *The World*, 235.

²³³ Cf. CHARLES, R. H., *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John*, The International Critical Commentary, T.&T. Clark, Edinburg, 1966, 86.

título, “o Princípio da Criação de Deus”, alude claramente a Col 1,15ss, onde se diz que é o “Primogénito de toda a criatura”; no entanto, também está ligado a Prov 8,22, a Sab 9,1ss, a Jo 1,2-3 e a Heb 1,2²³⁴.

Estando no acusativo do plural, tade é o complemento directo de legei. Jesus Ressuscitado e Glorioso diz “estas coisas” a cada uma das comunidades eclesiais. E “estas coisas” são a mensagem propriamente dita, uma vez que esta expressão introduz o discurso directo de Jesus. Como cada uma das mensagens já foi apresentada no decorrer do trabalho, não será necessário enunciá-las, agora.

2.4. *ti to pneuŋa legei: um presente durativo*

Como já observámos atrás, existe uma ligação entre o dizer de Cristo, nos seus vários atributos, e o dizer do Espírito (ou, talvez mesmo, uma coincidência). E isto é importante, uma vez que a mensagem de Cristo não se aplica somente a cada uma das comunidades, a título individual (apesar de lhe estar dirigida explicitamente, no seu contexto próprio), mas vale para todas.

Daqui parte-se para outra indagação: para além de estar dirigida a toda a Igreja (quer pelo simbolismo do número sete, quer pela repetição da fórmula de escuta, que interliga as mensagens, quer ainda pelo plural que se usa nessa mesma fórmula – «às Igrejas»), também está dirigida à Igreja de todos os tempos. E isto acontece porque o autor das cartas, ao utilizar o presente do verbo legw, usa-o de uma maneira que expressa continuidade. Por si só, o tempo do presente tem uma ideia de “progressão, linearidade, acção em curso. O carácter durativo do presente deve sempre caracterizar-se como primário”²³⁵. Porém, o presente não possui só esta característica, pois consoante a tendência do tempo verbal, ou a raiz, ou ainda o sentido do contexto, pode possuir outras variações²³⁶. Uma das categorias do presente é, exactamente, o presente durativo, que “representa a acção em desenvolvimento, ou o estado em permanência”, estando ligado a “verbos que representam uma actividade, uma realização concreta, um estado”²³⁷. É exactamente esta característica que se crê estar presente nesta fórmula das sete cartas do Apocalipse. Como diz Aune “o verbo legei é, provavelmente, um

²³⁴ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 254-257 e MUÑOZ L., D., *Apocalipsis*, 61.

²³⁵ JÚNIOR, M. A., *Gramática de Grego*, Alcalá – Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa, 2003, 264-265.

²³⁶ JÚNIOR, M. A., *Gramática de Grego*, 265.

²³⁷ JÚNIOR, M. A., *Gramática de Grego*, 265.

presente progressivo ou um presente durativo” o que significa que “a mensagem do Espírito não pertence ao passado, mas continua a ser válida para as Igrejas”²³⁸.

3. O verbo «ouvir» ([*mv'* / *akouw*])

Na sua raiz hebraica o verbo «ouvir» exprime, essencialmente, o prestar atenção a algo importante ou, ainda, a obediência. O imperativo deste verbo é algo significativo nos profetas, quando estes querem incidir a atenção dos ouvintes sobre algo deveras importante. No NT, o verbo está relacionado com a Palavra de Jesus, com o que Ele diz – é isso que deve ser escutado e obedecido.

Nas missivas às sete comunidades, estas são convidadas a escutar/obedecer (bem como a Igreja no seu todo) a toda a mensagem que o Espírito (Cristo Ressuscitado) profere, que é o conteúdo de cada carta, sempre actual.

3.1. [*mv'*(*šāma'*)²³⁹

a) Etimologia

A raiz *šm'* é encontrada em hebraico não só no AT, mas também fora dele, quer no acádico (onde significa “ouvir, aprender, ouvir a nível judicial, seguir, obedecer”), no ugarítico (“ouvir, obedecer”), no árabe (“ouvir”), no siríaco (“ouvir, compreender, obedecer”), etc.

b) Imperativos

Convocar uma assistência para ouvir é algo que aparece na literatura profética desde o tempo de Amós. O imperativo de *šāma'* pode apresentar-se por si só, ou juntamente com o objecto daquilo que é para ser ouvido. Ocasionalmente, o imperativo aparece com a fórmula de mensageiro (*koh 'amar YHWH* – “assim fala YHWH”)²⁴⁰. É interessante verificar como a fórmula *tade legei*, presente nas sete proclamações do Apocalipse, é uma estrutura tipicamente profética, como veremos e fundamentaremos adiante. Curiosamente, é usada juntamente com a fórmula *ὁ ἐκων οὐῆ*, que chama a atenção para aquilo que vai ser o objecto

²³⁸ AUNE, D. E., *The World*, 135.

²³⁹ *TDOT*, vol. XV, 253-279.

²⁴⁰ Cf. *TDOT*, vol. XV, 271.

de escuta. Nalguns livros proféticos, o uso do imperativo de *šāma'* ocorre em frases que são estruturalmente significativas²⁴¹, o que poderá ter algo que ver com as sete proclamações do Apocalipse, uma vez que aquilo que é dito pelo Senhor Jesus é relevante e é para ser ouvido com atenção.

c) *A Lei de Yahweh*

Escutar a voz de Deus pode, nalgumas passagens, significar o prestar atenção/observar a Lei e os mandamentos do Senhor²⁴². Este aspecto adquire maior relevância no livro do Deuterónimo. Prestar atenção à voz de Deus é substancialmente o mesmo que guardar a *Torah*²⁴³. Esta dimensão poderá estar espelhada no texto em questão de Ap 2-3, uma vez que o que é dito por Jesus Cristo é para ser obedecido, como haveremos de aprofundar adiante.

d) *Sabedoria*

O apelo a escutar aparece nos diversos livros sapienciais. Em Prov 1,5, a escuta é o pré-requisito fundamental para adquirir sabedoria. O objectivo da escuta sapiencial é o ser útil para o ouvinte. O objecto da escuta é a “disciplina/instrução”, o que envolve o aspecto da obediência²⁴⁴.

e) *LXX*

A versão grega do AT traduz o hebraico *šāma'* pelo grego *ἀκούειν*, o que dá uma ideia, ao leitor grego, de que o conteúdo religioso é revelado, primariamente, através do discurso e não da visão. Porém, a percepção visual também tem lugar no AT. “Ouvir” pode, ainda no contexto dos LXX, significar “obedecer”, concepção que irá prevalecer no texto de Ap 2-3, nomeadamente na fórmula de audição.

3.2. *ἀκούω* (*akoúô*)²⁴⁵

No grego, quando se emprega este verbo, geralmente usa-se o genitivo relativamente à pessoa que se ouve e o acusativo para a pessoa ou coisa, que é o objecto daquilo que se ouve.

²⁴¹ Cf. *TDOT*, vol. XV, 272.

²⁴² Cf. Gen 26,5 e Ex 15,26 – cf. *TDOT*, vol. XV, 272-273.

²⁴³ Cf. Dt 30,10 – cf. *TDOT*, vol. XV, 275.

²⁴⁴ Cf. *TDOT*, vol. XV, 276.

²⁴⁵ *GLNT*, vol. I, 581-596.

a) *O ouvir do homem*

O facto de o homem ouvir constitui a sua capacidade de resposta à revelação da palavra. Segundo a religião bíblica, o ouvir do homem é onde acontece a revelação divina.

Se na visão grega e da gnose oriental, o “ver” tem preponderância sobre o “ouvir”, no que diz respeito à revelação divina, já assim não é na concepção veterotestamentária. A visão de Deus é uma experiência inaudita e verdadeiramente aniquilante, na mentalidade do AT. Por isso, quanto mais se enfraquece o conceito de “ver” tanto mais se acentua a importância do “ouvir”. A teofania de Moisés é constantemente definida como um “falar face a face” (cf. Ex 33,11). Quando Deus se manifesta visivelmente, fá-lo diante de um profeta, para o enviar, de modo a que a Sua palavra seja difundida e para se fazer ouvir directa ou indirectamente. O princípio religioso fundamental é o da escuta da palavra do Senhor (cf. Is 1,10). Por isso, é reprovável a atitude de não escutar (cf. Jer 7,13). O profeta faz-se porta-voz da palavra que lhe foi dirigida por Yahweh.

No judaísmo estão presentes duas tendências: na *apocalíptica* dá-se maior importância à contemplação escatológica de imagens conectadas, seguindo-se a audição da palavra, que explica o seu sentido; no *rabinismo*, pelo contrário, dá-se maior importância ao ouvir, em relação à palavra de Deus – o seu estudo representa um “ouvir”. Em Dt 6,4-9, no famoso *šema*, encontramos uma forte consciência de que Deus deve ser escutado, juntamente com a manifestação da sua vontade. Há que observar os seus mandamentos – aliás, é mediante o estudo da Torah e o cumprimento dos mandamentos que se estabelece contacto com Deus já nesta vida.

À semelhança do AT, também no NT a revelação é “palavra” que se ouve. A missão de Jesus e dos Apóstolos concebe-se como um anúncio oral destinado a ser escutado pelos homens. Sublinha-se fortemente a função do ouvir. Não interessa tanto o aspecto de Jesus, mas sim o que Ele disse e fez, o que constitui o objecto do que se ouve. *akouein* pode indicar uma assimilação interior mais profunda – o “escutar” –, mas também pode significar a mera percepção externa – o “ouvir”. Na época apostólica seria, provavelmente, um termo técnico para a pregação, para o anúncio de Cristo.

O objecto de “escutar” é o conteúdo da mensagem que vem anunciada. E a mensagem do NT é, por si só, oferta de salvação e de imperativo moral; escutar acende a fé e induz à

acção. O “escutar” só se realiza plenamente quando o homem obedece à vontade divina – não basta ouvir, mas também acreditar e agir. Daqui surge o conceito de obediência (upakoh).

Seguindo as linhas do AT, o NT concebe a escatologia como algo mais centrado na visão do que na audição, ainda que esta última dimensão apareça com uma força não inferior à dos profetas.

b) O ouvir de Deus

Quando se usa o verbo em questão (e seus compostos) neste sentido, quer exprimir-se o acto com o qual Deus ouve e responde à oração que o homem Lhe dirige.

3.3. Sujeito e objecto de ακουω, em Ap 2-3, na fórmula ο̃ ε̃κων̃ ου̃ξ̃

O imperativo a que se escute uma mensagem concreta (imperativo do aoristo) vai dirigido a “aquele que tem ouvido”. Esta última expressão está no nominativo, o que faz com que seja o sujeito do verbo em questão (akousatw). Afinal, quem é “aquele que tem ouvido”? Será, antes de mais, aquele que tem possibilidades de entender, ou perceber a mensagem²⁴⁶. Pelo que, se esta fórmula pode funcionar, pelo menos, de duas maneiras (esotérica, porque expressa uma mensagem oculta, ou parenética, porque quem ouve está, moralmente, obrigado a obedecer)²⁴⁷, o sujeito terá que ter estas duas funções: perceber a mensagem e obedecer. Por outro lado, poder-se-á referir a cada uma das comunidades de que se fala. Por fim, poderá ser a Igreja no seu todo.

“Quem tem ouvido ouça o que o Espírito diz às Igrejas” – assim é o refrão que ecoa na parte final de cada uma das Cartas, encadeando-as entre si. O objecto do imperativo do aoristo ακουσατω, que expressa a ordem a escutar algo concreto, é ti, (no acusativo neutro do singular), que depois é especificado com o que resta – το̃ πνευμα̃ λεγει̃ ται̃ς εκκλησια̃ις. O ouvinte é convidado a escutar o que o Espírito (identificado com Cristo Ressuscitado) diz a cada uma das Igrejas e à Igreja toda, ou seja, o conteúdo de cada uma das sete mensagens. Este verbo está em íntima ligação como a fórmula ταδε̃ λεγει̃, uma vez que aquilo que o Ressuscitado diz a cada uma das Igrejas é o objecto que deve ser alvo de escuta. Por outras

²⁴⁶ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 135.

²⁴⁷ Cf. AUNE, D. E., *The World*, 150.

palavras, o tade da fórmula tade legei está conectado com o ti, da fórmula de escuta – o “isto” que Cristo diz (legei) é “aquilo que” o Espírito diz (legei) a cada uma das Igrejas.

Conclusão:

oída, legw e akouw, como trilogia profética

Como podemos observar pelo Anexo 3, o verbo legw é, de longe, aquele que aparece mais vezes no AT (em relação aos outros dois) e, também, nos Profetas (quase 1800x) . A fórmula tade legei é muito frequente (593x, excluindo a ocorrência em Bel dos LXX, ou seja, cerca de 33% das ocorrências de legw nos profetas) e tem, quase sempre, Deus como sujeito. Normalmente, esta fórmula inicia um oráculo profético (como em Amós, nos oráculos contra as nações: Am 1,6.9.11.13; 2.1.4.6), embora também apareça intercalado nos oráculos, com a formulação legei kurioj (expressão dos LXX que pode traduzir o hebraico הִנְיָאֵל como vemos em Am 2,11.16, p.e.).

Já o verbo oída oferece dificuldades, uma vez que, em todas as passagens consultadas, relativamente aos profetas (ou seja, as 28x que traduzem [dy], não aparece Deus como o sujeito (à exceção de Dan 13,35²⁴⁸), mas sim o povo, ou pessoas concretas ou indeterminadas²⁴⁹. Por isso, foi necessário fazer o percurso inverso e ir à raiz hebraica [dy], pesquisando, no Bible Works, as passagens bíblicas onde aparecia o verbo, nos profetas, e vendo quais as correspondências com a tradução grega dos LXX. Verificámos que o verbo grego que vertia mais vezes o verbo hebraico era o ginwskw (175x), mais ainda que o oída (27x)²⁵⁰. Relativamente àquele verbo, encontrámos algumas passagens que tinham a Deus como sujeito, num sentido mais próximo do oída das sete Cartas do Apocalipse²⁵¹. Também

²⁴⁸ Aparece 2x o verbo em questão, sob as formas de eítwuj e oídaj, na versão grega dos LXX. Na versão de Teodociação (TH – sigla do BibleWorks 7) aparece apenas 1x, sob a forma de eítwuj, no versículo correspondente a esta passagem (v.42) – cf. *BibleWorks 7*.

²⁴⁹ Ver: Am 5,16; Jl 2,14; Jn 3,9; Ag 2,3; Zac 4,13; Is 5,13.19; 6,9; 26,10.11.13.14; 33,19; 42,16; 45,5.15; 51,7; 53,3; 55,5; 56,11; 59,8; Jer 4,22; 7,9; 9,5; 10,23.25; 14,18; 15,14; 16,13; 19,4; 22,28; 24,7; 31,34; Bar 3,32; Ez 12,3; Dan 2,8; 6,6 (apenas na versão dos LXX); Su 22 (Dan 13,22); Su33 (Dan 13,33); Su 38 (Dan 13,38) – na versão dos LXX; Bel 14 (Dan 14,14) – na versão dos LXX. A versão dos LXX difere da versão de Teodociação, que é a que possuímos no Cânone das Escrituras, relativamente a Dan 13 e 14 – cf. LAMADRID, A. G., *Historia*, 483.

²⁵⁰ Este dado difere dos dados apresentados por HATCH-REDPATH, uma vez que as fontes usadas do texto grego são diferentes da do BibleWorks, pelo que, nalguns casos, o verbo usado para verter o hebraico é diferente.

²⁵¹ Is 48,4; Jer 12,3; 15,15; 18,23; 48,30; Dan 2,22; Os 5,3; Am 3,2; 5,12; Na 1,7.

encontramos outros verbos que traduziam [dy", com o mesmo sentido, como epistamai²⁵², por exemplo.

O verbo akouw aparece 350x (excluindo as 22x da versão de Teodociação de Daniel), das quais 302x traduzem [mV' e 81x aparecem no imperativo do Aoristo activo. Algumas vezes aparece nos oráculos de condenação (Am 3,1; 4,1; Is 32,9, p.ex.), outras como convite à conversão (Is1,10; 28,14, p.ex.); também se encontra no anúncio do Emanuel (Is 7,13) e, ainda, nos oráculos de salvação, onde se exorta à esperança (Is 46,3.12; 48,1.16). Normalmente, o sujeito deste verbo é o povo de Deus, que se afastou dos seus desígnios e que é convidado, pelo Senhor, à conversão, quer pelo enunciado da sua má conduta, quer pelos castigos anunciados, caso não se arrependam; noutra contexto, também o é o povo, mas como destinatário de uma mensagem de esperança. Aquilo que deve ser escutado é a Palavra do Senhor, por intermédio do profeta.

Iremos, agora, dar alguns exemplos onde os três verbos aparecem, de alguma maneira, interligados e onde o escritor do Apocalipse se pode ter baseado, não só para elaborar as cartas, mas também para dar um cunho profético às mesmas, justificando, assim, a razão de chamar ao livro de “profecia” (cf. Ap 1,3; 22,7.10.18.19).

Em Is 37, no contexto do cerco de Jerusalém pela Assíria, Isaías dirige-se ao rei Ezequias, de Judá, proferindo um oráculo contra o rei da Assíria, Senaquerib. Assim, no v.21 temos a expressão tade legei kurioj o qeoj Israhl («isto diz o Senhor Deus de Israel»), seguindo-se uma exposição dos actos do rei da Assíria (vv.24-25), para chegar à conclusão de que tudo isso estava previsto por Deus (v.26). No v.28, Isaías exprime o conhecimento que Deus tem sobre os actos do rei, através do verbo epistamai (egw. epistamai - «eu conheço»), que tem por detrás o hebraico [dy".

Is 48 apresenta os três verbos, embora não seja utilizado oida mas ginwskw. No v.1 encontra-se o imperativo a escutar (akousate tauta – «escutai estas coisas») que tudo o que aconteceu aos exilados já fora predito por Deus e que o Senhor vai anunciar algo novo – a libertação. Depois, nos vv.4 e 8, Deus é apresentado como conhecedor do povo que é obstinado, de dura cerviz e infiel (v.4 – ginwskw egw. – «eu sei»; v.8 – egnwn gar – «porque eu sabia»); mais uma vez, o verbo hebraico que está por detrás é o mesmo. Por fim, depois de

²⁵² Is 37,28; 48,8; Jer 1,5; 17,16; Ez 11,5; 37,3.

mais três imperativos a escutar (um dos quais, no imperativo do aoristo – v.16), aparece a expressão *ou[twj] legei kurioj*, tradução de *h[wb]y>rmâ'-hk*) que enuncia que o Senhor é Deus e que o povo teria sido feliz se Lhe tivesse obedecido.

Naturalmente, ainda que o verbo «ouvir» não apareça explicitamente, cada vez que aparece um enunciado com a fórmula «isto diz o Senhor», isso pressupõe que haja alguém para escutar essa proclamação/oráculo. Da mesma forma, cada vez que aparece a enunciação das obras do povo e da sua conduta na boca de Deus, subentende-se que o Senhor conhece o povo e o seu proceder. E este conhecimento de Deus (expresso por vários verbos gregos, que traduzem o hebraico [dy^h]) tem uma importância relevante nos profetas, como se vê pela experiência do próprio Jeremias, aquando da sua vocação: “*Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia*” (epistamai, se – Jer 1,5).

Outro oráculo interessante de apresentar é o oráculo sobre o templo (Jer 7,1-15): há um imperativo a escutar (v. 2 – *akousate logon kuriou* – «escutai a palavra do Senhor»), seguido da fórmula *tade legei kurioj o qeoj Israhel* («isto diz o Senhor Deus de Israel, v.3), à qual sucede uma exortação à conversão; por fim é apresentado um elenco do mau proceder do povo, que culmina com a expressão *egw. idou. ewraká* («Olha que Eu vi», v.11). É curioso ser usado um verbo que expressa a percepção visual, mas não é de extranhar, uma vez que o conhecimento que o hebraico expressa com [dy^h] pressupõe o ver, como já se apresentou no decorrer do presente capítulo²⁵³.

²⁵³ Muitos outros textos poderiam ser citados para completar o que vimos expondo. De entre esses, salientamos os seguintes: Jer 11,2.3.4.6.7.11.20.21.22; 12,3; 15,15; 17,16.19.20.21; 18,23; 19,3.11.15; 29,4.8.10.16.17.20.21.23; Am 3,1.2.11.12; 5,1.3.4.12; Na 1,7.12.

CAPÍTULO V

DO CRISTO QUE FALA À IGREJA QUE ESCUTA

De tudo o que foi dito até agora, sobressai claramente a trilogia conhecer-dizer-ouvir. O autor do Apocalipse pretende dar um cunho profético ao seu escrito, herdando esta trilogia da literatura profética (mas não só). Falando em nome de Cristo, o “profeta” admoesta as Igrejas da Ásia Menor, convidando-as à perseverança, à conversão e à atitude de espera. Porém, João pretende que, nesta trilogia, as Igrejas se dêem conta de uma dinâmica: Cristo *conhece* a situação da sua Igreja, uma vez que Ele perscruta rins e corações (Ap 2,23), por isso não vale a pena ficar fechada na sua auto-suficiência (Ap 3,17), ou tremer por causa das suas tribulações (Ap 2,10), ou ir-se deixando mundanizar (Ap 2,14), etc., porque o Ressuscitado conhece a sua situação, está a par da sua conduta; e porque é o seu Senhor, tem autoridade para se lhe dirigir, *dizendo* aquilo que sabe ser-lhe indispensável, naquele momento concreto em que se encontra; por fim, a atitude desta há-de ser a de *escuta*, que se traduz na obediência à palavra proferida por Cristo.

Porém, esta dinâmica não está fechada nas coordenadas do espaço e do tempo em que aconteceram, quando o Apocalipse foi escrito. Bem pelo contrário – continua actual, inclusive para a Igreja de hoje, convidada a escutar os apelos de Cristo, que se lhe dirige mediante a Palavra escutada na Liturgia (aliás, todo o Apocalipse está envolvido por um ambiente litúrgico)²⁵⁴.

Neste capítulo, vamos retomar algumas ideias apresentadas nos capítulos precedentes, a fim de ilustrar melhor a trilogia.

1. Cristo conhece

Ao dirigir-se à Igreja, Cristo parte do conhecimento que possui da sua realidade: da mesma forma que o uso hebraico do verbo «conhecer» pressupunha um conhecimento do mundo, em ligação com a visão²⁵⁵, também Cristo conhece as obras da Igreja, uma vez que estas estão sempre na sua presença – “*sou eu quem sonda rins e corações*” (Ap 2,23). Por

²⁵⁴ Ver BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 36-37. O autor refere que o Apocalipse apresenta uma série de liturgias que convergem, em crescendo, para Ap 22. Ver também TUÑI, J.-O., *Escritos Joánicos*, 225. Este autor mostra que o Apocalipse tem um tom claramente litúrgico, presente em toda a obra.

²⁵⁵ Cf. *TDOT*, vol. V, 462.

outro lado, o seu conhecimento é divino, pelo que nada escapa ao seu domínio. Uma vez que no AT só Yahweh possuía essa faculdade (como se viu no capítulo anterior), aqui nas sete Cartas, Jesus é apresentado como possuidor deste mesmo modo de conhecer, reforçando a ideia da sua divindade, que cria e que, por isso, conhece todas as coisas. Se no AT, este verbo poderia expressar a relação de selecção, eleição e chamamento de Deus para com o seu povo²⁵⁶, também aqui o verbo deixa entrever esta relação amorosa de Cristo com a sua Igreja, uma vez que Ele a repreende e corrige, porque a ama (cf. Ap 3,19), chamando-a constantemente à conversão e à fidelidade²⁵⁷. Por fim, não é tanto o conhecer a Jesus e a Deus que está em causa nas cartas (pelo menos não directamente)²⁵⁸, mas sim o conhecimento que Cristo possui da sua Igreja e que O faz ter autoridade sobre a mesma – ideia esta reforçada pelo uso da própria trilogia profética, aplicada a esta relação Cristo-Igreja.

Tomando, agora, o paradigma das cartas, iremos ver como é que o conhecimento de Cristo se traduz, hoje, na Sua Igreja. Segundo o modelo de Éfeso, Jesus tem pleno poder sobre ela (cf. Ap 2,1), sabe que trabalha incessantemente e que até distingue a verdadeira da falsa doutrina (cf. Ap 2,2); porém, adverte-a de que pode cair num perigo – a falta de caridade (cf. Ap 2,4). Já S. Paulo diz, em 1 Cor 13, que ainda que se façam as melhores obras, sem amor não valem nada. É exactamente contra isto que o Senhor se pronuncia, advertindo a Igreja de todos os tempos que não deve abandonar o amor, tão característico dos cristãos. É necessário ter cuidado contra o activismo, que mais pretende ser exibicionista do que servil, que pode levar à falta da caridade e do ardor do seguimento de Cristo²⁵⁹.

Recordando a sua morte e ressurreição, Cristo sabe das tribulações, fraquezas e calúnias que a Igreja sofre (cf. Ap 2,9), confortando-a com a sua própria experiência (cf. Ap 2,8). Porém, é na fraqueza que o Senhor reconhece a riqueza da Igreja que se traduz, sobretudo, na fidelidade a Ele (cf. Ap 2,10). Esta é a situação da Igreja de Esmirna no hoje da história: a Igreja perseguida e caluniada pelos poderes políticos, que armam planos para a derrubar;

²⁵⁶ Cf. *TDOT*, vol. V, 468.

²⁵⁷ Este é um refrão frequente nas Cartas – cf. Ap 2,5.11.16.25; 3,2.3.11.19.

²⁵⁸ Só na carta a Tiatira se faz referência a este tipo de conhecimento – “saberão todas as igrejas que sou Eu quem conhece” (Ap 2,23), embora tenhamos mais duas passagens que se podem relacionar com o conhecimento de Deus – “na pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhece, a não ser o que a recebe” (Ap 2,17) e “nem conhecem, como eles dizem, as profundidades de Satanás” (Ap 2,24, uma vez que o grupo que afirmava isto, achava conhecer as profundidades de Deus).

²⁵⁹ CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 81 e 84 – o autor, fazendo referência a 1 Cor 13, evoca, exactamente, a rotina, que não está inspirada no verdadeiro amor.

atacada pelo fanatismo religioso – atentados no Egito, na Líbia, etc. Perante isto, Cristo manifesta o seu conhecimento destas realidades, lembrando que também Ele passou por essa mesma experiência do sofrimento e da morte.

Cristo adverte a Igreja que não siga falsas doutrinas, que afastam da comunidade e fazem entrar no paganismo (cf. Ap 2,14.15). O problema de Pérgamo é exactamente aquele que podemos ver hoje naqueles cristãos que seguem superstições e exoterismos. A própria sociedade de hoje está completamente paganizada, podendo levar os cristãos a ser arrastados na corrente²⁶⁰. Como refere a carta, a Igreja habita onde está o trono de Satanás (cf. Ap 2,13), havendo resistência, quando não hostilidade, a tudo o que tem a ver com Deus (e muito mais com Cristo). Por isso, o Senhor combate com a sua Palavra, mais penetrante que uma espada de dois gumes, pois o confronto da vida com a Palavra do Senhor pode ser uma experiência dura.

A mundanização é um perigo que a Igreja corre e que também está descrita, de forma mais vincada, na carta a Tiatira. Hoje muitos são os perigos que podem conduzir um cristão a uma atitude dessas: os “ídolos” são muitos e variados (figuras sociais, o dinheiro, o poder...) e as “prostituições” manifestam-se de várias formas (não só ao nível da sexualidade – frequentemente reduzida à genitalidade e à satisfação egoísta de si próprio – mas também ao nível das perversões do pensamento e da conduta de vida, do afastamento de Deus e da “adoração” dos “ídolos” já referidos, numa emancipação do homem em detrimento de Deus e de uma redução aos seus instintos)²⁶¹. Por isso Jesus adverte que sabe muito bem disto, pois os seus olhos perscrutam o íntimo de cada um; também adverte que tem autoridade sobre as coisas criadas, pelo que o cristão não se deve seduzir por elas.

Muitas vezes a Igreja parece estar viva, mas verifica-se exactamente o contrário. Sardes refugia-se na sua fama de outrora, baixa a guarda, desleixa-se e não vigia (cf. Ap 3,1-2)²⁶². É o que acontece em certos contextos, hoje em dia, onde a Igreja, confiante em glórias passadas,

²⁶⁰ Pérgamo está diante do perigo da “idolatria mundana” – cf. BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 76. Do mesmo modo, a Igreja, hoje, depara-se com o mesmo problema. Charlier faz, a propósito, um interessante comentário: “Seria exagerado dizer que, para o Apocalipse, a única relação que deve guiar os passos da Igreja é a que ela mantém com a criação nova e, de modo algum, a que tem que manter com o mundo, e menos ainda com o Estado, ou a cultura ou a civilização?” – CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 96.

²⁶¹ “Os ídolos, o dinheiro, a notoriedade, todas essas coisas tornam-se estrangeiras à condição dos cristãos, para os quais a mesma noção de êxito social está abolida” – CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 103.

²⁶² “Que é uma Igreja morta? Uma Igreja cuja morte só é conhecida por Cristo (...). Leva-se, pois, ali uma vida cristã e todo o mundo sabe que há uma Igreja em Sardes. A desgraça provém de que as obras destes cristãos são ocas, esvaziaram-se da sua substância e só ficam as aparências” – CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 106.

vive adormecida, acomodada. E isto traduz-se na falta de vigor e ardor na sua conduta. Já não atrai outros com o seu exemplo, fica acomodada, à espera que venham ao seu encontro. Limita-se a “celebrar” sacramentos, sem vida. Por vezes, quase que nem se pode falar em comunidade. Face a isto, o Senhor, que tem a plenitude do Espírito e tem poder sobre a Igreja (cf. Ap 3,1), faz-lhe ver que sabe da sua conduta imperfeita (cf. Ap 3,2), para que ela se possa converter.

Filadélfia é uma Igreja com pouca força mas, ao guardar a Palavra de Cristo, foi-lhe aberta uma porta (evangelização/Jerusalém celeste? – ver capítulo I). É Cristo quem tem a chave e, sabendo que aquela Igreja tem pouca força, mas é fiel à sua Palavra, encoraja-a, prometendo guardá-la da tribulação. Esta proclamação é um convite à Igreja de todos os tempos a confiar no Senhor, pois é Ele o autor da salvação e da evangelização – ainda que pareça ter pouca força, o Senhor sabe usar-se disso para fazer grandes coisas. Isto contraria a mentalidade do querer fazer. Só Cristo tem a chave. Só Ele pode abrir. A Igreja tem que confiar mais no seu Senhor e menos nas suas capacidades humanas. Muitas comunidades são grandes exemplos pela sua simplicidade, porque têm esta postura de confiança²⁶³.

Finalmente, Cristo sabe que a Igreja pode ser alvo da duplicidade, da tibieza, tal como acontece com Laodiceia (cf. Ap 3,15). Quando as comunidades vivem na auto-suficiência, convencidas de que já não precisam de nada, não se apercebem que, na realidade são frágeis e que, de um momento para o outro, tudo pode desaparecer²⁶⁴. E isto pode acontecer nos dias presentes. Há cristãos que se apelidam de “não-praticantes”, vivendo uma duplicidade. Mesmo alguns dos que “praticam” poderão cair no mesmo. Vão à missa, mas são capazes de ter condutas e pensamentos que não estão de acordo com o que celebram. Outros dizem: “eu cá tenho a minha fé”, vivendo na auto-suficiência de uma fé imatura e solitária, como se mais ninguém importasse. Por isso o Senhor, que conhece toda esta situação, admoesta a Igreja como *Ámen*, ou seja, Aquele que faz sempre a vontade do Pai, como ‘Testemunha fiel’ e

²⁶³ “(...) a pobreza é o risco que é preciso correr para que a Palavra de Deus se torne convincente aos olhos e aos ouvidos dos homens (...). A acção missionária repousa, com efeito, sobre esses postulados da pobreza real e espiritual (...). Pobreza e fidelidade fazem, pois, uma Igreja frutuosamente missionária” – CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 112-113.

²⁶⁴ “(...) aburguesou-se (...) e a comodidade que se assegurou condu-la progressivamente até o conformismo da boa lei que não fere ninguém, nem sequer a ela. Mas esta suficiência beata constitui a pobreza real de Laodiceia. Como não tem necessidade de nada, não há nela espaço para a esperança e o seu apetite de receber está cheio (...). Portanto, se Cristo não tem nada para lhe dar, vai vomitá-la, afastando-a para longe d’Ele, com repugnância” – CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 1117-1118.

verdadeira e como Princípio da criação de Deus, conduzindo-a à plenitude (cf. Ap 3,14). Ele dá o seu próprio exemplo, para que a Igreja perceba que a sua conduta não deve ser “sim” e “não” ao mesmo tempo e para que não se esqueça que é por a amar que Ele a corrige (cf. Ap 3,19).

João apresenta-nos sete perfis da Igreja, para que cada cristão possa identificar a sua própria situação com as que estão descritas como presentes nessas sete comunidades. E, a partir daqui, possa sentir-se conhecido pelo Senhor, que se dirige a cada leitor para que se converta, confie e saia vencedor e, deste modo, receba o prémio da vida eterna.

2. Cristo fala

Jesus exorta a Igreja, uma vez que, previamente, conhece bem a sua situação. Então dirige-se-lhe, na multiplicidade dos seus títulos, como quem tem autoridade. Sendo modelos da literatura profética e dos éditos reais, as Cartas identificam o remetente para dizer, à semelhança daqueles escritos, que só o Senhor é o verdadeiro soberano. Mas não só. O facto de Jesus falar, por si só já é indicativo de que a sua palavra tem autoridade – verifica-se continuidade com o resto do NT: Jesus manifesta uma autoridade naquilo que diz, que está profundamente ligado com aquilo que faz (como já foi visto no III capítulo). Isto também está patente nas Cartas, mediante o uso dos títulos, ligados à forma que o Ressuscitado tem de agir. Na carta a Esmirna, Cristo apresenta-se como “Aquele que esteve morto mas voltou à vida” (Ap 2,8), manifestando com o seu próprio exemplo de sofrimento que tem autoridade para poder dizer àquela Igreja que não tema nada do que vai sofrer (cf. Ap 2,10).

Sendo um verbo que expressa a relação entre um locutor e um ouvinte²⁶⁵, é usado na fórmula *tade Igei*, que recorda a expressão tipicamente profética “*Isto diz o Senhor*”. No AT, o verbo é usado com a auto-identificação de Deus, que o apresenta como um Deus presente²⁶⁶. Da mesma forma, o autor do Apocalipse pretende mostrar que Cristo, na multiplicidade dos seus títulos, é Aquele que está presente e actuante na Igreja.

A Palavra de Deus tende a realizar-se e, nas sete cartas, tanto as suas ameaças como as suas promessas se orientam ao cumprimento, mas para isso é necessário que se cumpram as condições. A palavra não é eficaz por si mesma, como se fosse magia, mas é por ser Deus

²⁶⁵ Cf. *TDOT*, vol. I, 331-332.

²⁶⁶ Cf. *TDOT*, vol. I, 336.

quem a pronuncia e a torna eficaz²⁶⁷. Por outro lado, só se realiza quando é acolhida pelo receptor, isto é, posta em prática²⁶⁸. Aplicado às sete missivas do Apocalipse, a palavra que o Senhor dirige às Igrejas tende a realizar-se em castigo, se as comunidades se fecharem à mesma; porém, tende a realizar-se em salvação e vida eterna, se as comunidades se abrirem, escutarem e obedecerem ao que diz Jesus. Por isso, este falar de Cristo exprime, à semelhança do que já acontecia no AT, uma ordem que tem de ser obedecida. Tal como no AT, o verbo “dizer” tem como objectivo a escuta, entendimento e resposta do destinatário²⁶⁹ (neste caso, a Igreja). Assim a resposta da Igreja deverá ser a obediência ao mandato do Ressuscitado que se lhe dirige e exorta de várias maneiras. Tal como no resto do NT, quem recusa a Palavra de Cristo, expõe-se ao juízo de Deus; quem a acolhe e guarda tem a vida eterna.

Um outro aspecto a ter em conta é o facto de Iogoj sofrer uma evolução, passando a significar uma ordem criadora do mundo. No NT, especialmente no Prólogo do Evangelho de João, esse sentido atinge outros contornos completamente novos, sendo Iogoj aplicado ao próprio Cristo, pelo qual todas as coisas foram feitas²⁷⁰. Assim, no Apocalipse, é a própria Palavra de Deus que fala e se dirige às sete comunidades, sendo Aquele que é a razão de existir da própria Igreja²⁷¹ e sem o qual esta morrerá²⁷².

Todos estes aspectos do falar de Cristo têm actualidade – Cristo continua a falar à sua Igreja, exortando-a a uma conversão constante, até ao fim dos tempos. Ele fala na Liturgia da Igreja, mediante a Palavra. Fala na oração individual. Actualiza-se na vida de cada cristão. E dirige-se como quem tem autoridade, evocando os seus títulos, que manifestam a sua própria forma de agir: Ele segura firmemente a Igreja e está no meio dela; Ele sofreu a morte, mas está vivo; a Sua palavra é penetrante, como uma espada de dois gumes; é o Filho de Deus, que conhece até à profundidade do ser de cada um, tendo o poder para julgar; tem a plenitude do Espírito, capaz de renovar todas as coisas; só Ele é que é o autor da evangelização e abre as portas à vida eterna; Ele é o Amen e não um “sim” e um “não” ao mesmo tempo, sendo Aquele pelo qual a criação inteira veio à existência. Por isso fala à Igreja, em cada situação

²⁶⁷ Cf. *GLNT*, vol. VI, 330.

²⁶⁸ Cf. *GLNT*, vol. VI, 334.

²⁶⁹ Cf. *TDOT*, vol. I, 331.

²⁷⁰ Cf. *GLNT*, vol. VI, 256-259.

²⁷¹ É Ele que segura com força as sete estrelas e que anda no meio dos sete candelabros – cf. Ap 2,1.

²⁷² “Tens fama de estar vivo, mas estás morto” – Ap 3,1 – “estou a ponto de te vomitar da minha boca” – Ap 3,16.

concreta, nos mais variados contextos, exortando-a, ameaçando-a para que se converta, confortando-a para que não desanime, exactamente porque, previamente, tem conhecimento de toda a sua envolvência. Uma vez que já fizemos uma tentativa de actualizar o objecto do seu conhecimento, relativamente à Igreja de hoje, não nos vamos alongar.

E, recordando o presente durativo usado na fórmula de audição, o que Cristo disse à Igreja naquele tempo vale para hoje e concretiza-se hoje, porque os problemas são os mesmos, ainda que com contornos diferentes: a perda de amor (ainda que se caia no activismo); a perseguição, pobreza e incapacidade de resposta (que pode revelar a riqueza de quem, não tendo nada, se entrega Àquele que pode fazer tudo); o perigo das falsas doutrinas; o perigo da mundanização; a perda de vitalidade e vigor; a perseverança perante as tribulações e custódia da Palavra; o perigo da insipidez e da tibieza, com a agravante da auto-suficiência²⁷³.

3. A Igreja escuta

No final de cada carta aparece a fórmula de audição (nas três primeiras, antes da fórmula do vencedor; nas restantes, a seguir). É como que o corolário das cartas, o seu ponto de chegada. A Igreja depara-se com um imperativo – “quem tem ouvido ouça o que o Espírito diz às Igrejas”. No grego, o uso do imperativo do aoristo (como já foi visto atrás) manifesta uma ordem sobre algo concreto. E isso verifica-se aqui, nas cartas. Cristo é o sujeito da ordem para escrever, como da ordem para escutar. E ordena à Igreja, depois da sua apresentação e em discurso directo, que escute algo de concreto: aquilo que o Espírito lhe diz, ou seja, que escute tudo aquilo que lhe foi dirigido²⁷⁴.

Na literatura profética veterotestamentária, o uso do imperativo para convocar uma assembleia a ouvir já aparecia desde o tempo de Amós. De vez em quando, aparece juntamente com a fórmula de mensageiro (“isto diz o Senhor”), que é exactamente o que temos nas sete cartas. Ocorre, ainda, em frases que são estruturalmente significativas, o que parece ser o caso nas proclamações às comunidades – o que Jesus diz é, deveras, importante, relevante e é para ser ouvido.

²⁷³ Ver o esquema de Enzo Bianchi, concretamente a primeira coluna, que se refere à situação de cada Igreja. – cf. BIANCHI, E., *El Apocalipsis*, 69.

²⁷⁴ É uma ordem que abrange a totalidade das sete mensagens e que tem como objectivo “abandar” o ouvinte para que se converta – cf. CHARLIER, J.-P., *Comprender*, 83 e VANNI, U., *Apocalipsis*, 81.

No AT “ouvir” aparece, não raras vezes, identificado com o “prestar atenção” e “observar a Lei”, mesmo nos profetas, como já vimos anteriormente. Por isso, não será errado sermos levados a pensar que a fórmula de audição se reveste de um carácter parenético, ou seja, de exortação moral – aquilo que Jesus diz à Igreja é para ser obedecido.

É exactamente esta perspectiva que nos apresenta Anne-Marit Enroth²⁷⁵: ao falar da fórmula de audição, a autora mostra que o Espírito e o Senhor Ressuscitado estão identificados para depois defender, mais à frente, que a dita fórmula tem uma função parenética e não esotérica e que, portanto, é dirigida abertamente a todos os ouvintes ou leitores, concretamente, à Igreja no seu todo, representada pelas sete comunidades da Ásia Menor; finalmente, a dita fórmula acaba por enfatizar a promessa ao vencedor, ou seja, aquele que, ouvindo, colocar em prática e for fiel até ao fim, receberá o que é prometido. Por isso, a fórmula tem um sentido positivo e não de condenação ou julgamento.

Posto isto, iremos agora desenvolver alguns elementos da Igreja que escuta.

a) Em primeiro lugar coloca-se uma questão: *‘quem é a Igreja que escuta’?*

No fundo é a Igreja que é alvo do conhecimento do Senhor, com o seu contexto, as suas qualidades, os seus defeitos, os seus problemas.

É uma Igreja que, muitas vezes, trabalha e se afadiga tanto, que é constante e luta pela fé, mas que perdeu o seu amor primitivo, segundo o perfil da Igreja de Éfeso. Noutros contextos, é pobre em aparência e sofre tribulações várias, mas é rica aos olhos de Deus, apesar de caluniada e prestes a ser provada, como Esmirna. Noutras circunstâncias é fiel, não renega a fé, ainda que habite em ambiente hostil à mesma; mas poderá, por causa disso, estar sujeita ao perigo da idolatria e da heterodoxia, como Pérgamo. Como Tiatira, a Igreja pode correr o risco de se mundanizar e paganizar com a idolatria, ainda que possuindo amor, fé, dedicação, constância e obras numerosas. De igual modo, a Igreja poderá estar morta, apesar da sua capa social, possuindo obras imperfeitas, tal como Sardes; mas sempre existe a esperança de um resto que não manchou as suas vestes. Também é alvo da escuta a Igreja que se manifesta com pouca força, mas guarda a palavra e não renega o nome de Cristo, como acontece com Filadélfia. Por fim, à semelhança de Laodiceia, a Igreja pode aparecer como

²⁷⁵ ENROTH, A.-M., «The Hearing Formula in the Book of Revelation», *NTS* 36 (1990) 598-608.

morna, nem fria nem quente, orgulhando-se da sua aparente riqueza e auto-suficiência, mas ser totalmente o contrário aos olhos de Deus.

Por isso, a Igreja que escuta é variada, com contextos muito diferentes, com posturas igualmente diversas. Mas, na multiplicidade das suas epifanias, surge sempre o apelo: “*quem tem ouvido ouça o que o Espírito diz às Igrejas*”.

b) Em segundo lugar, surge a pergunta ‘*o que escuta*’ a Igreja?

Adequada à sua situação, ao seu contexto, a Igreja escuta louvores de Cristo, relativamente ao que está bem e que é para manter. Mas também ouve repreensões e exortações à mudança, à conversão, pois há obras que não estão perfeitas aos olhos de Cristo. Ouve, ainda, uma palavra de conforto, nos casos em que é perseguida ou atribulada, para que não entre em desânimo. Por fim, ouve promessas relacionadas com a vida eterna, que estão destinadas àqueles que vencerem, ou seja, ouvirem e colocarem em prática.

c) Em terceiro, ‘*porque é que escuta*’?

Percorrendo as Cartas, percebemos que a Igreja é convidada a escutar Cristo, essencialmente, porque precisa de se arrepender, converter daquilo que não está bem aos olhos de Deus. Mas também porque pode correr o risco de se deixar vencer pelo medo das perseguições e tribulações, podendo não ser fiel até ao fim. Depois, porque o risco de mundanização, paganização e idolatria é muito elevado e é necessário que a sua postura não vacile. E, ainda, porque pode não ter obras perfeitas e precisa de fortificar o que está a ponto de morrer, bem como de guardar aquilo que já tem, ainda que as suas forças sejam poucas. Por fim, porque pode estar cega para ver e conhecer a sua verdadeira condição, sendo pobre miserável e nua; por isso, precisa de se arrepender e ser zelosa.

Em última instância, “*porque o tempo está próximo*” e, por isso, é necessário escutar e pôr em prática²⁷⁶.

d) Em quarto, ‘*quais as consequências da sua escuta ou não-escuta*’?

Cristo coloca a Igreja perante um dilema: escutar ou não aquilo que Ele lhe diz. Mas esta resposta da Igreja irá ter consequências: “(...) quando Cristo, no seu constante conhecimento da verdade, tem algo contra uma Igreja, a consequência é a alternativa:

²⁷⁶ Cf. Ap 1,3.

arrependimento ou julgamento”²⁷⁷. Se se arrepender, se estiver vigilante, se confiar em Cristo, se for zelosa, etc., é-lhe aberta a possibilidade de sair vencedora e ter acesso à vida celeste. Porém, se recusar escutar os imperativos de Cristo, corre o risco de sofrer aquilo que os títulos cristológicos sugerem tão adequadamente à sua situação concreta. Por isso, a assembleia eclesial é chamada a escutar a palavra do Ressuscitado, que a conduz à conversão²⁷⁸.

e) Em quinto, ‘*o que é que poderá impedir a Igreja de escutar*’?

Nas proclamações às Igrejas, encontramos elementos da sua conduta, que nos poderão fornecer uma resposta.

A fórmula de audição indica que quem ouve é porque tem ouvido, ou seja, a capacidade para escutar e para acolher, pondo em prática. No fundo, trata-se de um ouvido interior, que permite escutar a voz de Cristo pascal²⁷⁹. Por isso, quem não tem este ouvido, ou seja, aquele que recusa as palavras de Cristo, não pode ouvir esta mensagem, porque esta vai implicar uma mudança de vida. Partindo deste aspecto geral, poderemos especificar as atitudes concretas que poderão impedir o ouvir desta mensagem.

Nalgumas cartas, surge o imperativo à conversão. Por isso, a sua falta é um primeiro obstáculo à escuta da mensagem. O medo, que está presente na carta a Esmirna, poderá ser outro obstáculo, daí o imperativo a não temer. A tolerância do paganismo, a mundanização, a falta de vigilância e o desleixo são factores que conduzem a uma incapacidade para escutar, juntamente com o não fortificar daquilo que está mais frágil e debilitado, como adverte Cristo a Pérgamo, Tiatira e Sardes. Outro elemento é o não guardar o que se tem de bom, como exorta o Ressuscitado a Filadélfia. Por fim, a auto-suficiência, a soberba, o não ser zeloso e o deixar a porta fechada a Cristo que bate (a indiferença), poderão causar a mesma atitude do encerramento à palavra de Jesus, como em Laodiceia, onde existe essa forte possibilidade.

f) Finalmente, ‘*nos dias de hoje, onde e quando escuta*’?

Hoje, a Igreja continua a ter como imperativo o escutar Cristo que se lhe dirige, mediante a Palavra que ela escuta na Liturgia que celebra. Partindo dos seus problemas, o Senhor dirige-se-lhe e convida-a a uma escuta obediente, uma vez que Ele é o Senhor da

²⁷⁷ BAUCKHAM, R., *The Theology of the Book of Revelation*, Cambridge University Press, 1993, 122.

²⁷⁸ Cf. VANNI, U., *Apocalisse – libro della Rivelazione – Esegesi bíblico-teologica e implicazioni pastorali*, Centro editoriale dehoniano, Bologna, 2009, 28.

²⁷⁹ Cf. BIGUZZI, G., *Gli splendori*, 36.

mesma. Não nos esqueçamos que o presente durativo está nesta fórmula de audição, o que confere um sentido actual a toda a mensagem que o Espírito (ou seja, Cristo Ressuscitado) dirige à Igreja.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho procurámos pôr em evidência a trilogia “conhecer”, “dizer” e “ouvir” como uma dinâmica que se realiza de Cristo para a Igreja e vice-versa, pois esta, por sua vez, é convidada a responder-Lhe, ou seja, a fazer eco na sua vida daquilo que ouviu do seu Senhor. Mas, enquanto palavra de Cristo, a mensagem de Ap 2-3 não se esgota no tempo; muito pelo contrário, o leitor é convidado a rever-se nela e isso é que faz que ela seja actual.

No I capítulo procurámos mostrar o contexto das Igrejas, bem como um apontamento sobre a mensagem a cada comunidade. Vimos como a sua situação concreta ecoa nas mensagens e que o Senhor das Igrejas lhes fala a partir daí. *Éfeso* é uma cidade ilustre, a residência oficial do governador da província romana e centro do culto imperial; neste contexto, a comunidade cristã daí é convidada, não só, a deixar que Cristo ocupe o lugar central do culto, como ainda a assumir a caridade, que é o motor de todas as actividades. Em *Esmirna*, que era um dos centros do paganismo, os cristãos sentiam-se atribulados por várias frentes. Por isso, Jesus recordava-lhes como Ele próprio experimentou a Paixão e Morte, mas Ressuscitou, exortando os cristãos esmirnenses a não desanimar, já que a sua fidelidade será recompensada. Na história, aquela comunidade viria a tornar-se, a partir do séc. II um dos grandes centros cristãos. Sendo *Pérgamo* uma cidade onde se erigiu o grande altar a Zeus-salvador e onde o culto imperial possuía um dos seus centros, os cristãos de lá sentiam uma grande influência do paganismo, que se começou a manifestar na sua vida. Por isso, para além do uso da expressão “Trono de Satanás”, aplicada ao lugar onde se encontravam e claramente compreendida por eles, Cristo manifesta o poder da sua Palavra, tão penetrante, que derrota o poder do paganismo e a duplicidade de vida. Apesar de *Tiatira* não ser uma cidade preponderante, os cristãos de lá possuíam virtudes e condutas exemplares, conhecidas pelo Senhor. Aparece, não obstante, a influência de uma personagem – Jezabel – que talvez seja a personificação da idolatria e mundanização; porém, o Senhor soberano e onisciente tenta, a todo o custo, desencorajar aquela comunidade a continuar a permitir a sua influência, exaltando a firmeza dos que não se deixaram seduzir. *Sardes*, cidade ilustre e rica e possuindo a presença da idolatria, era considerada, outrora, como inexpugável, até que foi tomada por Ciro. Usando uma metáfora subtil a esse acontecimento histórico, Cristo recorda àquela comunidade que não deve continuar acomodada, mas sim acordar e manter a vigilância e

deixar o estado de “morte” em que se encontra, não vá acontecer que o Senhor apareça como um ladrão, tal como aconteceu com a cidade em relação a Ciro. Apesar do culto imperial e da idolatria, característicos da cidade de *Filadélfia*, e apesar da hostilidade dos judeus, a comunidade eclesial de lá tem conseguido guardar e obedecer à Palavra, não renegando a fé. Por isso o Senhor promete-lhe a vitória, bem como o ser poupada da provação. Como condição, há que continuar a manter-se firme, como o tem feito até então. *Laodiceia* era uma cidade rica e próspera, conhecida pela sua indústria têxtil, pela oftalmologia e pelas riquezas, tendo recusado ajuda a Roma aquando do terramoto de 60 d.C. Participando desta presunção e auto-suficiência, os cristãos de Laodiceia estão numa situação degradante, convencidos de que estão bem. Por isso o Senhor “acorda-os” para os fazer ver a sua real situação – cegueira, pobreza e nudez – convidando à acção, ao zelo, recordando o seu amor por aquela comunidade, para que esta se possa arrepender e revivescer o seu fervor e a sua vida espiritual.

No II capítulo estudámos a estrutura literária da secção de Ap 2-3, verificando que os verbos “conhecer”, “dizer” e “ouvir” formam uma constante nas cartas e contribuem para a sua divisão, salientando a dinâmica do Cristo que fala à Igreja que escuta. Sendo sete as comunidades às quais João escreve, o autor quer simbolizar a Igreja Universal. Usando o presente durativo do verbo $\lambda\epsilon\gamma\omega$, indica que esta mensagem continua válida para quem a lê, o que significa que não se encerra nas coordenadas do espaço e do tempo. Usando a fórmula $\tau\alpha\delta\epsilon \lambda\epsilon\gamma\epsilon\iota$, de sabor profético, mas também com influência dos éditos imperiais, João apresenta Jesus Cristo como o verdadeiro soberano, em contraposição ao imperador romano, instrumento de Satanás contra a Igreja. Por fim, verifica-se que as três fórmulas – $\tau\alpha\delta\epsilon \lambda\epsilon\gamma\epsilon\iota$, $\text{o}\dot{\iota}\delta\alpha$ e $\text{o}\ \epsilon\sigma\omega\nu \text{o}\dot{\upsilon}\dot{\nu}\ \alpha\kappa\omicron\upsilon\sigma\alpha\tau\omega$... – se destacam pela sua constância na estrutura literária e lhe conferem um ritmo.

No III capítulo víamos como a trilogia funciona como núcleo central e temático das Cartas. Os verbos da trilogia encontram eco nos seus correspondentes hebraicos, assumindo alguns matizes destes. Isto reforça a ideia da divindade, soberania e autoridade de Jesus, já que Lhe são atribuídas prerrogativas divinas, usadas no AT. Por sua vez, a verificação do sujeito e objecto dos verbos fez-nos perceber melhor o dinamismo que é pretendido.

O verbo *conhecer*, na sua raiz hebraica $\text{y}\ddot{a}\text{d}\dot{\alpha}$, pode expressar o conhecimento sensorial que se tem do mundo, o que manifesta uma dinâmica entre o “ver” e o “ouvir”, que são

elementos essenciais no conhecimento. Com este pano de fundo salienta-se, ainda mais, a onisciência de Cristo. Ele conhece usando os seus órgãos de percepção, ainda que esta ideia apareça implicitamente. E este dado chama a atenção para o aspecto humano do Salvador, fazendo sobressair ainda mais como Ele está atento à sua Igreja e como ela é o alvo da Sua atenção e do Seu amor, que se manifesta naquilo que lhe diz e no juízo perante o qual a coloca, com vista à conversão. O conhecimento onisciente, aplicado no AT a Yahweh, é agora atribuído a Cristo, realçando a sua divindade, para que a Igreja se dê conta de que não se pode esconder nem defraudar a onisciência de Jesus. O julgamento é outra realidade relacionada com o conhecer; por isso, Cristo protagoniza o juízo das Igrejas, confrontando-a com a própria realidade. Por isto tudo se vê que o sujeito do acto de conhecer, em Ap 2-3, é Jesus Cristo e o objecto do seu conhecimento é aquilo que a Igreja é e faz, bem como o seu contexto e sofrimento. A repetição do verbo sete vezes na fórmula $\theta\iota\epsilon\acute{\alpha}$ (uma por Igreja) é significativa, já que poderá salientar que Cristo possui a plenitude do conhecimento das Igrejas.

O verbo *falar* tem como objectivo, no AT, chamar a atenção sobre o que vai ser proferido, indicando uma relação entre locutor e ouvinte: pressupõe, por isso, a escuta. Esta dimensão está igualmente presente nas sete cartas, uma vez que o uso da fórmula $\tau\alpha\delta\epsilon\ \lambda\epsilon\gamma\epsilon\iota$ chama a atenção do ouvinte (a Igreja) para o que o locutor (Cristo) lhe diz. Por si só (e devido à carga profética) a expressão já dá um enorme peso às palavras de Jesus. Esta fórmula é usada, no AT, como forma de Deus se revelar e se mostrar actuante. Por isso, ao usá-la, João reforça a fé na divindade do Ressuscitado e a sua presença actuante no meio das comunidades eclesiais. Sendo uma palavra verdadeira (resultante da onisciência), vinda de Alguém que possui os atributos divinos (e que, portanto, é Deus) e é o “Princípio da Criação de Deus”, a palavra de Jesus tende a realizar-se. Por isso, a Igreja, confrontada com o juízo do Senhor, é convidada a fazer uma escolha e a receber as consequências da mesma. Mas é convidada, sobretudo, à obediência. E como ela sabe que a palavra do Senhor está ligada à Sua acção, sabe que tem autoridade sobre si e que, por isso, deve acreditar. Acreditar e obedecer são, pois, duas atitudes essenciais que a Igreja deve ter. Se não o fizer, corre o risco de ser excluída. As dimensões da vida terrena, da morte, da ressurreição e da vida celeste de Cristo servem, agora, de exemplo para a Igreja, que escuta os títulos do seu Senhor, e que está a passar por situações semelhantes – o seu itinerário há-de ser o mesmo: o sofrimento, aniquilamento e humilhação que terá de passar conduzi-la-ão à vida eterna. Retomando a ideia joanina da encarnação da

Palavra de Deus, o escritor das cartas deixa entrever a encarnação de Cristo na vida da Igreja, mediante a palavra que Ele lhe dirige. Constata-se, pois, que o sujeito do acto de falar, em Ap 2-3, é Jesus Cristo e o seu objecto é a mensagem propriamente dita, que está sob a forma de discurso directo. Este “falar” reveste-se de intemporalidade, tornando-se sempre actual, pois o uso do presente durativo assim o sugere.

Quanto ao verbo “escutar”, o uso do seu imperativo é algo recorrente no AT e que se mantém nas cartas do Apocalipse. O facto de ocorrer juntamente com a fórmula de mensageiro está presente tanto num como noutro. A sua função é chamar a atenção para o que vai ser dito, no AT. Nas sete proclamações, é chamar a atenção para o que já foi dito, reforçando a ideia de que aquilo que o Senhor disse é mesmo muito importante. A concepção veterotestamentária da obediência, ligada a este verbo, verifica-se presente aqui, pois o carácter da fórmula de audição é parenético. A não escuta/obediência da mensagem terá consequências na vida eclesial. Se olharmos para os anexos 3 e 4, verificamos que, tanto no AT como no NT a ocorrência do verbo “dizer” é preponderante em relação aos outros três. O verbo “ouvir” é o segundo e, por fim, aparece o “conhecer”. Se aplicarmos este dado às Cartas (que não se nota de maneira explícita, mas sim no acento que se coloca em cada verbo), também o acento recai sobre o “dizer” de Cristo, que está em relação com o “ouvir” da Igreja. Toda a mensagem se orienta para aquilo que o Ressuscitado diz. O “conhecer” aparece, poderíamos dizer, como um apêndice, em função da mensagem, salientando a autoridade d’Aquele que a proclama. Constata-se, pois, que o sujeito do verbo “conhecer” é “aquele que tem ouvido”, deixando uma porta aberta a que qualquer leitor se possa identificar com o ouvinte. O objecto é a mensagem que o Senhor dirige às comunidades eclesiais. Sendo esta uma trilogia tipicamente profética, esta característica confere à própria mensagem essa dimensão, dando-lhe credibilidade perante os leitores, acostumados certamente com o AT.

No capítulo IV procurámos fazer uma releitura teológica desta trilogia para os dias de hoje, salientando os aspectos que podem ter uma aplicação pastoral na vida da Igreja. A consciência de que Jesus é onisciente e é Deus conduz à constatação de que Ele está presente na vida da Igreja, se interessa por ela e a ama. Por outro lado, a relação entre Deus e o seu povo é, agora, transferida para este contexto, numa dimensão mais profunda e completa – Jesus Cristo quer manter a Aliança com a Igreja, chama-a constantemente à conversão, à firmeza da fé e à confiança. Porque a ama, não quer que ela se afaste, mas procura, por todos

os meios, que ela se mantenha unida a Si. O perfil da Igreja hoje encontra eco no perfil apresentado em Ap 2-3. Por isso, podemos encontrar uma Igreja que tem qualidades, mas também defeitos e contrariedades; porém, não deve desistir de ser fiel ao seu Senhor. Sintetizando, podemos constatar as seguintes *qualidades*: o trabalho incessante, a fadiga, a luta pela verdadeira doutrina; a resistência perante as tribulações, fraquezas e calúnias; a fidelidade à Palavra, apesar da pouca força da Igreja; o “resto”, que resiste às correntes contrárias – são estes “alguns” que fazem a diferença, uma vez que estamos habituados a uma Igreja de massas, quando só alguns é que permanecem fiéis. Isto deveria fazer-nos pensar até que ponto é que devemos abdicar da nossa radicalidade como forma de evangelização. Não devemos esconder a verdade do Evangelho, nem ter medo de que os outros se “assustem” e não venham. Os *defeitos e contrariedades* são: a falta de caridade; o desânimo e o afrouxamento da fé; o perigo de sedução pelas falsas doutrinas, pelo paganismo, pela mundanização; a “morte” da comunidade eclesial, o desleixo, o aburguesamento da fé, aliado ao refúgio na fama e poder de outrora; a duplicidade, a incoerência de não ser “sim” nem “não”, a auto-suficiência. A consciência de que Cristo nos conhece, enquanto Igreja, deve fazer-nos olhar para dentro de nós próprios e de estar atentos àquilo que Ele nos diz. E as Cartas apresentam-nos uma ajuda para esse fim. A partir delas podemos olhar para dentro de nós e verificar em que perfil nos enquadrámos para, a partir daí, tomarmos a exortação de Cristo como “catapulta” para a mudança. O falar de Cristo expressa a sua autoridade, senhorio, presença e actuação na Igreja. É um falar que julga, porque confronta, mas que salva, se a resposta for positiva. Actualiza-se na escuta da Palavra, na Liturgia, na oração pessoal, em suma, em todos os tipos de oração em que o Cristão se confronta com a Palavra, que é Cristo. A escuta é o ponto de chegada. É o objectivo do falar, aparecendo como imperativo, como ordem. Usado com a fórmula de mensageiro, realça a importância daquilo que Cristo acaba de dizer e possui, deste modo, um sentido parenético, ou seja, de exortação moral. A Igreja escuta porque, de facto, precisa de o fazer – tem o seu contexto próprio e, por isso, a mensagem do Ressuscitado é incisiva, não é desligada da realidade. Ela escuta tanto os louvores como as repreensões, as ameaças como as promessas, para que se possa converter e ser fiel ao Senhor e assim ter acesso à vida eterna. Se não escutar será afastada, não vencerá, porque corta a Aliança com o seu Senhor. E o que pode impedir a escuta é, no fundo, a

teimosia, o não dar o passo de confiar e aceitar a Palavra do Ressuscitado; ou então, a indiferença.

No início do nosso trabalho tínhamo-nos proposto alguns objectivos: Os objectivos propostos foram realizados, à excepção do estudo da aplicação litúrgica. Isto porque nos apercebemos que, para além de tornar o trabalho mais extenso, desnecessariamente, exigiria outra abordagem, que fugiria ao essencial. Não nos pareceu que no texto de Ap 2-3 sobressaísse uma dimensão predominantemente litúrgica, apesar de o contexto geral do Apocalipse a possuir. Pareceu-nos, por isso, mais oportuno o estudo da sua dimensão profética, delimitando, deste modo, o âmbito da abordagem.

Por exemplo, em Ap 2,13 quando se traduz “sei onde habitas”, é o verbo οἶδα que está presente no texto grego; ou quando, em Ap 2,24 se diz “saberão todas as igrejas que sou Eu”, no grego está “Eu sou”, perdendo-se todo o background dessa expressão. Nalguns casos, para apresentar o texto fez-se uma tradução mais literal, com o auxílio do Bible Works 7. O verbo οἶδα, não obstante, ofereceu dificuldades, uma vez que o seu uso no AT raramente tinha Deus como sujeito, mas era aplicado ao conhecimento humano. Percebemos que o verbo que assumia as características pretendidas era o γινώσκω. Porém, este novo dado não veio afectar a investigação, uma vez que na própria pesquisa se descobriu que o uso dos dois verbos era semelhante, no NT, ao nível de significado.

Por fim, há algumas perspectivas teológicas que se podem retirar do texto em estudo, no que diz respeito à trilogia “conhecer”, “dizer” e “ouvir”:

- O falar de Cristo parte de um conhecimento que Ele tem da realidade eclesial. As suas palavras não são ocas, ou vazias de significado; muito pelo contrário: a capacidade de penetrarem no concreto da vida e da existência da Igreja, de ser incisiva, é que vai provocar a reacção da mesma a que volte o seu olhar para o seu Senhor.

- Sendo, agora, o lugar onde Cristo se torna presente no meio dos homens (reforçado pela imagem da *menorah*), a Igreja é convidada a uma conversão, firmeza de fé e confiança no Senhor constantes. E isto é importante, uma vez que ela não pode deixar de ser sacramento do Senhor. E só o consegue se estiver numa atitude de escuta constante do Ressuscitado.

- A dimensão profética da trilogia manifesta um convite a que o leitor/ouvinte saia de si, “desperte” e se deixe conduzir pela Palavra de Jesus. Como mensagem ao estilo profético, o seu objectivo é a conversão constante. Deixa, ainda, transparecer a autoridade de Jesus, cuja

Palavra não é uma qualquer, mas digna da maior atenção. Por isso, nos tempos que correm, o desafio que podemos retirar de Ap 2-3 é a escuta, que requer o silêncio, a receptividade.

Como fomos verificando, este texto das ‘Sete Cartas’ assume uma importância única no quadro da vivência cristã do passado e do presente, do ontem e do hoje da Igreja: quando há comunidades que têm todas as condições humanas para subsistir, normalmente começa o acomodamento, a falta do ardor primitivo, a apatia, o “dormitar” na fé. Quando há perseguições, angústias, normalmente há um “despertar”, que convida à confiança no Senhor. É este o apelo e o grande testemunho que nos vem de Ap 2-3.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

Bíblia de Jerusalém, Paulus, São Paulo, 2010.

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, 5ª Edição, Fátima, 2008

The Greek New Testament, ALAND, B., METZGER, B. M. et all. (ed.), Deutsche Bibelgesellschaft, United Bible Societies, 4ª Edição revista, 2001.

BibleWorks, Version 7.0.012g, 2006

2. Instrumentos de trabalho

a) Diccionários

Diccionario de la Biblia, historia y Palabra, PIKAZA, X., Editorial Verbo Divino, Navarra, 2007.

Encyclopaedia Judaica, vol. III, Keter Publishing House Ltd., 1971.

Encyclopedic Dictionary of Roman Law, BERGER, A., vol. 43, Part 2, The American Philosophical Society, Philadelphia, 1991, 416 in «conventus juridicus» in www.google.pt, 09/08/2011, 09h45m.

Grande Lessico del Nuovo Testamento, MONTAGNINI, F. et all. (ed.), Paideia, Brescia, 1968.

The Anchor Bible Dictionary, FREEDMAN, D. N. (Ed.), Doubleday, New York, 1992.

The interpreter's Dictionary of the Bible, G. A. BUTTRICK (ed.), Abdingdon Press, New York, 1962.

The New Interpreter's Bible, KECK, L. E. (ed.) et all., vol. XII, Abingdon Press, Nashville, 1998.

Theological Dictionary of the Old Testament, BOTTERWECK, G. J. (ed.), William B. Eerdmans Publishing Company, Cambridge, 2003.

b) Gramáticas

GOODWIN, W. W., *Greek Grammar*, St Martin's Press, 1987.

FARFÁN N., E., *Gramática elemental del Hebreo Bíblico*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2003.

JÚNIOR, M. A., *Gramática de Grego*, Alcalá – Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa, 2003.

SWETNAM, J., *Gramática do Grego do Novo Testamento – Parte I: Morfologia, Volume I: Lições*, Paulus, 2ª Ed., 2004.

c) Concordâncias

HATCH, E. – REDPATH, H. A., *Concordance to the Septuagint*, Akademische Druck – U. Verlagsanstalt, Graz-Austria, 1954.

INSTITUTE FOR NEW TESTAMEN TEXTUAL RESEARCH AND THE COMPUTER CENTER OF MÜNSTER UNIVERSITY (Ed.), *Concordance to the Novum Testamentum Graece of Nestle-Aland, 26th Ed., and to the Greek New Testament, 3rd Ed.*, Walter de Gruyter, 3ª Ed., Berlin, New York, 1987.

3. Obras

ALVES, H. et all., *Apocalipse, novos céus e nova terra*, Coleção Dinamização Bíblica, nº9, Difusora Bíblica, 1ª Ed., Lisboa, 1988.

AUNE, D. E., *The World Biblical Commentary*, 52A, Word Books, Publisher, Dallas, Texas, 1997.

BARR, D. L., *Tales of the End. A Narrative Commentary on the Book of Revelation*, Polebridge Press, Califórnia, 1998.

BAUCKHAM, R., *The Theology of the Book of Revelation*, Cambridge University Press, 1993.

BIANCHI, E., *El Apocalipsis. Comentario exegético-espiritual*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2009.

BIGUZZI, G., *Gli splendori di Patmos – Commento breve all'Apocalisse*, Paoline Editoriale Libri, Milano, 2007.

CAIRD, G. B., *The Revelation of St John the Divine*, Adam & Charles Black, London, 1966.

CHARLES, R. H., *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John*, The International Critical Commentary, T.&T. Clark, Edinburg, 1966.

CHARLIER, J.-P., *Comprender el Apocalipsis*, Vol.I; Desclée de Brouwer, Bilbao, 1993.

CUVILLIER, E., *Os Apocalipses do Novo Testamento*, Coleção Cadernos Bíblicos, nº 102, Difusora Bíblica, Fátima, 2009.

- FARMER, W. R. (ed.), *Comentario Bíblico Internacional*, Editorial Verbo Divino, 4ª Ed., Estella, 1999.
- FIORINZA, E. S., *Apocalipsis: visión de un mundo justo*, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 1997.
- GIBLIN, C. H., *The Book of Revelation: The open Book of Profhecy*, The liturgical Press, Collegeville, 1991.
- HOWARD, F. D., *Layman's Bible Book Commentary, 1, 2 & 3 John, Jude, Revelation*, vol. 24, Broadman Press, Nashville, 1982.
- LAMADRID, A. G. et al., *Historia, Narrativa, Apocalíptica*, Introducción al Estudio de la Biblia, nº 3b, Editorial Verbo Divino, Estella, 2003.
- LÄPPLE, A., *A mensagem do Apocalipse para o nosso tempo*, Edições Paulinas, São Paulo, 1971.
- MOLINA, F. C. (coord.), *Apocalíptica e Milenarismo*, Colección Actualidade Bíblica nº 10, Difusora Bíblica, 2006.
- MOLLAT, P. D. et al., *L'Apocalisse*, Associazione Bíblica Italiana, Studi biblici pastorali 2, Paideia-Brescia, 1967.
- MUÑOZ L., D., *Apocalipsis*, Desclée de Brouwer, Henao, 2007.
- RISSI, M., *Time and History: A study on the Revelation*, John Knox Press, Richmond, 1966.
- RUIZ, J. M. G., *Apocalipsis de Juan: El libro del testimonio Cristiano*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1987.
- RUSSEL, D. S., *L'apocalittica giudaica*, Paideia Editrice, Brescia, 1991.
- RUSSEL, D. S., *Divine Disclosure, an Introduction to Jewish Apocalyptic*, Fortress Press, Minneapolis, 1992.
- TUÑI, J.-O., ALEGRE, X., *Escritos Joánicos y Cartas Católicas*, Introducción al estudio de la Biblia 8, Editorial Verbo Divino, 7ª Ed., Estella, 2008.
- VANNI, U., *Apocalipsis*, Editorial Verbo Divino, 7ª Ed., Navarra, 1999.
- VANNI, U., *Apocalisse e Antico Testamento – Una Sinossi*, Editrice Pontificio Istituto Biblico, Roma, 2000.
- VANNI, U., *Apocalisse, libro della Rivelazione – Egesi biblico-teologica e implicazioni pastorali*, EDB, Bologna, 2009.
- Vários, *Uma leitura do Apocalipse*; Cadernos Bíblicos, nº 22, Difusora Bíblica, 1986.

WIHENHAUSER, A., *El Apocalipsis de San Juan*, Editorial Herder, Barcelona, 1969.

4. Artigos

ASURMENDI, J., «¿Apocalíptica en el Nuevo Testamento?» in *Estudios Bíblicos* 61 (2003) 527-555.

AUNE, D. E., «The form and function of the proclamations to the seven churches (Revelation 2-3)» in *New Testament Studies* 36 (1990) 182-204.

DESILVA, D. A., «The Strategic Arousal of Emotions in the Apocalypse of John: A Rhetorical-Critical Investigation of the Oracles to the Seven Churches» in *New Testament Studies* 54 (2008) 90-114.

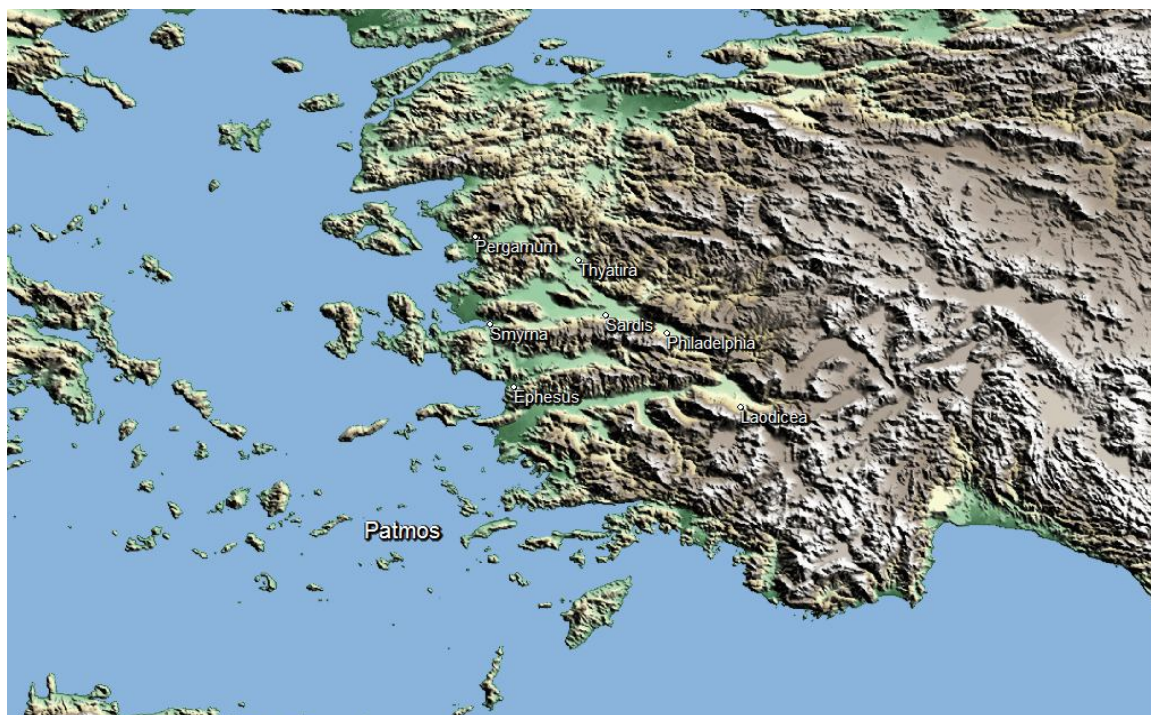
ENROTH, A.-M., «The hearing Formula in the Book of Revelation» in *New Testament Studies* 36 (1990) 598-608.

PÉREZ, G. A., «El Destierro de Babilonia y las raíces de la Apocalíptica» in *Estudios Bíblicos* 56 (1998) 335-355.

SCOBIE, C. H. H., «Local references in the Letters to the Seven Churches» in *New Testament Studies* 39 (1993) 606-624.

ANEXOS

Anexo 1: A localização geográfica das Sete Igrejas do Apocalipse.



Anexo 2: Sinopse das sete mensagens de Ap 2-3 (texto grego).

Em ordem a melhor documentar o texto bíblico apresentado nas páginas 37-44, colocamos, em seguida, a versão grega das Cartas do Apocalipse que, por dificuldades de enquadramento, se transcreve nas páginas seguintes (104-108).

| | | | | | | |
|---|--|---|--|---|---|---|
| <p>Tw/ agge w thj en VEfesw ekk hsiaj grayon\</p> <p>Tade legei o kratwh touj epta. asteraj en th dexia autou(o peripatwh en mesw twh epta. lucniwh twh cruswh\</p> <p>oida ta. erga sou kai. ton kopon kai. thn upomonhn sou kai. o ti ouv dunh bastasai kakouj(kai. epeirasaj touj legontaj eautouj apostolouj kai. ouk eisin kai. eurej autouj yeudeij(kai. upomonhn ecej kai. ebastasaj dia. to. onoma, mou kai. ouv kekopiakej\</p> | <p>Kai. tw/ agge w thj en Smurnh ekk hsiaj grayon\</p> <p>Tade legei o prwtoj kai. o escatoj(oj egeneto nekroj kai. ezhsen\</p> <p>oida, sou thn qliyin kai. thn ptwceian(alla. plousioj eiξ kai. thn blasfhmian ek twh legontwn Vloudaiuj eina eautouj kai. ouk eisin alla. sunagwgh. tou/ Satana\</p> | <p>Kai. tw/ agge w thj en Pergamw ekk hsiaj grayon\</p> <p>Tade legei o ecwn thn romfaian thn distomon thn oxean\</p> <p>oida pou/ katoikeij(opou o qronoj tou/ Satana(kai. krateij to. onoma, mou kai. ouk hrnhsw thn pistin mou kai. en taij hmeraij VAntipaj o martuj mou o pistoj mou(oj apektanqh parV umih(opou o Satana katoikei\</p> | <p>Kai. tw/ agge w thj en Quateiroij ekk hsiaj grayon\</p> <p>Tade legei o uioj tou/ qeou(o ecwn touj ofqal mouj autou/ wj floga puroj kai. oi podej autou/ ofnoi cal kolibanw\</p> <p>oida, sou ta. erga kai. thn agaphn kai. thn pistin kai. thn diakonian kai. thn upomonhn sou(kai. ta. erga sou ta. escata pleiona twh prwtwn\</p> | <p>Kai. tw/ agge w thj en Sardesin ekk hsiaj grayon\</p> <p>Tade legei o ecwn ta. epta. pneumata tou/ qeou/ kai. touj epta. asteraj\</p> <p>oida, sou ta. erga</p> | <p>Kai. tw/ agge w thj en Filadel feia ekk hsiaj grayon\</p> <p>Tade legei o agioj(o alhqinoj(o ecwn thn kleih Daid(o anoigwn kai. oudeij kleisei kai. kleiwn kai. oudeij anoigei\</p> <p>oida, sou ta. erga(idou. dedwka enwpion sou quran hnewgmenhn(h oudeij dunatai kleisai authn(o ti mikran ecej dunamin kai. ethrsaj mou ton logon kai. ouk hrnhsw to. onoma, mou\ idou. didw/ ek thj sunagwghj tou/ Satana/ twh legontwn eautouj</p> | <p>Kai. tw/ agge w thj en Laodikeia ekk hsiaj grayon\</p> <p>Tade legei o amhn(o martuj o pistoj kai. alhqinoj(h arch. thj ktisewj tou/ qeou\</p> <p>oida, sou ta. erga</p> |
|---|--|---|--|---|---|---|

| | | | | | | |
|---|--|--|--|---|---|---|
| <p>al la. eçw kata. sou/ ołti thn agaphn sou thn prwthn arfhkeja</p> | | <p>al IV eçw kata. sou/ oł iga ołti ecej ekei/ kratouhtaj thn didachn Balaam(oj edidasken tw/ Balak baleih skandalon</p> | <p>al la. eçw kata. sou/ ołti afeij thn gunaika Vlezabel(h legousa eauthn profhtin kai. didaskei kai. plana/ touj emouj douloj</p> | <p>ołti onoma ecej ołti zhj(kai. nekoj ei#</p> | <p>Vloudaiouj einai(kai. ouk eisin alla. yeudontai# idou. poihsu autouj iha hkousin kai. proskunhsousin enwpion twh podwh sou kai. gnwsin ołti egw. hgaphsa, se# ołti ethrsaj ton logon thj upomonhj mou(kagw, se thrhsw ek thj wraj tou/ peirasmou/ thj melloushj ercesqai epi. thj oikoumenhj ołhj peirasai touj katoikouhtaj epi. thj ghja</p> | <p>ołti oute yucroj ei= oute zestoj# ofelon yucroj hj h' zestoj# outwj ołti cliaroj ei=kai. oute zestoj oute yucroj(mellw se emesai ek tou/ stomatoj mou# ołti</p> |
|---|--|--|--|---|---|---|

| | | | | | | |
|---|--|--|---|--|--|--|
| <p>mnhmoneue ou# pogen peptwkaj kai. metanohson</p> | <p>mhden fobou/a] me,l lej pascein# idou.</p> | <p>enwpion twh uiwh VlsrahI fageih eidwloquta kai. porneusai# outwj ecej kai. su. kratouhtaj thn didachn Itwh# Nikolai twh omoiwj#</p> | <p>porneusai kai. fageih eidwloquta# kai. edwka auth/ cronon iha metanohsh(kai. ouv qe,lei metanohsai ek thj pornejaj authj# idou. ba,lw authn eij klijhn kai. touj moiceuontaj met/ authj eij qliyin megalhn(ean mh. metanohswn ek twh ergwn authj(kai. ta. tekna authj apoktenw/en qanatw# kai. gnwsontai pasai ai ekklhsiai oti egw, eimi o eraunwh nefrouj kai. kardiaj(kai. dwsu umih ekastw kata. ta. erga umwh#</p> | <p>ginou grhgorwh kai. sthrison ta. loipa. a]emel on</p> | <p>ercomai tacu\ kratei o]ecej(</p> | <p>legeij oti Plousioj eimi kai. peplouthka kai. ouden creian ecw(kai. ouk oidaj oti su. ei=o talaiwroj kai. eleinoj kai. ptwcoj kai. tufloj kai. gumnoj(sumbouleuw soi agorasai par/ emou/ crusion pepurwmenon ek puroj iha plouthshj(kai. imatia leuka. iha periba,lh kai. mh. fanerwqh/ h aiscunh thj gumnothtoj sou(kai. kolI Iodurion egcriasai touj oifqalmouj sou iha blephj# egw. o]souj ean filw/ el egcw kai. paideuw\ zh]eue oua kai. metanohson# Ildou. e]sthka epi. thn</p> |
|---|--|--|---|--|--|--|

| | | | | | | |
|---|--|--|---|--|---|--|
| <p>kai. ta. prwta erga poihson\</p> <p>eivde. mh(ercomai, soi kai. kinshw thn lucian sou ek tou/ topou autj(ean mh. metanohshjÅ</p> <p>al la. touto ecej(oti miseij ta. erga twh Nikolaitwh a] kagw. miswÅ</p> <p>-O ecwn ouj</p> | <p>me, lei ba, lein o' diabolj ex umwh eij fulakhn iha peirasqhte kai. ekete qliyin hmerwh dekaÅ ginou pistoj acri qana,tou(kai. dws sw soi ton stefanon thj zwhjÅ</p> <p>-O ecwn ouj</p> | <p>eivde. mh(ercomai, soi tacu. kai. polemshw metV autwh en th/ romfaia] tou/ stomatoj mouÅ</p> <p>-O ecwn ouj</p> | <p>Quateiroij(o'soi ouk ecousin thn didachn tauthn(oitinej ouk egnwsan ta. baqea tou/ Satana/ wj legousin\ ouw ba, lw efV uma] allo baroj(²⁵ plhn o] ecete krathate acri i]j ou- ah hkwÅ</p> | <p>apoganei h(ouw gar eufhka, sou ta. erga peplhrwmena enwpion tou/ qeou/ mouÅ ³ mh moneue ouw pwj eithfaj kai. hkousaj kai. threi kai. metanohsonÅ</p> <p>ean ouw mh. grghorshj(hkw wj klepthj(kai. ouw mh. gnw] poian w]ran hkw epi. seÅ</p> <p>al la. ecej olig a onomata en Sardesin a] ouk emolunan ta. imatia autwh(kai. peripathsousin metV emou/ en leukoij(oti axioi, eisinÅ</p> | <p>iha mhdeij labh ton stefanon souÅ</p> | <p>quran kai. krouw\ ean tij akousj thj fwnhj mou kai. anoixh thn quran(i kai o ei se leusomai proj auton kai. deipnshw metV autou/ kai. autoj metV emouÅ</p> |
|---|--|--|---|--|---|--|

| | | | | | | |
|--|---|--|--|--|---|---|
| <p>akousaṭw ti, to. pneuma legei taij ekkhhsiaijā</p> <p>Tw/nikwhṭi dwsw autw/ fageih ek tou/ xulou thj zwhj(ojestin en tw/ paradeisw/ tou/ qeouā</p> | <p>akousaṭw ti, to. pneuma legei taij ekkhhsiaijā</p> <p>-O nikwh ouv mh. adikhqh/ ek tou/ qanaṭou tou/ deuterouā</p> | <p>akousaṭw ti, to. pneuma legei taij ekkhhsiaijā</p> <p>Tw/nikwhṭi dwsw autw/ tou/ manna tou/ kekrummenou kai. dwsw autw/ yhfōn leukhn(kai. epi. thn yhfōn onoma kainon gegrammenon o/ ourdeij oiden eiv mh. o lambanwnā</p> | <p>Kai. o nikwh kai. o thrwh acri telouj ta. erga mou(dwsw autw/ ekousian epi. twh eqrwh kai. poimanei/ autouj en rabdw/ sidhra/ wj ta. skeuh ta. keramika. suntribetai(wj kagw. eilhfa para. tou/ patroj mou(kai. dwsw autw/ ton asterā ton prwiṭonā ²⁹</p> <p>-O eḥwn ouj akousaṭw ti, to. pneuma legei taij ekkhhsiaijā</p> | <p>-O nikwh outwj peribaleitai en imatiōij leukoij kai. ouv mh. ekaleiyw to. onoma autou/ ek thj biblou thj zwhj kai. omologhsw to. onoma autou/ enwpion tou/ patroj mou kai. enwpion twh aggelwn autouā</p> <p>-O eḥwn ouj akousaṭw ti, to. pneuma legei taij ekkhhsiaijā</p> | <p>-O nikwh poihsw auton stul on en tw/ naw/ tou/ qeou/ mou kai. exw ouv mh. ekelqh/ eti kai. grayw epl/ auton to. onoma tou/ qeou/ mou kai. to. onoma thj polewj tou/ qeou/ mou(thj kainhj Vlerousalhm h katabainousa ek tou/ ouranou/ apo. tou/ qeou/ mou(kai. to. onoma, mou to. kainonā</p> <p>-O eḥwn ouj akousaṭw ti, to. pneuma legei taij ekkhhsiaijā</p> | <p>-O nikwh dwsw autw/ kaqisai metV emou/ en tw/ qronw/ mou(wj kagw. enikhsa kai. ekaqisa meta. tou/ patroj mou en tw/ qronw/ autouā</p> <p>-O eḥwn ouj akousaṭw ti, to. pneuma legei taij ekkhhsiaijā</p> |
|--|---|--|--|--|---|---|

Anexo 3: Ocorrências dos verbos no AT (LXX)

1. oida²⁸⁰

| LXX | Traduz o termo hebraico [dy ⁿ] |
|-----------------|--|
| Gen – 17 x | 16 x |
| Ex – 18 x | 18 x |
| Lv – 1 x | 1 x |
| Nm – 6 x | 3 x |
| Dt – 24 x | 22 x |
| Jos – 5 x | 3 x |
| Jz – 4 x | 3 x |
| Ru – 2 x | 2 x |
| 1 Re – 16 x | 15 x |
| 2 Re – 14 x | 13 x |
| 3 Re – 12 x | 11 x |
| 4 Re – 4 x | 3 x |
| 1 Cr – 1 x | 1 x |
| 2 Cr – 8 x | 7 x |
| 2 Esd – 2 x | 2 x |
| Ne – 1 x | 1 x |
| Tob – 2 x | — |
| Jud – 1 x | — |
| Est – 4 x | 1 x |
| Job – 50 x | 35 x |
| Sal – 2 x | 1 x |
| Prov – 11x | 7 x |
| Ecl – 9 x | 7 x |
| Cant – 1 x | — |
| Sab – 19 x | — |
| Sir – 6 x | — |
| Am – 1 x | 1 x |
| Jl – 1 x | 1 x |
| Jn – 1 x | 1 x |
| Ag – 1 x | — |
| Zac – 1 x | 1 x |
| Is – 18 x | 11 x |
| Jer – 12 x | 12 x |
| Bar – 1 x | — |
| Ez – 1 x | — |
| Dan. LXX – 7 x | 1 x |
| Bel LXX – 1 x | — |
| Dan. Teod – 6 x | 3 x |

²⁸⁰ «eidenai» in HATCH, E. – REDPATH, H. A., *Concordance to the Septuagint*, vol. I, Akademische Druck – U. Verlagsanstalt, Graz-Austria, 1954, 374-375.

| | | |
|-------------|-------|-----|
| 1 Mac – 7 x | ----- | --- |
| 2 Mac – 3 x | ----- | --- |
| 3 Mac – 1 x | ----- | --- |
| 4 Mac – 5 x | ----- | --- |

2. *legw*²⁸¹

| LXX | Traduz o termo hebraico $\Gamma\mu\alpha'$ | Aparece na fórmula tade legei e variantes ²⁸² (relativamente aos profetas) |
|----------------------|--|---|
| Gen – 626 x | ----- | 593 x |
| Ex – 331 x | ----- | 291 x |
| Lv – 94 x | ----- | 77 x |
| Nm – 267 x | ----- | 236 x |
| Dt – 152 x | ----- | 139 x |
| Jos – 144 x | ----- | 122 x |
| Jz – 278 x | ----- | 272 x |
| Ru – 57 x | ----- | 54 x |
| 1 Re (1 Sam) – 443 x | ----- | 411 x |
| 2 Re (2 Sam) – 343 x | ----- | 327 x |
| 3 Re (1 Re) – 367 x | ----- | 315 x |
| 4 Re (2 Re) – 361 x | ----- | 344 x |
| 1 Cr – 76 x | ----- | 72 x |
| 2 Cr – 191 x | ----- | 180 x |
| 1 Esd – 52 x | ----- | --- |
| 2 Esd – 20 x | ----- | 20 x |
| Ne – 62 x | ----- | 59 x |
| Tob – 148 x | ----- | --- |
| Jud – 66 x | ----- | --- |
| Est – 62 x | ----- | 44 x |
| Job – 117 x | ----- | 93 x |
| Sal – 103 x | ----- | 99 x |
| Prov – 33 x | ----- | 20 x |
| Ecl – 20 x | ----- | 19 x |
| Cant – 6 x | ----- | 2 x |
| Sab – 8 x | ----- | --- |
| Sir – 42 x | ----- | --- |

²⁸¹ «legein» in HATCH, E. – REDPATH, H. A., *Concordance to the Septuagint*, vol. II, 863-872 e «eipeih» in HATCH, E. – REDPATH, H. A., *Concordance to the Septuagint*, I, 384-401.

²⁸² Como variantes de tade legei kurioj aparecem, entre outras, as seguintes: legei kurioj, legei kurioj o qeoj, tade legei kurioj o qeoj o pantokratwr, legei kurioj twh dunamewn, legei kurioj o qeoj umwh, legei kurioj pantokratwr, legei kurioj o pantokratwr, tade legei kurioj pantokratwr, legei kurioj sabawq, legei kurioj o qeoj tou/ \srah\, tade legei kurioj sabawq, tade legei o agioj tou/ \srah\. Iremos colocar todas as referências a esta fórmula e variantes, mas que possuam ligação a Deus, como sujeito da fórmula. Geralmente, quando aparece a fórmula tade legei, traduz o termo hebraico $\Gamma\mu\alpha'$; quando a fórmula é somente legei, geralmente traduz

| | | |
|-------------------|-------|-------|
| Os – 34 x | 19 x | 4 x |
| Am – 73 x | 52 x | 42 x |
| Miq – 12 x | 10 x | 4 x |
| Jl – 6 x | 5 x | 1 x |
| Abd – 3 x | 2 x | 2 x |
| Jn – 22 x | 21 x | — |
| Na – 4 x | 2 x | 3 x |
| Hab – 4 x | 4 x | 1 x |
| Sof – 11 x | 5 x | 4 x |
| Ag – 39 x | 25 x | 20 x |
| Zac – 126 x | 104 x | 44 x |
| Mal – 43 x | 40 x | 27 x |
| Is – 281 x | 226 x | 75 x |
| Jer – 528 x | 421 x | 153 x |
| Bar – 7 x | — | — |
| Lam – 11 x | 9 x | — |
| Ep. Jer - 1 x | — | — |
| Ez – 476 x | 354 x | 213 x |
| Dan. LXX – 98 x | 58 x | — |
| Bel LXX – 26 x | — | 1 x |
| Dan. Teod – 114 x | 87 x | — |
| Bel Teod – 13 x | — | — |
| 1 Mac – 93 x | — | — |
| 2 Mac – 42 x | — | — |
| 3 Mac – 16 x | — | — |
| 4 Mac – 55 x | — | — |

3. *akouiv*²⁸³

LXX

Traduz o termo hebraico [m^v']

Aparece no
Imp^{vo}. do Aor. Act.
(relativamente aos profetas)

| | |
|---------------------|------|
| Gen – 48x | 44 x |
| Ex – 18 x | 16 x |
| Lv – 3 x | 3x |
| Nm – 27 x | 27 x |
| Dt – 63 x | 59 x |
| Jos – 23 x | 21 x |
| Jz – 18 x | 17 x |
| Ru – 2 x | 2 x |
| 1 Re (1 Sam) – 61 x | 61 x |
| 2 Re (2 Sam) – 30 x | 30 x |
| 3 Re (1 Re) – 46 x | 43 x |
| 4 Re (2 Re) – 39 x | 38 x |

²⁸³ «akouein» in HATCH, E. – REDPATH, H. A., *Concordance to the Septuagint*, vol. I, 45-49.

| | | | |
|------------------------|-------|-------|------------|
| 1 Cr – 9 x | ----- | 9 x | |
| 2 Cr – 39 x | ----- | 33 x | |
| 1 Esd (apócrifo) – 7 x | ----- | — | |
| 2 Esd (Esdras) – 3 x | ----- | 3 x | |
| Ne – 24 x | ----- | 24 x | |
| Tob – 18 x | ----- | — | |
| Jud – 19 x | ----- | — | |
| Est – 7 x | ----- | 3 x | |
| Job – 46 x | ----- | 33 x | |
| Sal – 40 x | ----- | 38 x | |
| Prov – 18 x | ----- | 17 x | |
| Ecl – 7 x | ----- | 7 x | |
| Cant – 2 x | ----- | 1 x | |
| Sab – 5 x | ----- | — | |
| Sir – 22 x | ----- | — | |
| Os – 2 x | ----- | 2 x | ----- 2 x |
| Am – 8 x | ----- | 8 x | ----- 5 x |
| Miq – 7 x | ----- | 7 x | ----- 6 x |
| Jl – 1 x | ----- | 1 x | ----- 1 x |
| Abd – 1 x | ----- | 1 x | ----- — |
| Jn – 1 x | ----- | 1 x | ----- — |
| Na – 2 x | ----- | 2 x | ----- — |
| Sof – 1 x | ----- | 1 x | ----- — |
| Ag – 1 x | ----- | 1 x | ----- — |
| Zac – 3 x | ----- | 3 x | ----- — |
| Mal – 1 x | ----- | 1 x | ----- — |
| Is – 90 x | ----- | 75 x | ----- 25 x |
| Jer – 145 x | ----- | 139 x | ----- 27 x |
| Bar – 17 x | ----- | — | ----- 4 x |
| Lam – 5 x | ----- | 5 x | ----- 2 x |
| Ez – 44 x | ----- | 42 x | ----- 9 x |
| Dan LXX – 20 x | ----- | 13 x | ----- — |
| Dan Teod – 22 x | ----- | 18 x | ----- 3 x |
| Bel Teod – 1 x | ----- | — | ----- — |
| 1 Mac – 52 x | ----- | — | |
| 2 Mac – 6 x | ----- | — | |
| 3 Mac – 4 x | ----- | — | |
| 4 Mac – 8 x | ----- | — | |

Anexo 4: Ocorrências dos verbos no NT²⁸⁴

| 1. akouw | 2. legw | 3. oida |
|---|---|---|
| Mt – 63 x Mc – 46 x Lc – 65 x Jo – 59 x Act – 89 x Cartas de Paulo – 34 x Heb – 8 x Tg – 3 x 2 Pe – 1 x 1 Jo – 14 x 2 Jo – 1 x 3 Jo – 1 x Ap – 46 x (Ap 2-3 – 9 x; em 3,3 e 3,20 fora da fórmula \bar{o} $\epsilon\kappa\omega\nu$ ou \bar{j}) <hr/> NT 430 x | Mt – 475 x Mc – 289 x Lc – 515 x Jo – 474 x Act – 230 x Cartas de Paulo – 115 x Heb – 38 x Tg – 12 x 2 Pe – 1 x 1 Jo – 8 x 2 Jo – 2 x Jds – 3 x Ap – 100 x (Ap 2-3 – 21 x; em 2,2.20.24 e 3,9.17 fora das fórmulas; em 2,1.8.12.18 e 3,1.7.14 na fórmula $\tau\alpha\delta\epsilon$ $\lambda\epsilon\gamma\epsilon\iota$; em 2,7.11.17.29 e 3,6.13.22 na fórmula \bar{o} $\epsilon\kappa\omega\nu$ ou \bar{j} ...; em 2,9 na fórmula \bar{o} $\iota\delta\alpha$ sou) <hr/> NT 2262 x | Mt – 24 x Mc – 21 x Lc – 25 x Jo – 84 x Act – 19 x Cartas de Paulo – 103 x Heb – 3 x Tg – 4 x 1 Pe – 2 x 2 Pe – 3 x 1 Jo – 15 x 3 Jo – 1 x Jds – 2 x Ap – 12 x (Ap 2-3 – 9 x; em 2,17 e 3,17 fora da fórmula \bar{o} $\iota\delta\alpha$ sou $\tau\alpha$ $\epsilon\rho\gamma\alpha$; em 2,2 com a inversão \bar{o} $\iota\delta\alpha$ $\tau\alpha$ $\epsilon\rho\gamma\alpha$ sou; em 2,9 com a variante \bar{o} $\iota\delta\alpha$ sou $\tau\eta\nu$ $\kappa\lambda\iota\gamma\iota\nu$; em 2,13 com a variante \bar{o} $\iota\delta\alpha$ pou/ $\kappa\alpha\tau\omicron\iota\kappa\epsilon\iota\bar{j}$) <hr/> NT 318 x |

²⁸⁴ INSTITUTE FOR NEW TESTAMEN TEXTUAL RESEARCH AND THE COMPUTER CENTER OF MÜNSTER UNIVERSITY (Ed.), *Concordance to the Novum Testamentum Graece of Nestle-Aland, 26th Ed., and to the Greek New Testament, 3rd Ed.*, Walter de Gruyter, 3^a Ed., Berlin, New York, 1987; 70-80, 1113-1167 e 1319-1326.